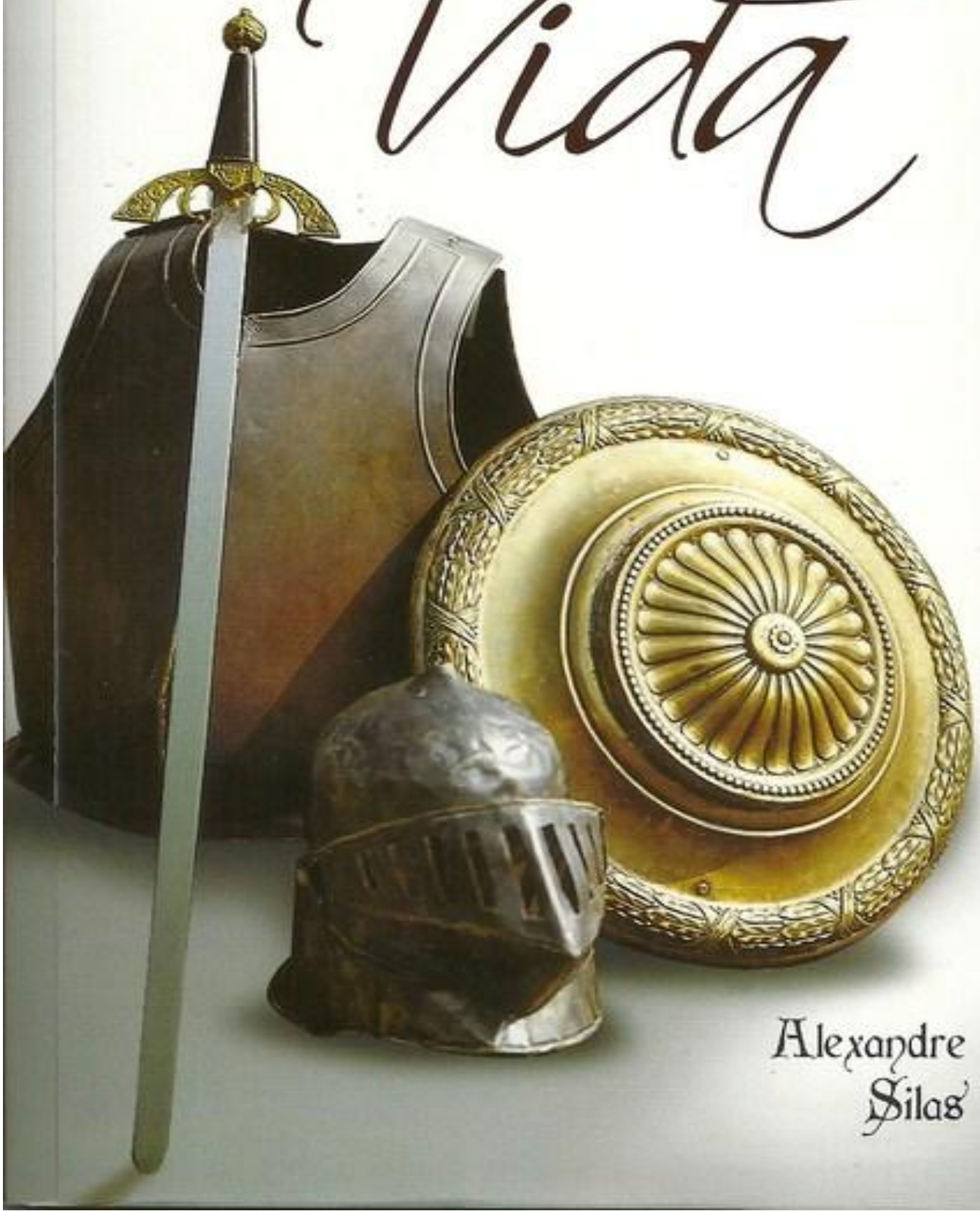
CPAD

Vencendo as aflições da Vida



Alexandre Coelho
Silas Daniel

Vencendo as aflições da Vida



Alexandre Coelho e Silas Daniel

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2012

Todos os direitos reservados. Copyright © 2012 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Elaine Arsênio
Capa: Wagner de Almeida
Projeto Gráfico e Editoração: Luiz Felipe Kessler

CDD: 248 - Vida Cristã
ISBN: 978-85-263-0200-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso sile: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro - RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2012 Tiragem: 12.000

Sumário

Prefácio 5
No mundo tereis aflições 6
A enfermidade na vida do crente 16
A morte para o verdadeiro cristão 26
O conforto na hora do luto 34
O estado de viuvez 41
Quando a despensa esta vazia 49
Ganhando o cônjuge não crente 58
Rebeldia dos filhos cristãos 67
Dívidas — a conseqüência do consumismo 77
A perda de bens na vida cristã 83
Um grave pecado chamado inveja 89
Abandonado por irmãos e amigos 97
O cristão e a violência 103
A verdadeira motivação do crente 116
A vida plena — Apesar das aflições 125
Referências Bibliográficas 131

PREFÁCIO

Silas Daniel e Alexandre Coelho são dois zelosos cultores das letras teológicas. Não se limitando a ler afadigam-se a pesquisar os temas pertinentes a Deus e às suas relações com o ser humano como, por exemplo, o problema do sofrimento humano. E a pergunta é inevitável: "Por que o justo é afligido por tantos males?"

Tal indagação não pode ser respondida de forma simplória; requer uma resposta fundamentada na Bíblia. Foi o que ambos fizeram. Aproveitando-se de sua ampla e respeitada experiência cristã, ministerial e acadêmica, puseram-se a trabalhar a questão. E tendo como ponto de partida a Palavra de Deus, buscaram alicerçar solidamente suas abordagens, pois sabem que a temática da angústia do justo demanda ingentes e exaustivas procuras.

Ao contrário dos pensadores seculares, que estão mais interessados nas perguntas do que nas respostas, Silas e Alexandre foram ao encalço de soluções legitimamente bíblicas; sua busca não foi em vão. Temos, aqui, um trabalho sério e bem alicerçado.

Neste livro, partindo de um cotidiano atribulado e aflitivo, nossos autores apresentam a simplicidade do Evangelho como a única solução à complexa problemática das aflições do crente. Eles discorrem sobre as doenças, escassez, abandono, violência e morte. O seu tom, porém, não é pessimista; é evangelicamente positivo.

Eles mostram ainda que o sofrimento na vida do crente tem um caralu pedagógico. Seu objetivo não é a destruição do justo, mas a glorificação do santo. Com isso, deitam por terra algumas teologias que, enfatizam a posse dos bens materiais como a essência da felicidade humana, ignoram propositalmente a didática divina. Afinal, a advertência do Cristo continua a nos ressoar na alma: "No mundo tereis aflições".

Leia, portanto, esta obra com reflexão. Submeta-se à vontade divina, E caso esteja afligido por algum sofrimento, lembre-se: é nas tribulações que o Senhor nos encontra.

Claudionor de Andrade
Rio, 13 de abril de 2012.

1

NO MUNDO TEREIS AFLIÇÕES

Tratar do assunto "aflição" é sempre melindroso. Como homens, desejamos não passar por momentos de adversidades, mas ainda que não o desejemos, passamos por elas assim mesmo. As aflições nos incomodam porque, via de regra, roubam nossa estabilidade emocional, tempo e, muitas vezes, a paz com Deus.

As aflições acompanham a humanidade desde a queda de Adão. Faço questão de situar o primeiro homem como referência, da mesma forma que a Bíblia o faz, para demonstrar que os momentos de adversidades acompanham a raça humana desde que Adão decidiu desobedecer a Deus e pecar. Não há registro de que tenha havido aflições com Adão e Eva antes da queda.

Aflições e sofrimento, portanto, são inerentes à existência humana em um mundo atingido igualmente pelo pecado. E independentemente da fé que o ser humano professa, problemas e dificuldades afetam os que creem em Deus e os que não o tem como seu Senhor. Basta viver neste mundo para ser afligido de diversas formas. Não há exceções nem meios-termos.

Tendo isso em mente, precisamos analisar a perspectiva cristã e bíblica da origem das aflições, suas consequências e se, de alguma forma, é possível um cristão crescer com elas. Para trazer uma perspectiva equilibrada acerca deste assunto, veremos o que Deus diz em sua Palavra.

No Antigo Testamento

De forma geral, o Antigo Testamento nos mostra que a origem das aflições reside no primeiro ato de desobediência contra Deus. Deus criou o homem e o colocou em um jardim para o guardar e dele se manter Dor

meio do trabalho. Deixou também uma restrição clara para Adão: Não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A decisão de obedecer a Deus ou não residiu na consciência do homem, que preferiu ver até onde iam os limites impostos por Deus e quais consequências o aguardavam no caso de uma possível desobediência. Tomada essa postura rumo à desobediência, o primeiro homem abriu à sua descendência a morte, e com ela, as demais tribulações

É evidente que há outros fatores como a preguiça, desobediência aos pais, ausência de disciplina dos pais para com seus filhos, entre outros. Mas para que não haja uma generalização, reconhecemos que há casos em que uma aflição atinge uma pessoa sem que esta tenha colaborado com aquela. A perda de um parente provedor, por exemplo, é relatada no Antigo Testamento como um desses fatores, como quando Noemi e sua família foram para Moabe; lá Noemi ficou viúva e perdeu seus dois filhos. Portanto, circunstâncias da vida podem, independentemente da vontade de uma pessoa, trazer-lhe sofrimentos.

No Novo Testamento

O Novo Testamento também fala de aflições. Jesus reconheceu a existência do sofrimento neste mundo, e certa vez contou uma parábola sobre dois tipos de pessoas: as que ouviam suas palavras e as praticavam, e as pessoas que ouviam suas palavras, mas não praticavam. A descrição feita de ambas as pessoas comporta aflição e dificuldades em suas empreitadas:

> Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumprem, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda. (Mt 7.24-27)

Como podemos perceber, as aflições desta vida vêm tanto para aqueles que buscam agradar a Deus sendo-lhe obedientes quanto para aqueles que decidem manter-se rebeldes à Palavra de Deus. Todos são atingidos por adversidades. A diferença entre esses dois grupos de pessoas é a base onde cada um constrói sua existência.

As Aflições do Tempo Presente

Aflições na natureza

"Os céus são os céus do Senhor; mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens" (SI 115.16). Não há que se negar que a humanidade caminha para a beira de um colapso no tocante à natureza. A poluição, desmatamentos e outros fatores têm agravado os riscos ambientais em nossos dias. O homem tem se mostrado irresponsável pela administração da terra que lhe foi dada. Uma das maiores riquezas que o Brasil tem é, sem dúvida, a Amazônia. Esta vem sendo devastada de tal forma que os impactos do desmatamento podem ser definidos como a perda de biodiversidade, a redução da ciclagem da água (e da precipitação) e contribuições para o aquecimento global. Dados fornecidos pelo INPE indicam que, em novembro e dezembro de 2011, a área degradada na Amazônia brasileira aumentou de 135 km2 para 218 km2. A pesquisa aponta que "em 23 anos, o processo de destruição da floresta (desmatamento total e degradação grave) já amputou 35% da floresta, aproximando-se da previsão, que parecia apocalíptica nos anos 1980, de que a floresta amazônica poderia desaparecer em 50 anos" (Jornal O Globo, 4/2/2012). Basta dizer que a variedade de organismos vivos em um determinado ambiente (biodiversidade) está sendo comprometida pela inserção de novas espécies em ambientes que lhes são estranhos, contaminação do solo e desmatamentos. Não é a toa que a natureza demonstra seus transtornos de forma tão vivida.

Cremos que haverá um novo céu e uma nova terra, e essa promessa bíblica a cada dia deve se tornar mais vivida em nossa mente. Contudo, isso não nos isenta de cuidar, hoje, do que temos em nossas mãos.

Problemas de ordem econômica

No momento em que escrevo este capítulo, ouço notícias sobre a situação econômica da Europa. O Velho Continente se debate com uma crise financeira sem precedentes em diversos Estados Membros, que ou não se entendem, ou, quando conseguem aceitar regras impostas para melhorias, acabam punindo suas populações com diminuição de investimentos nos setores sociais.

Enquanto países mais antigos c tidos por "avançados" agonizam com suas economias em crise, países em desenvolvimento como Brasil, China, índia e África do Sul vêm conseguindo polarizar suas economias de forma estável. Esta é uma mostra de que a economia mundial sofreu e sofre modificações com o passar do tempo.

Como cristãos, precisamos entender que a Bíblia deixa claro que o amor às riquezas jamais podem ser a base de um grupo social, pois elas são instáveis. Quem confia no dinheiro, e não em Deus, deposita sua vida em um alicerce movediço. É claro que Deus pode conceder grandes riquezas a seus servos, para que estes as administrem como bons e fiéis mordomos, pois dessa mordomia prestarão contas: "a quem muito for dado, muito será cobrado". Mesmo nesses casos, quem recebe essa graça de Deus e tem mais do que necessita para viver pode contribuir para que haja mais equilíbrio para com aqueles que têm menos que o necessário para sua subsistência.

De ordem física

As doenças que afligem a humanidade atingem também os crentes. Vivemos com as regras deste mundo, em um corpo de humilhação, sujeito, então, às limitações impostas pela natureza humana. Portanto, seja por questões hereditárias, seja por causa de hábitos alimentares e outros adquiridos ao longo da vida, ou ainda por descuido para com o templo do Senhor, crentes são alvo de doenças, como qualquer outra pessoa.

Outros fatores podem ser apontados como determinantes para que haja desordens em nossos corpos. No mundo moderno, a ingestão de gorduras vem sendo um problema sério nas sociedades mais abastadas. Comidas com altos índices calóricos e abuso na utilização de condimentos vêm aumentando o número de pessoas que precisam de tratamentos médicos. A vida sedentária também vem colaborando para o aumento de doenças em nossos dias.

Como cristãos, cremos na cura que o Senhor pode realizar em nossos corpos mortais. Mas não podemos esquecer de que um dia este corpo de humilhação será substituído por um corpo glorificado, imune às mazelas de nossa natureza. Enquanto isso não ocorrer, nossa obrigação é zelar pelo nosso corpo de forma sábia.

Por que o Crente Sofre

A queda da raça humana

Uma das fontes do sofrimento é, sem dúvida, a queda do homem, de seu estado original de perfeição para o estado pecaminoso. Outras fontes, como más decisões e mau comportamento ou fatores externos à nossa vontade podem trazer sofrimento, mas conforme as Escrituras, o sofrimento veio como consequência da decisão adâmica de desprezar aquilo que Deus valorizou, e apreciar aquilo que Deus desqualificou. A Bíblia descreve que, após o trabalho de criação, "viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom" (Gn 1.31). Mesmo concedendo autonomia a Adão para que ele decidisse desobedecer aos seus mandamentos, Deus demonstrou que seu relacionamento com a humanidade seria pautado pela voluntariedade. Deus amava o homem, e esperou que o homem demonstrasse voluntariamente seu amor a Deus e aos seus mandamentos. Deus sabia que o homem poderia se tornar uma criatura rebelde? Sim, Ele sabia. Ainda assim, não retirou do homem a capacidade de escolher o que iria fazer.

A raça humana degenerada

Não bastou o homem pecar, afastando-se da presença de Deus. O homem seguiu seu caminho para fazer coisas ruins. Caim, o primeiro filho de Adão e Eva, teve uma existência que desagradou a Deus, e sua oferta foi rejeitada, pois Deus olha o ofertante antes de observar a oferta que ele traz. Mesmo sendo aconselhado pelo próprio Deus, Caim decidiu vingar sua frustração e rebeldia matando seu irmão Abel, cuja vida e oferta foram recebidos por Deus. Da descendência de Caim, vemos na narrativa bíblica a figura de Lameque, que matou dois homens e compôs uma música em que narrou os motivos de suas atitudes sanguinárias. A violência e a maldade foram tomando proporções epidêmicas, a ponto de Deus decidir destruir aquilo que criou, preservando apenas Noé e sua família. São notícias nada animadoras sobre nossas origens, mas que revelam uma tendência humana a fazer aquilo que desagrada a Deus. Para aqueles que duvidam da capacidade humana de fazer o mal, basta olhar os crimes previstos nos códigos penais do mundo todo e as condenações sociais que aguardam aqueles que tais crimes praticam. Jeremias afirmou: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o

conhecerá?" (Jr 17.9, ARA). Nossa propensão para a maldade não tem limites.

O homem pode fazer coisas boas? Claro que sim. "Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos..." (Mt 7.11). A prática do bem é uma das características que possuímos e que demonstra um pouco da imagem de Deus em nós. A paternidade e a maternidade podem trazer modificações positivas no comportamento de muitas pessoas, mas essas alterações tendem a ser temporárias. Em suma, pertencemos a uma raça que se degenerou com o pecado, e que precisa de um reencontro com Deus por meio de Jesus Cristo somente.

O novo nascimento e o sofrimento

Não há que se negar que o novo nascimento é imprescindível à vida cristã. Entretanto, mesmo tendo nascido de novo, o crente não está isento de experimentar aflições em sua vida. O cristianismo nunca isentou seus fiéis de passarem por adversidades, e se alguém ensina o contrário, deve provar "biblicamente" o que a Bíblia não diz, e isso é muito difícil.

Adversidades são reais, em maior ou menor escala, para todos os cristãos. Os crentes hebreus receberam uma Carta de um autor — para nós desconhecido, mas inspirado pelo Espírito Santo — para que permanecessem professando o nome do Senhor mesmo ante as perseguições. Paulo passou por diversas dificuldades por amor ao evangelho, cumprindo-se o que Deus disse a Ana-nias: "Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome" (At 9.15,16).

O Crescimento e a Paz nas Aflições

A soberania divina na vida do crente

Deus é onipotente (capaz de fazer toda a sua vontade, de forma ilimitada) e soberano (tem o poder de decidir de forma santa e sábia aquilo que fará, e o executa conforme sua vontade, ordenando regras do que pode ou não ser feito). Seu poder e sua soberania são exercidos em todo o mundo, e de forma particular na vicia dos que o amam.

Se um crente passa por adversidades, não significa que Deus deixou de ser onipotente ou soberano em sua vida. Na verdade, a permissão de Deus para que sejamos, de alguma forma, afligidos, não o torna menos capaz de controlar nossas vidas nem de realizar a sua vontade em nossa existência. Somos amadurecidos por meio de uma relação com Deus que não se baseia em apenas receber suas bênçãos, mas em também provar de sua presença e conforto nos momentos difíceis da vida.

As adversidades não estão fora do controle da soberania de Deus. Na verdade, se observadas da perspectiva correta, nos farão entender que se todos os crentes não passassem por aflições, o cristianismo seria conhecido como uma fé que suprime o sofrimento, o que seria uma boa opção para aqueles que detestam ser provados.

Tudo coopera para o bem

Nem sempre conseguimos entender que em meio às adversidades, e quando muitas coisas dão errado aos nossos olhos, Deus está no controle, ordenando que cooperem para o nosso bem. "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Rm 8.28).

O que acontece pode não ser intrinsecamente "bom", mas Deus fará com que todas as coisas contribuam juntamente para o bem daqueles que o amam, para que alcancem o supremo propósito da maturidade. O caso é que Deus opera todas as coisas para o bem, "mas nem todas as coisas dão certo". O sofrimento ainda trará dor, perdas e tristezas, e o pecado irá trazer a vergonha. Mas sob o controle de Deus, o eventual resultado será para o nosso bem.

Deus opera por detrás do cenário, assegurando que mesmo em meio a erros e tragédias aqueles que o amam terão, como resultado, o bem. Às vezes, isso acontece rapidamente, e com frequência necessária para nos ajudar a confiar nesse princípio. Mas também existem acontecimentos cujos bons resultados somente conheceremos na eternidade. (*Comentário do Novo Testamento —Aplicação Pessoal, p. 58*).

Duas sentenças devem ser observadas em Romanos 8.28: a contribuição conjunta dos fatores para o nosso crescimento, e o fato de que essas coisas operam na vida daqueles que amam a Deus. Quando Paulo diz

que todas as coisas cooperam juntamente, fica claro que há uma organização nos acontecimentos em torno de nossas vidas, que nada ocorre sem um propósito. O apóstolo não separou coisas boas e ruins, taxando as primeiras como as que nos auxiliam a crescer, e as segundas, como se fossem uma forma de estagnar nosso desenvolvimento pessoal. Todas as coisas cooperam juntas para que o plano de Deus seja realizado.

Enquanto a primeira observação é impessoal, referindo-se a coisas que acontecem, a outra observação é relativa a pessoas: aqueles que amam a Deus. Apenas aqueles que amam a Deus podem ter o entendimento de que as coisas que ocorrem (boas ou não) cooperam para o seu bem. Deus demonstra seu amor aos que o amam dando-lhes bênçãos, salvação e a vida eterna porvir, mas também os conduzindo por estradas algumas vezes ásperas. Davi disse que não temeria mal algum ainda que andasse pelo vale da sombra e da morte (SI 23), e reconheceu que quem o iluminava em seus momentos de escuridão era o Senhor: "Porque fazes resplandecer a minha lâmpada; o Senhor, meu Deus, derrama luz nas minhas trevas" (SI 18.28). Portanto, amar ao Senhor tem como consequência não apenas as bênçãos, mas também a sua condução em todas as situações de nossa vida.

Desfrutando a Paz do Senhor

E quando enfim chegar o dia mal
onde a dor parece até que vai vencer
bem lá no fundo, então, renascerá
a paz que o mundo todo não entenderá

Estes versos são de uma música chamada "A Paz", de autoria de Paulo César da Silva, líder do Grupo Logos. Detentores de letras profundas, suas músicas tratam muito da realidade da vida cristã.

Jesus não nos orientou a que mantivéssemos uma perspectiva negativa ante o sofrimento. Isso não significa que devemos olhar o sofrimento com bons olhos, pois ninguém gosta de passar por adversidades, e dentro de nossas possibilidades, faremos o possível para evitar as aflições e sofrimentos. Isso não é errado. Jesus nos orientou a que tivéssemos uma perspectiva positiva: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo". A seguir, ele completou essa sentença com a frase "Eu venci o mundo". Há pregadores que acrescem ao fim dessa sentença "E vós vencereis", o que

deixa muitos cristãos com a certeza de que Jesus realmente falou essas últimas palavras, ou se não falou, deveria tê-lo feito.

Ter bom ânimo não é difícil em mares de almirante, onde não há tormentas, a bússola funciona com perfeição magnética e a tripulação é experiente dentro de um navio de última geração. Mas diga a mesma coisa a uma pessoa que passa por tribulações, e você verá que a percepção dela é diferente da sua. Ela pode estar tomada pelo desânimo.

O fato de Cristo ter vencido o mundo nos mostra que seu exemplo pode ser imitado. Ele venceu o mundo humilhando a si mesmo, assumindo uma forma que não lhe era originária. Ele venceu o mundo quando nasceu em um lar humilde, sendo sustentado por um carpinteiro que não era seu pai biológico. Ele venceu o mundo quando juntou 12 homens diferentes e fez deles seus cooperadores no ministério. Ele venceu o mundo quando ensinou sobre o amor de Deus e curou doentes e libertou pessoas possessas por espíritos malignos. Ele venceu o mundo em uma cruz, exposto à vergonha pública depois de ser cuspido e espancado. Mas Ele venceu o mundo também quando ressuscitou dentre os mortos e permitiu que tivéssemos acesso a Deus. Foi fácil essa vitória? Claro que não. Ele teve de viver neste mundo com as regras deste mundo — exceto quanto ao pecado, do qual jamais se deixou dominar. Antes de sua morte, deixou claro que "o maligno nada tem em mim". Ele venceu o mundo, dando uma mostra clara de que essa é uma batalha que pode ser vencida por aqueles que fazem a vontade de Deus.

Por ocasião de seu último discurso, antes de ser entregue para a crucificação, Jesus deixou claro que, naquele momento, seus discípulos iriam chorar, e o mundo se alegraria. Convenhamos, estas não são palavras muito positivas em um momento em que a morte de Jesus estava se aproximando.

Mas aquela tristeza seria transformada em alegria. Para ilustrar aquele momento, trouxe o exemplo da mulher que está prestes a dar à luz. Os momentos que antecedem o nascimento de um ser humano, por ocasião de um parto normal, são muito dolorosos. Mas passados estes, a alegria que uma mulher sente por ter dado à luz uma criança faz com que esqueça a dor que sentiu.

Jesus não podia contar aos discípulos as coisas que ainda ocorreriam, como sua morte e ressurreição. Havia surpresas maravilhosas reservadas para os dias que se seguiriam. Todo o sofrimento pelo qual Jesus passou redundaria, séculos depois, em milhões de pessoas salvas do pecado ao longo dos séculos.

O sofrimento é uma realidade, mas lembremo-nos de que eles costumam ser temporários, e que Deus tem sempre, para os seus amados, o melhor. Ele não nos deixa sozinhos: "Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só, mas não estou só, porque o Pai está comigo" (Jo 16.32). Portanto, podemos ter certeza de que passaremos por momentos de aflição, mas com a presença de Deus, teremos as forças necessárias para tais provações.

2

A ENFERMIDADE NA VIDA DO CRENTE

Em uma época em que a Teologia da Prosperidade e sua progenitora, a Confissão Positiva, prosperam no meio evangélico, é comum encontrarmos ainda crentes que se questionam se é realmente possível um cristão genuíno, um homem ou uma mulher de Deus, sofrer enfermidades. Entretanto, as Sagradas Escrituras são claras quanto a isso: Sim, é mais do que possível. É natural.

O livro de Jó, por exemplo, trata dessa questão. A Bíblia diz que Jó era um homem "sincero, reto e temente a Deus" e que "desviava-se do mal" (Jó 1.1), mas foi ferido por uma chaga maligna (Jó 2.7). Ademais, o pecado de seus três amigos — Elifaz, Bildade e Zofar — consistia exatamente em atribuir as enfermidades e todos os demais males que sobrevieram a Jó a um suposto pecado oculto do patriarca, porque, na teologia equivocada deles, um crente realmente "sincero, reto e temente a Deus" e que "desviava-se do mal" não poderia, de forma alguma, ser atingido por tais calamidades. Como sabemos, eles estavam absolutamente errados. Mesmo assim, ainda hoje, a despeito do testemunho bíblico, a teologia dos amigos de Jó ainda é muito influente entre muitos cristãos.

Muitas outras passagens bíblicas condenam esse erro popular. Podemos citar também, por exemplo, Salmos 34.19, que assevera não apenas que os justos sofrem, mas que "muitas são as aflições do justo".

Sim, o justo sofre muitas aflições, e o cristão sincero sabe disso não apenas porque a Bíblia o diz, mas também por sua própria experiência. E o fato de a sequencia do texto supracitado no livro de Salmos afirmar que "o Senhor o livra de todas" obviamente não quer dizer que, na prática, o justo não seria realmente afligido quando do advento da provação — caso contrário, o salmista Davi estaria se contradizendo na mesma frase. Na verdade, o que Davi está afirmando claramente é que, em cada provação do

justo, o Senhor certamente estará com ele preservando-o, guardando-o, fortalecendo-o, animando-o e dando-lhe vitória. Ou seja, o justo nem sempre se verá livre de experimentar alguma aflição — aliás, como sabemos, "muitas são as aflições do justo" —, porém, vindo ele a experimentar a aflição, Deus certamente estará ao seu lado para fazer com ele a supere e vença.

No Novo Testamento, o próprio Jesus, respondendo aos seus discípulos no episódio da cura do cego de nascença, se opôs a essa teologia absurda de que todo tipo de sofrimento seria resultado direto de um pecado pessoal (Jo 9.1-5). Cristo também disse que, neste mundo, mesmo se formos fiéis a Ele, vivenciaremos aflições (Jo 16.33).

Os apóstolos sofreram várias provações (At 4.1-3; 5.40; 12.1,2; 2 Co 11.24-28; Ap 1.9) mesmo sendo fiéis discípulos de Cristo; e o próprio apóstolo Paulo, que foi um dos maiores apóstolos, padecia constantemente com o que ele descreveu como sendo um "espinho na carne" (2 Co 12.7). E o que dizer de outros grandes cristãos da história e de muitos cristãos sinceros de hoje, que sofreram e sofrem adversidades apesar de sua fidelidade a Deus?

O que a Bíblia Diz sobre os Efeitos da Obra de Cristo em nosso Corpo

A Bíblia afirma que as enfermidades, assim como a morte e o sofrimento de forma geral, só passaram a existir no mundo por causa da entrada do pecado no universo. Ela é clara quanto a isso (Gn 3.16-19). A luz das Escrituras, o sofrimento faz parte da realidade a qual estamos sujeitos aqui e da qual, mesmo sendo filhos de Deus, não poderemos nos desvencilhar enquanto estivermos vivendo sob as limitações naturais deste mundo decaído e de nossos corpos imperfeitos. A Palavra de Deus é categórica ao afirmar que, enquanto estiver neste mundo, o cristão pode e deve ter seu espírito renovado a cada dia em Cristo, mas o seu corpo continuará sujeito à "corrupção" (1 Co 4.16) — isto é, a enfermidades e envelhecimento. Falando de forma bem clara: por mais saudável e fortalecido espiritualmente que o crente possa estar, isso não o tornará imune a enfermidades na Terra.

Mas alguém pode se perguntar: "Se o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado, o sacrifício de Cristo não deveria também redimir os nossos corpos, que foram afetados pela Queda?" Sim, e o faz. E o que a Bíblia chama de "redenção do nosso corpo" (Rm 8.23), quando nossos corpos não estarão mais sujei-los a enfermidades, envelhecimento, morte, limitações e destruição, pois serão glorificados. Porém, as Escrituras asseveram que essa redenção não ocorre durante a nossa vida terrenal. Ela não vem imediatamente após termos aceitado Jesus como Senhor e Salvador, mas acontecerá apenas por ocasião da Segunda Vinda de Jesus (1 Co 15.51-55).

Entretanto, à luz das Sagradas Escrituras, se o fato de termos sido perdoados e aceitos por Deus através de Cristo não implica isenção de enfermidades e adversidades na Terra, o estar em Cristo nos dá poder para suportar, superar e vencer as aflições desta vida (Rm 8.35-39; 2 Co 4.8,9) com o auxílio do Espírito Santo (Rm 8.26).

Nas Escrituras, vemos que Deus nunca prometeu a seus filhos uma viagem tranquila, mas, sim, uma chegada em segurança. Essa verdade é ressaltada, por exemplo, pelo próprio Senhor Jesus no célebre texto de João 16.33: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo". Ao dizer "no mundo tereis aflições", o Mestre está assegurando que a viagem terá turbulências; e ao concluir com a afirmação "... mas tende bom ânimo, eu venci o mundo", Ele assevera a nossa chegada em segurança.

Portanto, como filhos de Adão, estamos sujeitos a enfermidades aqui, na Terra; mas, como filhos de Deus por adoção através de Cristo, sabemos que nunca mais estaremos sujeitos a elas na Eternidade (Ap 21.2-5). Daí decorre que se algum cristão reivindica diante de Deus uma vida sem sofrimento e enfermidades neste mundo baseado no fato de ter sido salvo em Cristo, está simplesmente pedindo algo impossível. Mas, não só isso: está esquecendo também a razão por que foi salvo. Ele quer transformar a Terra em céu, quando Jesus não morreu na cruz para transformar a Terra em um Paraíso ou para que o crente se acomode confortável e incolumemente neste mundo. Este mundo decaído não é e nem poderá ser o

céu. Ele e tudo o que nele há serão um dia destruídos por Deus (2 Pe 3.7-11).

Não por acaso, a Bíblia dá a entender que uma das m/Ws por que o Senhor permite sofrimentos na vida dos seus filhos, em vez de suspender sempre as dores, é justamente para fazê-los lembrar de sua condição na Terra como peregrinos; para fazê-los recordar que não devem ficar presos às coisas passageiras desta vida, aos prazeres e à realidade terrenos, como se seu destino final fosse aqui. O cristão deve apegar-se ao céu, que é o seu real e eternal destino como salvo em Cristo. Sobre isso, escreve Paulo: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial" (2 Co 4.17-5.2).

Teologias espúrias e antibíblicas como a Teologia da Prosperidade não só distorcem a Bíblia para fazê-la prometer o que ela não promete, enganando e frustrando crentes, como também criam crentes mimados e materialistas, com uma mentalidade absolutamente terrena, que se esquecem por que foram salvos. Não fomos salvos para não passarmos mais provações na Terra, como se a nossa vida se resumisse a este mundo, como se a nossa história neste chão fosse tudo o que temos. Fomos salvos para a glória de Deus e, por isso, nosso destino final é o céu. Portanto, enquanto estamos aqui, devemos centrar nossas vidas não em benesses terrestres, mas em como servir melhor a Deus e ao nosso próximo neste mundo, pois devemos viver aqui tendo sempre como perspectiva o céu (Mt 6.19-21).

É errado desejar e pedir a Deus bênçãos materiais? Claro que não. Inclusive, o Senhor promete conceder-nos bênçãos na Terra, mas sempre segundo a sua soberana e perfeita vontade. E essas bênçãos nunca devem ser vistas como fins em si mesmas (Jo 6.26,27) e nem como se fossem a tônica da vida cristã, mas como bônus, como "as demais coisas" que nos são "acrescentadas" (Mt 6.33). Da mesma forma, Deus também promete curar enfermidades por meio de nossa oração (Mc 16.18), contudo isso não

significa que nos curará de todas as enfermidades pelas quais oramos. O próprio Jesus disse que "havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e houve uma grande fome em toda a terra. Contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, senão a uma viúva de Sarepta, na ref ião de Sidom. Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado — somente Naamã, o sírio" (Lc 4.25-27).

Deus nos atende conforme a sua soberana vontade (1 Jo 5.14), que é perfeita (Rm 12.2), mesmo quando não a entendemos hoje (Jo 13.7).

Em síntese, e ao lume das Escrituras, o cristão deve estar ciente de que: (1) a enfermidade não é uma anormalidade na vida dos servos de Deus; (2) o Senhor ainda hoje cura enfermidades; (3) mas isso não significa que Ele curará todas as vezes que orarmos pedindo que o faça. A nós, cabe apenas pedir com fé, crendo em sua Palavra.

E o texto de Isaías 53.4,5?

Mas alguém ainda pode se questionar: "E o texto de Isaías 53.4,5? Ele não fala claramente que Cristo levou todas as nossas enfermidades?"

Há teólogos que respondem a essa questão interpretando o termo "enfermidades" nessa passagem como sendo exclusivamente uma referência a doenças espirituais decorrentes do pecado. Porém, tal explicação mostra-se tremendamente falha por duas razões: em primeiro lugar, em Mateus 8.16,17, o apóstolo Mateus associa claramente essas enfermidades mencionadas em Isaías 53 a enfermidades físicas; e em segundo lugar, o vocábulo hebraico traduzido como "enfermidades" ali é "holi", que se refere a enfermidades físicas e espirituais como um todo. Logo, quando o profeta Isaías, inspirado pelo Espírito Santo, afirma que Jesus levou na cruz nossas enfermidades, ele está aludindo tanto à enfermidade espiritual quanto à enfermidade do corpo, como o apóstolo Mateus exemplificou em seu Evangelho. Enfermidade física está no contexto dessa passagem.

Mas, então, por que a Bíblia nos diz que o cristão, mesmo sendo salvo em Cristo, ainda pode enfermar no seu corpo?

Ora, o texto bíblico assevera que Jesus levou sobre si os nossos pecados, mas isso não significa que, ainda na Terra, uma vez salvos, não temos mais a possibilidade de pecar. Da mesma forma, o mesmo texto bíblico declara que Cristo levou sobre si as nossas enfermidades, mas isso também não significa que, uma vez salvos, não temos mais a possibilidade de enfermar na Terra. Assim como o sacrifício de Cristo nos livra do poder do pecado, mas isso não quer dizer que perdemos a capacidade de pecar ou que nossa natureza pecaminosa deixou de existir após a nossa conversão a Cristo, assim também o sacrifício de Cristo concede a possibilidade de cura física, mas sem significar que, uma vez salvos em Cristo, não podemos mais sofrer enfermidades ou que Deus nos curará sempre de toda doença.

Outro ponto dessa mesma verdade é que, assim como na eternidade não teremos mais a possibilidade de pecar, pois nossa natureza pecaminosa terá sido destruída, também não teremos ficaremos doentes, pois teremos nossos corpos glorificados, como já abordamos.

Estar livre do domínio do pecado não significa impecabilidade, e direito à cura divina não significa nunca mais poder enfermar. Só que, indubitavelmente, o resultado final da obra da salvação em nossas vidas envolve a impecabilidade e o não mais enfermar.

Estamos sujeitos ainda a pecar porque até agora temos a natureza pecaminosa que herdamos da Queda. Da mesma forma, porque ainda temos esse nosso corpo cheio de limitações decorrentes da Queda, estamos sujeitos a enfermidades neste mundo.

As Origens das Enfermidades

As enfermidades podem ter sete procedências. Elas podem ser:

1) Decorrentes diretamente de comportamentos nossos

2) Resultado de fatores genéticos

3) Fruto, de forma geral, das circunstâncias naturais a que estamos sujeitos neste mundo

4) Resultado de ação maligna

5) Uma sentença divina

6) Ou um mal de origem psicossomática

7) Efeitos naturais do envelhecimento do corpo

Quando falamos de enfermidades decorrentes de comportamentos nossos, me refiro a abusos que cometemos em nossa alimentação ou em nosso estilo de vida e que, naturalmente, conduzem-nos a enfermidades. Se comemos muita gordura, se consumimos açúcar em demasia, se ingerimos sal além da conta, se praticamos atividades físicas excessivas, se forçamos demais o nosso corpo, se diminuímos nosso tempo de sono ou se lemos uma vida sedentária — sem falar de glutonaria, taba-1'ismo, alcoolismo ou promiscuidade sexual —, é óbvio que sofreremos enfermidades. A Bíblia diz que o nosso corpo é templo do Espírito Santo e que, portanto, devemos cuidar dele (1 Co 3.16,17). Caso contrário, ele certamente cobrará a "fatura".

Ao mencionarmos doenças resultantes de fatores genéticos, estamos aludindo a doenças ligadas à hereditariedade, quando a pessoa herda de seus pais a propensão para desenvolver uma determinada doença que foi vivenciada por seus progenitores. Há também o caso de doenças congênitas, que decorrem de uma série de problemas durante a formação do corpo humano no ventre materno.

Doenças resultantes de circunstâncias naturais a que estamos sujeitos neste mundo são as epidemias e os ferimentos em acidentes, por exemplo. Quanto às enfermidades de ação maligna, a Bíblia nos mostra várias casos (Mc 9.17; Lc 13.10-17). Nestes, todas elas podem ser debeladas expulsando a ação maligna da vida da pessoa sob a autoridade do nome de Jesus (Mc 16.17). Há também as doenças que são sentenças divinas (Dt 7.15).

As doenças psicossomáticas são as provocadas por problemas emocionais. Sabe-se que estresse, angústia, depressão e sentimento de culpa podem provocar queda de cabelo, irritações na pele, impotência, dores no corpo e até paralisia, dentre outros males. Nesses casos, o problema emocional deve ser tratado e, então, seus efeitos no corpo cessarão. Um psicólogo cristão ou, em muitos casos, até mesmo um pastor pode tratar alguém nessa situação. Aconselhamento espiritual, oração e meditação na Palavra de Deus são importantes nesse processo.

Finalmente, existem as doenças que são fruto do desgaste natural do corpo, isto é, efeitos naturais do envelhecimento.

Lembremo-nos ainda que Deus pode permitir determinadas doenças na vida de algumas pessoas para que seu nome seja, de alguma forma, glorificado na vida delas (Jo 9.3).

Como Lidar com as Enfermidades à Luz da Bíblia

Como o cristão deve lidar com as enfermidades?

Em primeiro lugar, o cristão deve ter em mente todas as verdades bíblicas que abordamos até aqui, reconhecendo que, infelizmente, enfermidades fazem parte da nossa vida neste mundo. Ele deve ter cuidado para não cometer a tolice de culpar a Deus pelos males que está enfrentando. As pessoas que não conhecem a Deus usam desse expediente costumeiramente em momentos de adversidade, como se nós, seres humanos, fôssemos merecedores de alguma coisa e Deus, injusto por permitir a adversidade.

Em segundo lugar, o cristão sincero deve estar consciente de que Deus pode curá-lo se houver fé em Jesus para cura (Êx 15.26; Lc 8.48; Hb 13.8; Mc 16.17,18; Jo 11.40), e que Ele pode fazê-lo ou imediatamente ou muito tempo depois de se buscar a sua presença pedindo um milagre. Mesmo depois de ter começado um tratamento, o crente pode continuar pedindo a cura. A mulher do fluxo de sangue se tratara com vários médicos e, nesse período, como judia crente em Jeová, cremos que buscara também a Deus, mas só foi curada anos depois, quando se encontrou pessoalmente com Jesus (Lc 8.43-48). É importante também que o crente que sentiu que recebeu de Deus a cura faça os devidos exames para comprová-la, para que possa corroborar diante de todos o seu testemunho de fé, que servirá para edificação dos demais irmãos, a evangelização dos não-crentes e a glorificação do nome do Senhor Jesus.

Em terceiro lugar, se o cristão encontra-se enfermo, deve procurar tratamento. Tal recomendação pode parecer muito óbvia, mas se faz necessária porque, infelizmente, há ainda crentes que pensam que tomar

medicamentos e ir aos médicos são sinal de falta de fé. Terrível engano. Uma coisa é não ter fé e outra bem diferente é Deus não querer curar pela sua soberana vontade.

Constatada e diagnosticada a enfermidade, espera-se que o crente em Cristo peça primeiro a intervenção divina, mas se esta não acontecer, ele deve procurar naturalmente os médicos. Se oramos com fé pelo milagre e Deus não o concede naquele momento, devemos usar os métodos naturais de tratamento. O próprio Deus espera que o façamos. Jesus asseverou que os doentes precisam de médicos (Lc 5.31), e Deus também usa médicos para abençoar as pessoas. Um dos grandes cristãos da época da Igreja Primitiva era Lucas, um médico companheiro do apóstolo Paulo em suas viagens missionárias e biógrafo de Cristo, e que ficou conhecido como "o médico amado".

Se o médico nos recomenda medicamentos confiáveis para tratar determinada doença que estamos experimentando, devemos, claro, usá-los. A Bíblia diz que para o rei Ezequias ser curado de uma terrível e mortal enfermidade que acometeu a sua vida Deus fez com que o profeta Isaías o orientasse a usar um remédio natural (2 Rs 20.7; Is 38.21).

Em quarto lugar, o cristão deve aprender a confiar em Deus em meio à dor (SI 23.4; 91.1,2), lembrando das palavras do salmista: "O Senhor assiste no leito da enfermidade; na doença, tu lhe afofas a cama" (SI 41.3).

Em quinto lugar, as tribulações que experimentamos nos capacitam para ajudar outras pessoas em sofrimento, como nos ensinam as Sagradas Escrituras em 2 Coríntios 1.3,4: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus".

Devemos nos conscientizar de que Deus não está distante, não importa quão dolorosa seja a experiência que vivenciamos. Ele é amor e tem consolações tremendas para nos conceder em meio às dores que vivemos, e com as consolações com as quais somos consolados, Deus nos usará para consolar outros. Foi assim, por exemplo, com grandes nomes da história do cristianismo, como a compositora Charlotte Elliott, no século

19, e a escritora e conferencista Joni Eareckson Tada, em nossos dias, só para citar dois grandes exemplos.

Enfim, querido leitor, esteja certo de que Jesus cura! Inclusive, se você está padecendo de alguma enfermidade hoje, Ele pode curá-lo agora mesmo, se você crer nEle! Mas, se Ele não quiser fazê-lo, não se desespere. Saiba que, com certeza, Ele dará graça e poder para você enfrentar a adversidade e superá-la. Basta confiar nEle, buscar a sua presença e lançar-se rendido aos seus braços.

Não há consolação maior nem socorro mais perfeito do que os que encontramos no seio do nosso Deus e Pai.

3

A MORTE PARA O VERDADEIRO CRISTÃO

No fim do jogo, o rei e o peão vão para a mesma caixa.
(Provérbio italiano)

O ditado acima apresenta uma realidade comum a todos os seres humanos: a morte atinge a todos, independente de posição social. A morte nos relembra nossa própria finitude, mostrando-nos o quanto somos limitados no sentido de manter nossas próprias vidas. Não podemos escapar dela, e, portanto, da mesma forma que a Bíblia fala da morte como um assunto necessário ao nosso conhecimento, podemos discutir também esse assunto que atemoriza as pessoas. O objetivo é mais do que elucidar e definir a morte em termos teóricos, mas principalmente, mostrar ao crente que apesar de ele ainda ter de conviver com a morte (pelo menos até que o Senhor Jesus volte), ele não deve enxergá-la como o final de toda a existência, como enxergam aqueles que não possuem Jesus como seu Salvador e não tem a esperança da ressurreição. Como a Bíblia declara que os homens morrem uma vez, e após esse vento, segue-se o juízo (Hb 9.27), é preciso entender o que acontece conosco por ocasião de nossa morte, e o que nos aguarda no porvir.

A Morte e suas Definições

Dentro do campo de estudos teológicos, as obras de teologia sistemática tratam do assunto "morte" para depois tratarem da "ressurreição". Esta ordem está atrelada à ordem com que os dois fenômenos ocorrem. Portanto, fala-se primeiro da morte, para que depois se trate da ressurreição. Geralmente o assunto morte é estudado no campo da escatologia, que trata das últimas coisas, e para o ser humano, pelo menos neste mundo, a morte é realmente, como regra (excetuando as ressurreições como descritas na Bíblia), a última coisa que lhe acontece.

O Dicionário Wycliffe define a expressão morte como sendo "o término da vida natural ou animal; o estado de ter cessado de viver, aquela separação, violenta ou não, entre a alma e o corpo, através do qual termina a vida de um organismo". Todas as relações da pessoa com este mundo são tidas por encerradas. É uma mostra de que nosso corpo físico não tem a resistência necessária para fazer frente à ruína produzida pela passagem dos anos. O tempo sempre cobra seus tributos. E "o cessar da vida em nosso corpo físico", como definiu Millard J. Erickson. (Introdução à Teologia Sistemática, p. 484)

A morte pode ser tratada em termos que traduzam suas consequências físicas e espirituais. Na esfera física, ela pode ser definida como a separação entre o espírito e o corpo. Norman Geisler, em sua Teologia Sistemática, expressa:

> A Bíblia descreve a morte como o momento em que a alma deixa o corpo. Por exemplo, em Gênesis, 35.18 fala, a respeito da morte de Raquel, 'que saiu-lhe a alma (porque morreu)'. Da mesma maneira, Tiago ensina: 'o corpo sem o espírito está morto' (2.26). Uma vez que a alma é o princípio da vida que anima o corpo, resulta que, quando a alma deixa o corpo, o corpo morre, (vol 2, p. 683)

Geisler comenta também sobre a diferença entre a morte real e a morte legal (ou clínica). Na primeira, a morte realmente acontece de imediato, quando por ocasião da separação entre a parte material e a imaterial do ser humano. A segunda é determinada pelos índices de funcionamento orgânico. Uma pessoa pode não estar realmente morta quando os índices forem considerados nulos ou ausentes.

No tocante a relatos que são chamados de "experiências quase-morte", cabe uma observação. Há pessoas que apresentam relatos em que aparentemente morreram (elas relatam que literalmente saíram de seus corpos e tiveram o que seria um encontro em outro lugar, retornando posteriormente ao seu próprio corpo). Geisler entende não serem verdadeiras experiências de morte, visto que nessa situação tais pessoas tiveram contatos com ensinamentos contrários às Escrituras. Como Deus não realizaria um milagre, como uma ressurreição, para apoiar uma coisa contraria à Palavra, não há respaldo que a Igreja considere essas experiências como dignas de aceitação

As Escrituras e a Morte

As Escrituras também falam da morte diversas vezes. Em Jó 28.22 vemos a morte sendo personificada: "A perdição e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama", como também em 1 Coríntios 15.55: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" e Apocalipse 20.14: "E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte".

A morte é também comparada, nos livros poéticos, a um caçador, que arruma armadilhas para com elas apanhar os homens: "Cordas do inferno me cingiram, laços de morte me surpreenderam" (SI 18.5), "Cordéis da morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza" (116.3), "A doutrina do sábio é uma fonte de vida para desviar dos laços da morte" (Pv 13.14), "O temor do Senhor é uma fonte de vida para preservar dos laços da morte" (Pv 14.27). E Eclesiastes narra a morte como a separação entre a parte material e a imaterial do homem: "e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec 12.7).

A Palavra de Deus reconhece a morte como resultado do pecado. Quando Deus criou o homem, não o criou para morrer. É o que se entende da leitura de Gênesis 2.17,18: "E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás". A morte entrou no mundo, portanto, por ocasião da desobediência de Adão no Éden. Romanos 6.23 fala que "O salário [a recompensa] do pecado é a morte", um prêmio pela desobediência humana.

O Cristão e a Morte

Diversos textos nos são apresentados para descrever que após a morte e antes da ressurreição, a parte espiritual do homem sobrevive de forma consciente, separada do seu corpo. Esse Estado, de acordo com Geisler, é um "estado de felicidade para os salvos e angústia consciente para os perdidos". Mas o foco é que as partes material e imaterial do ser humano separam-se, não podendo ser mais unidas.

Como foi dito, a morte assusta com justo motivo as pessoas. Mas o cristão não precisa temer a morte, apesar de sentir seus principais efeitos: luto, ausência do ente querido e a sensação de limitação.

Em sua obra teológica, Millard J. Erickson não apenas traz a definição de morte, mas trata também de distinguir a chamada morte espiritual da morte eterna, também considerada como segunda morte. A primeira é "a separação entre a pessoa e Deus, e a segunda é a concretização desse estado de separação — a pessoa fica perdida por toda a eternidade, em seu estado de pecaminoso". A própria Palavra de Deus apresenta a morte espiritual como um distanciamento de Deus: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência" (Ef 2.1,2). Jesus distinguiu esses dois tipos de morte quando disse: "E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo" (Mt 10.28).

Wayne Grudem, teólogo norte-americano, observa que a morte para os cristãos tem dois aspectos que precisam ser observados:

1- A morte não é uma punição para os servos de Deus. Embora a morte atinja todos os homens, inclusive cristãos, ela não é uma punição de Deus aos nossos pecados, pois "Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito" (Rm 8.1).

2- A morte é o resultado final da vida no mundo decaído. Vivemos neste mundo de acordo com as leis deste mundo, e entre elas, o fim da vida. Deus não removeu todo o mal do mundo com a obra redentora de Cristo, e entre esses males, está a morte, que será ainda derrotada (la Co 15.24-26; 54,55). Enquanto o tempo de a morte ser derrotada não chegar, teremos de conviver com ela. Portanto, os efeitos do ambiente, das doenças, e outros fatores ainda influenciarão no "corpo de humilhação", até que, em um momento futuro, seja transformado em um corpo glorificado.

Consequências da Morte

A morte não assusta apenas por dar fim à vida, mas também pela capacidade de trazer sofrimentos adicionais de perda e separação. Acerca do sofrimento que acompanha a morte, Gary R. Collins comentou:

Tentamos suavizar o trauma vestindo o cadáver, cercando-o de flores ou luzes baixas e usando palavras como "foi embora" em vez de "morreu", mas mesmo assim não podemos transformar a morte em algo belo. Como cristãos, nos consolamos com a certeza da ressurreição, mas isso não abranda o vazio e a dor de sermos forçados a nos separarmos de alguém que amamos. (Aconselhamento Cristão, p. 343).

O mesmo autor comenta que certas circunstâncias podem agravar o sentimento de luto, como quando a morte é tida por fora de tempo (quando morre uma criança, um adolescente ou um adulto no vigor da vida), quando a morte é trágica ou incompreensível (um acidente ou um suicídio), quando há um sentimento de participação no efeito morte (como dirigir o carro que atropelou uma pessoa), estado de dependência do morto para com a pessoa que ficou viva, ou ainda promessas que o morto tenha exigido para depois de sua morte, como no caso de uma pessoa viúva não se casar de novo. Essas situações costumam realmente agravar o momento do luto.

Cabe aqui uma pergunta: a morte possui algum aspecto positivo? Se a observarmos como sendo o elemento causador de tristeza, separação e de extinção de vida, realmente nada terá para ser visto positivamente. Mas se atentarmos para a perspectiva bíblica, veremos que, para o crente, a morte será o caminho pelo qual ele será levado à presença do Senhor. Paulo enxergou na morte um inimigo que foi vencido por Jesus. Jesus viu sua morte como o caminho para a nossa salvação. E ainda que a morte seja o símbolo de uma condenação, nós, que somos servos de Deus, não seremos atingidos pela separação eternal que condenará aqueles que rejeitaram a Jesus. Até que todas as consequências do pecado sejam extirpadas - entre elas a morte - teremos de conviver com ela, mas não como as pessoas que não têm Jesus convivem.

Mesmo a Palavra de Deus jamais condenou o sofrimento pelo qual passam aqueles que perderam um ente querido. Elias deparou-se com a mulher siro-fenícia, viúva, que perdeu seu filho. Apesar de a mulher ter

sido sustentada por mais de três anos pela presença de Elias em sua casa, quando o filho da mulher morreu, ela acusou Elias de ter vindo à sua casa para cobrar os pecados dela. Eliseu também foi procurado pela mulher sunamita quando o filho desta morreu. O próprio Jesus perdeu uma pessoa a quem amava, Lázaro, um grande amigo. Nesses três casos, Deus tornou a dar a vida, mesmo que de forma temporária. A viúva siro-fenícia e a sunamita tiveram de volta seus filhos, por intermédio de Elias e Eliseu, e Lázaro foi trazido de volta pelo próprio Jesus. São cenas que se tornaram exemplos de possibilidades de ressurreição. Não são tomadas como regras pela igreja cristã, pois a regra é a morte. Doutrinária e biblicamente, essas exceções hão de se tornar regra por ocasião do retorno do Senhor para buscar seus santos. Fora isso, não há solução para os que morreram.

A Ressurreição

Enquanto tratamos da morte, é necessário tratar também da ressurreição. Quando Cristo voltar, a ressurreição será uma realidade para os servos de Deus. Houve exemplos de ressurreições no Antigo e no Novo Testamento, mas foram temporárias. Isso não lhes retira o valor só porque posteriormente as pessoas ressuscitadas tornaram a falecer, mas nos dá uma mostra do poder de Deus em trazer de volta a vida a um corpo morto.

Jesus mesmo deu seu aval de que o Antigo Testamento falou da ressurreição quando questionado pelos saduceus. Esse grupo religioso e político não cria na possibilidade de a vida retornar ao corpo depois da morte. Jesus trouxe-lhes uma séria repreensão, acusando-os de não conhecerem as Escrituras nem o poder de Deus (Mc 12.24). Ele defendeu a ressurreição com base no Antigo Testamento, lembrando aos saduceus que, na ocasião em que Deus se apresenta a Moisés, Ele o faz como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, ou seja, pessoas que passaram pela morte, mas que estavam existindo.

A perspectiva romana e grega sobra a morte é apresentada na máxima de Paulo, quando tratou da ressurreição de Jesus Cristo em 1 Coríntios 15.32: "Comamos e bebamos que amanhã morreremos". Para eles, a morte era o fim da vida e de suas atividades. Os gregos entendiam que o corpo seria destruído, mas a parte imaterial encontraria lugar no reino dos mortos, conforme a descrição de Homero. Para os antigos, a concepção

de ressurreição era irreal, pois não havia casos de pessoas conhecidas que tornaram a viver, tendo passado pela morte.

O apóstolo Paulo, ao escrever para os crentes tessalonicenses, informando apesar de a morte ter levado os seus queridos, havia esperança de que um dia eles se encontrariam: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Ts 4.13-17). Paulo destaca que a tristeza e as dúvidas que a igreja tinha em relação aos seus entes queridos que morreram deveriam ser substituídas pela esperança de um momento posterior glorioso.

A morte de Cristo foi, sem dúvida, a forma com que Deus proporcionou ao homem a possibilidade de ter acesso novamente a Ele. Mais que isso, foi também a certeza de que com Ele, teremos a vida eterna. Vale aqui ressaltar a ideia de morte eterna e de vida eterna, já tratadas acima: a vida eterna é uma consequência da salvação e da comunhão com Deus

O cristão não pode encarar a morte da mesma forma que uma pessoa que não tem Jesus. Para as pessoas que não conhecem a Jesus como seu Salvador e Senhor, a morte tende a ser uma separação definitiva.

O Destino Final da Morte

Tratando com os coríntios acerca da ressurreição, Paulo comenta que "Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte" (1 Co 15.26). Paulo personifica a morte e trata dela como um inimigo que já tem seus dias contados. João, em Patmos, descrevendo a Nova Jerusalém, diz que "Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas"

(Ap 21.4). portanto, mesmo a morte, que já foi derrotada por Cristo quando este ressuscitou, será destruída, e não mais se falará dela, pois será lançada, com o Diabo, no lago de fogo.

Essa deve ser a perspectiva do cristão. Não estamos livres, hoje, de morrer, mas temos a esperança de que um dia o mundo não sofrerá mais com a morte. Um dia ressuscitaremos. Um dia veremos nossos queridos que partiram no Senhor. Um dia o sofrimento causado pela morte será com ela destruído.

"Consolai-vos uns aos outros com estas palavras" (1 Ts 4.18).

4

O CONFORTO NA HORA DO LUTO

A questão do luto é pouco abordada hoje em dia nas igrejas, mas é de grande importância, uma vez que os crentes em Cristo, como qualquer ser humano normal, também vivem momentos de luto, porém muitas vezes lhes falta uma orientação sólida sobre como devem reagir diante dessa situação. Neste capítulo, abordaremos esse importante assunto à luz das Sagradas Escrituras.

Antes de tudo, é importante dizer que o nosso foco aqui é o luto pela perda de um ente querido. O conceito de luto pode envolver qualquer outro tipo de perda, mas esse sentido lato não é a nossa abordagem aqui.

Sobre o posicionamento de nossa alma quanto aos outros tipos de perda, notadamente a perda material, reproduzo aqui um trecho do capítulo 13 do meu livro Reflexões sobre a Alma e o Tempo. Ali, sublinho que, apesar do sentimento de tristeza que naturalmente brota em nosso coração diante da perda de um bem material, não podemos "mergulhar na mágoa [pois] é uma grande tolice. Se a vida continua, se ainda há muito chão para andar, se a nossa estada final não é aqui, se tudo isto aqui na Terra é passageiro, para que ficar agarrando-me pateticamente a estas coisas? Como disse Agostinho, 'devo suportar com paciência os males, porque também os bons os suportam; não devo dar muito apreço aos bens, porque também os maus os conseguem'".

"Em *Confissões*, IV, 10, Agostinho detalha os fortes e negativos sentimentos que o açoitaram após a morte de seu amigo Nebridius. Ele conclui dizendo que não devemos entregar-nos a qualquer coisa além de Deus. Todos os seres humanos morrem e tudo aqui é perecível. Não podemos fazer com que a nossa felicidade dependa de algo que pode sumir, que não é consistente, que hoje é, mas amanhã poderá deixar de ser. Caso contrário, estaremos sendo candidatos, em potencial, à frustração e à

depressão. É, porém, significativo ressalvarmos que, no caso de pessoas, não devemos ser extremistas ao ponto de afirmarmos que devemos ficar totalmente indiferentes em relação a elas. O próprio Jesus se envolveu considerável e sentimentalmente com o próximo. Se eu perder um ente querido, um amigo, uma pessoa amada, sentirei muito e não existe nada de patológico nisso. Patológico é não sentir nada com a partida de quem amamos".

Portanto, não menosprezando a dor pela perda de um bem material, não há sombra de dúvida de que o sentimento de perda por uma pessoa amada é muito mais relevante e, justamente por isso, será o nosso foco aqui.

Momentos de Luto Fazem Parte da Vida

À guisa de introdução, o primeiro ponto importante para ressaltar sobre essa questão é que a Bíblia não reprova o luto nem o apresenta como uma espécie de sinal de tibieza espiritual ou uma manifestação de fé rarefeita meramente toleráveis. Muito pelo contrário, as Sagradas Escrituras mostram o luto como algo absolutamente natural na vida do crente. À luz da Bíblia, em situações assim, antinatural seria não ficarmos abatidos diante da perda de uma pessoa querida — ainda que momentânea.

As Escrituras claramente não se opõem ao luto, mas, sim, à atitude de se deixar ser consumido pelo luto. Nas palavras do apóstolo Paulo, podemos ficar "abatidos, mas não destruídos". E mais: podemos ser "atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados" (2 Co 4.8,9).

Chorar a dor é normal. Se deixar ser consumido e destruído pela dor, não. Mas como fazê-lo?

A seguir, veremos como a Bíblia nos ensina a lidar com o luto de forma saudável.

Lições sobre como Lidar com o Luto no Antigo Testamento

Normalmente, o judeu ortodoxo observa quatro fases do luto: a "Keriá", a "Shivá", o "Cadish" e o "lartseit". Essas quatro etapas são inspiradas na abordagem que as Escrituras do Antigo Testamento dão à experiência do luto. Aliás, por terem a sua inspiração na Bíblia, ao atentarmos para essas quatro fases, perceberemos que trazem princípios totalmente imprescindíveis para todos aqueles que desejam superar de forma saudável esse momento tão difícil. E, claro, nosso olhar sobre elas não se fixará nos rituais que foram criados na cultura judaica em torno de cada uma delas, mas, sim e tão somente, nos princípios que abarcam.

Na obra Livro Judaico dos Porquês, de autoria do rabino norte-americano Alfred J. Kolatch, essas quatro fases do luto são discriminadas.

Explica Kolatch que a "Keriá" consiste no ato de rasgar as vestes para prantear o(s) ente(s) querido(s) que se foi (foram). Muitos são os textos veterotestamentários que registram essa prática (Gn 37.29,34; Js 7.6; 2 Sm 1.11; 2 Rs 2.12; Jó 1.20). Os judeus de hoje, para pouparem suas roupas, adotaram o costume de rasgar lenços em suas manifestações de luto. Seja como for, o que nos importa mesmo é o princípio implícito na prática da "Keriá": É preciso viver o luto.

Não se pode superar o luto se ele é internalizado, reprimido, guardado. O luto só poderá ser superado se, em primeiro lugar, for vivenciado.

Já a "Shivá" é o período, geralmente de sete dias, que a pessoa tem para vivenciar o luto antes de voltar totalmente à vida normal. Em alguns casos, pode durar até 28 dias. Somente no caso do luto dos filhos pela morte dos pais é que ele poderia chegar até um ano. É um caso excepcional. Lembra Kolatch que, no texto bíblico, as lamentações por ocasião do luto geralmente duravam sete dias (Gn 50.10; Jó 2.13; Am 9.10), daí o uso, sendo que os três primeiros dias são reservados para que o enlutado tenha um tempo sozinho. Só a partir do quarto dia ele começa a receber visitas, que são consideradas importantes para o processo de restauração do luto.

Como já havia dito, em determinados casos, além da "Shivá", são respeitadas também mais três semanas de luto, quando completa-se o "Sheloshim" — o período da "Shivá" acrescido de mais três semanas. Após essas eventuais quatro semanas, o enlutado voltará totalmente à sua vida social. No caso de 12 meses de luto, os 11 meses até se completar esse período são de vida normal, só pontuada por um ou outro ato em memória da pessoa amada.

Portanto, na "Shivá" ou no "Sheloshim", está claro o princípio de que o luto não pode durar toda a vida. Ele precisa ser vivenciado profundamente, mas não deve se estender por tempo indefinido, porque a vida segue e é preciso voltar às atividades normais, inclusive para que as cicatrizes deixadas pelo passamento do ente querido sejam plenamente curadas. Pessoas que se prendem eternamente à lembrança do ente querido não conseguem mais viver. Elas nunca poderão ser curadas se cultivam constantemente suas feridas, que, dessa forma, nunca poderão ser cicatrizadas.

É preciso entender que luto tem começo, meio e fim, que ele não é a vida, mas apenas parte da vida. Você pode chorar por um tempo, mas não por todo tempo. É preciso ter um momento para recomeçar.

O "Cadish" é a oração do enlutado, que deve ser repetida nas sinagogas e ressalta a fé do enlutado em Deus, assim como Jó, que após a morte de seus filhos e a perda de seus bens, prostrou-se em terra e adorou ao Senhor (Jó 1.20). É um momento de busca a Deus em meio ao luto. Conta Kolatch que, por influência do rabino Jacob Israel Emden (1697-1776), criou-se o hábito de todos os presentes na sinagoga recitarem o "Cadish" juntamente com as pessoas enlutadas, em um gesto de solidariedade.

O princípio que está evidenciado aqui é de que a superação do luto passa indispensavelmente pela busca a Deus. Se queremos real e perfeito consolo para a dor da perda, devemos buscá-lo no Consolador, no Senhor da vida, naquEle que tem poder de preencher todo o vazio da nossa alma — o nosso Senhor e Deus.

Finalmente, os judeus que perderam entes queridos ainda praticam o "Iartseit", que é uma homenagem feita todos os anos no dia do aniversário da morte do ente querido, e que se resume a acender uma vela no túmulo da

pessoa amada para simbolizar a fé de que a "luz" dela — a sua vida — ainda está "acesa" na eternidade. Não tem absolutamente nenhuma conexão com o ritual de Finados do catolicismo romano. Outro detalhe é que os mortos dos judeus são enterrados sob lápides, seguindo uma tradição veterotestamentária (Gn 35.20) e que é reproduzida pelos cristãos há séculos no Ocidente. E essas lápides não podem ser ostensivas e caras, por causa das palavras de Provérbios 22.2, que diz que: "O rico e o pobre se encontram; a todos o Senhor os fez". O que está implícito em todas essas homenagens é o princípio de respeito à memória dos entes queridos que partiram.

O Luto no Novo Testamento

E no Novo Testamento? Como a questão do luto é tratada? Os princípios mudam? Não, eles permanecem basicamente os mesmos e podem ser resumidos em dois pontos. Ei-los:

1) Viva o seu luto — A Bíblia tanto no Antigo quanto no Novo Testamento não estimula ninguém a reprimir o seu luto, mas, sim, a vivenciá-lo. O próprio Jesus não segurou o choro por duas vezes, em manifestações de luto e pesar em meio a contextos de morte: uma vez, diante do túmulo de Lázaro (Jo 11.35) e em outra oportunidade, diante de Jerusalém, em seu histórico lamento sobre a cidade (Lc 19.41).

Jesus disse: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados" (Mt 5.4). Não há consolo para quem reprime o seu choro, nem para o duro de coração nem para a alma arrogante. Só há consolo para quem, antes de tudo, assume a sua dor.

Estamos falando aqui dessa verdade no Novo Testamento, mas urge lembrarmos o rico exemplo dos salmistas. Muitos são os salmos que se dedicam em grande parte a lançar os seus lamentos e anseios aos pés de Deus, confiando em sua graça e poder (2 Sm 1.17ss; Sl 6.6; 38.9; 55.2; 88.1; 142.2), e não poucas vezes os salmistas são recompensados com o consolo do Senhor (Sl 30.11; 62.1,2,5,8; 121.1,2).

2) Supere o luto — Não viva para o seu luto. Supere-o! Mas como superá-lo? A luz da Bíblia, há três fatores que devem ser encarnados para que possamos superar definitivamente o luto em nossas vidas.

Em primeiro lugar, lembre-se das verdades do evangelho acerca da sua vida e da existência humana como um todo. Lembre-se de que você não é como aqueles que não têm esperança. Absolutamente. Você tem esperança!

A morte, para o crente, não é o final da vida e, no caso de o seu parente falecido ser um crente em Cristo, também não é o final da sua relação com ele.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos crentes em Tessalônica, afirma: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a Irombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados íun lamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras" (1 Ts 4.13-18).

Quem crê em Cristo sabe que todos os cristãos estarão "para sempre com o Senhor" (1 Ts 4.17). Nós veremos outra vez, e desta feita para estarmos juntos para sempre, aqueles amados irmãos em Cristo que partiram para a eternidade antes de nós.

Mas em segundo lugar, superamos o luto quando buscamos a presença de Deus. A Bíblia diz que o Espírito Santo, o Consolador, nos ajuda em meio às nossas fragilidades: "E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos" (Rm 8.26,27). Se buscarmos forças no Senhor, Ele, certamente, nos fortalecerá para superarmos a dor.

Mesmo que não entendamos hoje as razões por que Deus permite que um ente querido nosso parta para a eternidade mais cedo, e às vezes de

forma tão trágica, devemos confiar na sua sabedoria, na perfeição dos seus propósitos. Ele sabe o que faz. Como afirma o apóstolo Paulo, devemos ter a convicção em nossos corações de que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28).

E finalmente, em terceiro e último lugar, busque ajuda. Procure o conforto da presença de seus irmãos em Cristo, de seus amigos verdadeiros, de familiares. O apóstolo Tiago, em sua epístola universal, afirma que devemos ajudar as pessoas nas tribulações, e cita como exemplos as viúvas e os órfãos, isto é, aqueles que perderam entes queridos (Tg 1.27). Inspirado pelo Espírito Santo, Tiago dá essa orientação porque sabe que é importantíssimo para aqueles que perdem familiares contar com a ajuda amorosa das pessoas nesses momentos difíceis. Ou seja, é impossível vencer o luto sozinho. É preciso estarmos juntos, em comunhão — primeiramente, com Deus e em seguida, com meus irmãos, amigos e familiares. "Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram" (Rm 12.15).

Conforto Perfeito em Deus

Não há dúvida de que o luto é um dos momentos mais amargos da existência, mas graças a Deus que não nos abandona em nosso luto, mas promete estar presente em meio à dor mais lancinante que possamos experimentar, a fim de nos consolar e nos fazer avançar em Cristo.

Como afirma o apóstolo Paulo, que sabia disso inclusive por experiência própria, "Deus consola os abatidos" (2 Co 7.6). Mesmo que todos nos abandonem, Ele não abandonará os seus filhos, ainda que em meio à adversidade mais intensa (2 Tm 4.16,17).

Que as verdades expressas nas palavras de Deus por meio do ministério de Isaías possam reboar no coração enlutado para curá-lo: "Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra fiel. (...) Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita; e te digo: Não temas, que eu te ajudo" (Is 41.10,13).

Não estamos sós. Temos um Pai que nos ama com amor eterno (Jr 31.3).

5

O ESTADO DE VIUVEZ

Um dos temas sociais mais abordados na Bíblia é o cuidado que se deve ter com os órfãos e as viúvas. A razão para isso é que, nos tempos bíblicos, quando uma mulher se tornava viúva, sua condição sócio-econômica caía dramaticamente em razão das limitadas alternativas que a mulher tinha no contexto social de sua época. Por isso, as viúvas daqueles dias eram, em sua maioria, muito pobres. Em compensação, a lei judaica, estabelecida por Deus, trazia normas que objetivavam proteger as viúvas, bem como os órfãos e estrangeiros (Êx 22.20; Dt 14.28; 24.1; 26.12-13; 27.19). Isso demonstra o apreço divino aos menos favorecidos.

No Novo Testamento, as principais passagens que tratam do cuidado com as viúvas são 1 Timóteo 5.3-16, Atos 6.1-7 e Tiago 1.27, e encontramos também Jesus se compadecendo de uma viúva de Naim e ressuscitando o seu filho (Lc 7.11-17).

Alguns dos viúvos e viúvas da Bíblia são Abraão (Gn 23.1,2), Ló (Gn 19.26), Judá (Gn 38.12), Tamar (Gn 38.11), Rute e Noemi (Rt 1-4), Orfa (Rt 1.4,5), Abigail (1 Sm 25.38), a viúva de Sarepta (lRs 17.9), a viúva do azeite (2 Rs 4.1-7), a viúva de Naim (Lc 7.12), a viúva pobre (Lc 21.2) e a profetisa Ana (Lc 2.36,37).

Neste capítulo, à luz das Sagradas Escrituras, trataremos do importante assunto da viuvez, destacando dois aspectos: primeiro, como a Igreja deve tratar e ajudar quem está nessa situação, e segundo, como o viúvo deve lidar com isso.

A Viuvez no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a questão da viuvez já era tratada com muita atenção. Inclusive, Deus advertira fortemente ao povo de Israel para que

tratassem bem os órfãos e as viúvas, caso contrario, Ele castigaria contundentemente aqueles que os oprimissem (Êx 22.22-24; SI 68.5; Ml 3.5).

Um detalhe interessante a ser notado é que as passagens tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, que tratam da questão da viuvez, não falam do cuidado com os viúvos, mas, sim, em relação às viúvas, uma vez que, no modelo da organização familiar daqueles tempos, a morte da esposa não mudava a posição social e econômica do marido, mas o contrário, sim. Lembremo-nos que, nos tempos antigos, ou seja, no período bíblico e também durante muitos séculos depois, não havia pensão alimentícia nem seguro social, e as mulheres também não tinham tantas alternativas de emprego como em nossos dias. Já para o homem, que normalmente sustentava a família sozinho, havia muitas opções, além de ser privilegiado na questão das heranças. Por esse motivo as viúvas passavam geralmente grandes necessidades.

No período bíblico, perder o marido significava para a mulher perder de forma dramática a sua posição social e econômica, e, conforme lembram-nos os teólogos Merril F. Unger e William White Jr, "a gravidade da situação era aumentada se ela não tivesse filhos" (Dicionário Vine, p. 332). No caso de não ter gerado filhos, a viúva voltava para a casa dos pais (Gn 28.11) e ficava sujeita à lei do levirato, que já era praticada antes de Moisés, mas foi estabelecida como lei, de fato, somente com ele (Dt 25.5,6).

O levirato consistia na obrigação de um parente próximo do falecido desposar a viúva para lhe dar um filho, assim como aconteceu com Rute (Rt 4). Por meio de medidas como essa, Deus demonstra a sua preocupação para com pessoas socialmente em desvantagem, como as viúvas e os órfãos, a fim de que sejam tratadas com justiça e socorridas em suas necessidades.

Orientações Bíblicas sobre como a Igreja Deve Tratar as Viúvas

Em toda a Bíblia, vemos passagens que trazem mensagens claras tanto sobre a forma como Deus quer que o estado de viuvez seja encarado

por aqueles que o vivem quanto sobre a maneira como seus filhos devem tratar as pessoas que vivem nesse estado. A seguir, vejamos o que as Escrituras declaram acerca do cuidado da Igreja em relação às viúvas.

Em primeiro lugar, as Sagradas Escrituras afirmam que as viúvas devem ser respeitadas e, quando não amparadas por seus familiares, cuidadas pelos irmãos em Cristo.

A Bíblia nos conclama a "tratar da causa da viúva" (Is 1.17) e a "honrar as viúvas" (1 Tm 5.3). Aliás, quando o diaconato foi instituído na Igreja Primitiva, o objetivo principal foi resolver a questão das viúvas, que "eram desprezadas no ministério cotidiano" (At 6.1). Jesus condenou de forma contundente o desrespeito dos escribas e fariseus em relação às viúvas, já que eles usavam seu status na hierarquia religiosa judaica de seu tempo para explorá-las financeiramente, aproveitando-se da fragilidade e da ingenuidade de muitas viúvas (Mt 23.14; Mc 12.40; Lc 20.47).

Em segundo lugar, as pessoas que se encontram vivendo sozinhas não devem ser relegadas, isoladas e abandonadas pelos seus irmãos, mas integradas na comunhão dos santos e socorridas em suas necessidades. Ao definir a verdadeira religião como envolvendo também a questão social, isto é, as boas obras, o apóstolo Tiago menciona como exemplo o assistir às viúvas em suas tribulações (Tg 1.27), o que subtende não apenas ação social, mas também comunhão.

Em terceiro lugar; a Bíblia nos ensina a ajudar financeiramente as viúvas, mas apenas as realmente desamparadas e que se enquadrem em alguns critérios específicos, elencados pelo apóstolo Paulo em 1 Timóteo 5. Os critérios usados pela Igreja para ajudar as viúvas são:

1) Só podem ser sustentadas as viúvas que são "verdadeiramente viúvas" (5.3) —, isto é, que não têm ninguém pai a cuidar delas. Uma observação: o vocábulo grego traduzido por "honrar" nesse versículo é *"timaõ"*, que significa muito mais do que mero respeito. Quer dizer também ajuda financeira, um honorário. O termo aparece no versículo 17 do mesmo capítulo, mas aplicado aos presbíteros, sobre os quais é dito que "devem ser considerados merecedores de dobrados honorários", ou seja, de um valor pecuniário correspondente ao dobro do valor que se dava para sustento de uma viúva, mas isso apenas para o obreiro de tempo integral, já que o apóstolo Paulo diz que tal bênção é apenas para os presbíteros que

"presidem bem" e, "com especialidade", para os que "se afadigam na palavra e no ensino" — as ideias de "presidir" e se "afadigar na palavra e no ensino" subtendem serviço dedicado ou de tempo integral.

Paulo afirma que se a viúva tiver filhos e netos, são eles que devem sustentá-las, e não a Igreja (5.4). Ele ainda assevera que "se algum crente tem viúvas, socorra-as", para que "não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas" (5.16), as que não têm realmente amparo (5.5a). "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente" (5.8).

2) A viúva que é amparada pela Igreja não pode ser relaxada, preguiçosa, fofoqueira, tagarela (5.13), desinteressada pela obra do Senhor e amante do mundo, mas deve ser uma mulher que "espera em Deus e persevera nas súplicas e orações, noite e dia" (5.5b). Ou seja, deve ser uma mulher de oração, piedosa, enfim, uma serva de Deus. A Igreja não pode usar as ofertas dos santos para sustentar uma viúva que só quer saber dos prazeres desta vida, que se dedica apenas a eles, e não em viver uma vida irrepreensível (5.6,7).

3) Deveriam ser amparadas somente as viúvas que tivessem mais de 60 anos de idade e que tivessem casado uma só vez (5.9). A Igreja não poderia sustentar viúvas jovens que estavam mais preocupadas em conquistar um novo marido do que em se dedicar ao serviço a Deus (5.11). O vocábulo traduzido no versículo 11 como "levianas" significa, no original grego, "cheias de orgulho e luxúria".

Que fique claro que quando Paulo fala das viúvas novas que, "quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se", não está condenando o desejo de as viúvas de casarem de novo, o que se chocaria frontalmente com o seu ensino em 1 Coríntios 7 em que o apóstolo afirma claramente que as pessoas solteiras e viúvas, "caso não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado" (1 Co 7.8,9). Na verdade, em 1 Timóteo 5 ele está referindo-se ao fato de que jovens viúvas não poderiam ser sustentadas pela Igreja porque muito provavelmente não se dedicariam exclusivamente ao serviço de Cristo, já que estariam, naturalmente, mais preocupadas em atrair um novo marido.

Quem é sustentado pela Igreja deve se dedicar totalmente à vida espiritual e ao serviço de Cristo, não se dividir com outras coisas. Portanto, a viúva não pode ser sustentada pela Igreja se não se dedicar exclusivamente ao serviço cristão. Ademais, ainda há outro aspecto: Paulo deixa claro que não convém a uma viúva jovem se acomodar à sua viuvez, como se não pudesse mais se encaminhar na vida, tendo que ser agora e para sempre sustentada pela igreja. Ela deve tentar seguir a sua vida: "Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não deem ao adversário ocasião favorável de maledicência" (5.14).

Aqui, também, está em evidência um conceito muito prático no que diz respeito à organização financeira de uma igreja: como os recursos financeiros das igrejas sempre foram limitados, a única forma de elas, em seu propósito de ajudar os necessitados, não se desequilibrarem financeiramente é estimular os seus membros a procurarem ser o quanto possível independentes financeiramente e, ao mesmo tempo, generosos em ofertar (1 Co 16.2). A Bíblia sempre estimulou a livre iniciativa, a autonomia e o trabalho, e condenou a preguiça, a ociosidade, a acomodação, o querer "se encostar nos outros" em vez de procurar manter a si mesmo. Paulo fala claramente sobre isso em 2 Tessalonicenses 3.10: "Se alguém não quiser trabalhar, não coma também". Aplicando esse princípio ao caso específico das viúvas jovens, vemos o estímulo bíblico para que elas não se acomodem à sua atual situação, mas busquem novamente a sua autonomia como esposas e mães, formando outra vez uma família, inclusive porque, se cedessem à tentação de se entregar à ociosidade, isso as tornaria, como alerta Paulo, também alvo de "maledicências".

4) A viúva que deve ser sustentada pela Igreja é aquela que "seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado a hospitalidade, lavado os pés dos santos [referência a uma prática de hospitalidade da época de Paulo], socorrido os atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra" (5.10).

Em síntese, a viúva que deve ser sustentada pela Igreja é aquela realmente desamparada, com mais de 60 anos, que é espiritual, dedicada ao serviço cristão e exemplar no seu testemunho como serva de Deus.

Como o Estado de Viuvez Deve Ser Encarado pelo Cristão

A Palavra de Deus é igualmente clara quanto à forma como o cristão que enfrenta o estado de viuvez deve encarar essa situação. Algumas orientações práticas são:

1) A viuvez não deve ser encarada como um fim. Quem está no estado de viuvez e ainda é jovem, e não puder se dedicar exclusivamente à obra do Senhor como recomendava Paulo (1 Co 7.32-40), diz a Palavra de Deus que deve procurar se casar novamente (1 Tm 5.14) em vez de viver sozinho(a), ocioso(a) ou, pior ainda, voltado(a) aos prazeres deste mundo (1 Tm 5.6,13).

2) Caso o cristão em estado de viuvez já seja idoso e, eventualmente, por essa razão, não pense mais em se casar — o que é comum acontecer entre as mulheres, (pesquisas mostram que 75% das mulheres idosas no mundo são viúvas) — que, pelo menos, não se entregue à inércia ou à melancolia, mas se dedique às coisas de Deus, onde encontrará consolo e graça e poderá também, e, sobretudo, ser um instrumento de Deus para abençoar a vida de muitos.

Na Bíblia, há grandes exemplos de viúvos e viúvas que aproveitaram sua condição para se dedicarem ao Senhor, tornando-se bênçãos em sua geração. A seguir, vejamos alguns deles, bem como as suas qualidades que devem ser encarnadas na vida de todos os servos de Deus que vivenciam o estado de viuvez.

Viúvos e Viúvas que Foram Exemplo na Bíblia

1) O patriarca Abraão: O "pai da fé" não teve uma viuvez melancólica e ociosa. Após chorar a morte de sua amada Sara, que era dez anos mais nova que ele, o patriarca Abraão ainda viveu mais 38 anos (Gn 23.1; 25.7) e, ao que tudo indica, bem ativo. Ele encaminhou o casamento de seu filho Isaque (Gn 24), casou de novo — sua segunda esposa chamava-se Quetura — e teve com sua segunda mulher seis filhos (Gn 25.1,2). Ao citar o exemplo de Abraão, não estamos dizendo que todos os que ficam viúvos devem necessariamente se casar de novo, mas apenas

ressaltando que Abraão, mesmo idoso, não agiu como se sua vida tivesse acabado depois da morte de sua esposa. A questão não é casar de novo, mas, sim, a necessidade de, após viver o luto, levantar a cabeça e seguir adiante, porque ainda temos muita vida para viver aqui antes de partirmos para a eternidade. A não ser que Deus queira abreviar a estada do seu filho ou filha na terra.

2) O apóstolo Paulo: Sabemos que, durante o seu ministério, Paulo não era casado, pois ele mesmo o afirma, quando aconselha aos solteiros e viúvas que seria melhor que ficassem como ele, isto é, sem se casar (1 Co 7.8). Porém, tudo indica que o apóstolo dos gentios fora casado antes, não apenas porque os judeus da época de Paulo casavam muito jovens, sendo raro chegarem à fase adulta sem estarem já casados, mas também porque Paulo fora fariseu (At 23.6), e os fariseus eram seguidores estritos da Torá, que afirma que "não é bom que o homem esteja só", que "deixará o varão o seu pai e a sua mãe a apegar-se-á à sua mulher" e que tem como o primeiro mandamento divino ao homem este: "Frutificai, e multiplica-vos, e enchei a terra" (Gn 1.28; 2.18,24). O casamento era uma norma para os fariseus, que casavam cedo, e Paulo, fariseu, filho de fariseus e criado aos pés de Gamaliel, disse que, quando era fariseu, "excedia em judaísmo" a todos de sua idade e fora extremamente zeloso nas tradições de seus pais (Gl 1.14; At 22.3). Ademais, Clemente de Alexandria (155-215 d.C.) afirmou que Paulo fora casado.

Há ainda a possibilidade de Paulo ter sido membro do Sinédrio (provavelmente de uma instância menor dentro dessa instituição), pois só poderia votar no Sinédrio, como Paulo o fez (At 26.10), quem fosse membro dele, e só poderia ser membro do Sinédrio quem fosse casado. Porém, o fato de ter sido fariseu já se sobrepõe à certeza ou não de ele ter sido membro do Sinédrio. Logo, podemos afirmar que o apóstolo dos gentios foi casado em sua juventude.

Então, por que Paulo afirma em 1 Coríntios 7.8; 9.5 que não tinha esposa?

A conclusão óbvia é que, de alguma forma, ficara viúvo, não querendo casar-se de novo por duas razões: primeiro, os perigos do ministério que exercia que o impedia de constituir família ("... por causa da instante necessidade...", 1 Co 7.26); e em segundo lugar, para se dedicar

inteiramente à obra do Senhor (1 Co 7.32,33). Além disso, o termo grego "agamos", que aparece na passagem de 1 Coríntios 7 para expressar o estado de não ser casado, aplica-se tanto para pessoas que nunca foram casadas como para os viúvos.

Portanto, tendo sido Paulo viúvo, como tudo indica, ele é um exemplo extraordinário de viúvo que dedicou a sua vida à causa do Senhor.

3) A viúva de Sarepta: Era uma viúva trabalhadora e hospitaleira (1 Rs 17.8-24).

4) Noemi e Rute: Eram mulheres trabalhadoras e de fé (Rt 1-4).

5) Ana, a profetisa: Ela nunca "se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia" (Lc 2.26-38).

6) Maria, a mãe de Jesus: Ela era um exemplo de fé, submissão a Deus e vida de oração, sendo também, pelo que se pode depreender do relato de Lucas, muito querida entre os crentes da Igreja Primitiva (At 1.14).

Que o exemplo desses grandes homens e mulheres inspire a vida de todos quantos se encontram no estado de viuvez a vivenciarem essa fase de suas vidas com a beleza e a graça com as quais Deus deseja que vivam.

6

QUANDO A DESPENSA ESTA VAZIA

E Eliseu lhe disse: Que te hei de eu fazer? Declara-me que é o que tens em casa. E ela disse: Tua serva não tem nada em casa, senão uma botija de azeite. (1 Rs 4.2)

A falta de haveres no cotidiano é um dos mais graves problemas com o qual o ser humano pode se deparar. Qual pai ou mãe não se sente constrangido com a impossibilidade de dar um alimento para seus filhos, ou mesmo quando se depara com uma situação em que seus esforços parecem não resultar o suprimento necessário das coisas básicas da família? Essas são situações de um mundo real, e que podem ocorrer com qualquer pessoa.

Diversos são os fatores que podem levar uma família a passar necessidades: desemprego, doenças, ausência de um provedor ou mesmo a preguiça ou descaso por parte dos responsáveis para com seus dependentes. Lembremo-nos de que essas coisas podem acontecer tanto para os que temem ao Senhor quanto para os que não o temem.

Aqui entra a questão: Se existem privações, de que forma Deus trata com elas? Baseados nas Escrituras, podemos crer que Ele nos ajuda em nossas dificuldades, pois a Bíblia apresenta os precedentes necessários a essa certeza. Ele tem o poder de providenciar os recursos necessários à nossa subsistência. Devemos ressaltar que Deus opera milagres em nossos dias, no tocante à provisão, usando pessoas mais abastadas para socorrer as que pouco tem, ou mesmo multiplicando poucos recursos pessoais para que a necessidade seja sanada.

Lutando contra o Imprevisto — a Viúva de um Profeta

O caso relatado no capítulo 4 de 2 Reis é um dos mais observados no que diz respeito à escassez na Bíblia, tanto no tocante à existência do problema entre pessoas que servem ao Senhor quanto à forma como Deus supre nossas necessidades.

A viúva do profeta

A Palavra de Deus é clara quanto às situações pelas quais as pessoas passam. Em 2 Reis 4 verificamos a abertura do capítulo com a história de uma viúva de um profeta. Essa mulher fora casada com um profeta. Esse homem era um conhecido de Eliseu, e apesar de a Bíblia não citar seu nome podemos entender isso por meio da declaração da viúva: "Meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que o teu servo temia ao Senhor" (2 Rs 4.1). Dessa frase tiramos duas observações: a) Como já se sabe, a morte não poupa aqueles que temem ao Senhor. Para morrer, como diz a sabedoria popular, basta estar vivo. O fato de ser um aprendiz de profeta não impediu que a morte o ceifasse; b) Aquele profeta era um homem temente a Deus. Pode parecer jocoso e redundante falar nesses termos, mas um profeta que teme ao Senhor deve ser a regra, e não a exceção em nossos dias. Há pessoas que utilizam os dons que Deus dá de forma irresponsável, e não raro, em proveito próprio, usando-os em nome de Deus para receber algum benefício. Mas não era esse o caso desse homem. Ele temia ao Senhor, e esse fato era do conhecimento de Eliseu.

O caso que Eliseu tem diante de si é realmente complicado. Um homem profeta, temente a Deus, faleceu deixando uma dívida tal que o credor, de acordo com a lei, poderia levar os filhos daquela viúva como escravos. Se pensarmos com a mente do homem do século XXI, desprezaremos a escravidão e os trabalhos forçados como práticas execráveis, mas nos dias do Antigo Testamento eram aceitos, neste caso, para saldar uma dívida!

Sem esposo para prover a sua subsistência, e tendo dois filhos para sustentar, aquela mulher recorreu ao Senhor.

A dívida

A Bíblia se cala tanto à origem da dívida quanto ao seu montante, mas sabemos que era suficiente para que o credor se utilizasse dos meios legais para constranger a família a saldar o débito. A moeda de troca eram os dois filhos da viúva.

Muitos grupos sociais na antiguidade tinham pouco apreço por suas crianças. Em certas sociedades, crianças eram espancadas e lançadas em prisões ou ainda utilizadas em trabalhos escravos, mesmo por suas famílias. Mas não era esse o caso da viúva do profeta. Ela amava seus filhos e desejava tê-los consigo, e não nas mãos de um credor que os venderia como escravos. Mesmo em Israel, houve momentos em que o povo se esqueceu do Senhor e sacrificou seus filhos. Falando por meio do ministério de Jeremias, Deus declara um dos motivos por que entregaria a cidade de Jerusalém nas mãos de Nabucodonozor: "Edificaram os altos de Baal, que estão no vale do filho de Hinom, para queimarem a seus filhos e a suas filhas a Moloque, o que nunca lhes ordenei, nem me passou pela mente fizessem tal abominação, para fazerem pecar a Judá" (Jr 32.35, ARA).

A viúva não quis ver seus filhos trabalhando como escravos, mas os queria perto de si. Perder o esposo com certeza foi um grande choque, mas perder os filhos logo depois seria insuportável. Apenas Deus poderia fazer algo em prol daquela família.

A administração dos recursos financeiros é um desafio que exige sabedoria de todas as pessoas. Por mais que temamos a Deus, somos desafiados e pensar no futuro e ter planos de contingência para, nos casos em que formos surpreendidos com a falta do necessário para o cotidiano, saibamos que medidas tomar para que as privações sejam pequenas e temporárias.

A solução dentro de casa

O problema da dívida daquela família precisava ser resolvido. Eliseu não pensou em buscar um empréstimo para saldar aquela pendência financeira. Ele perguntou o que aquela mulher tinha em casa. Curiosa essa pergunta, pois se a mulher veio até o profeta pedir ajuda para não ter seus filhos levados como escravos por causa de uma dívida, é plausível entender

que ela não tinha bens de valor material em casa que fossem suficientes para a quitação do débito.

A mulher responde ao profeta: "Tua serva não tem nada em casa, senão uma botija de azeite" (2 Rs 4.2). Em que um vaso de azeite seria útil em uma casa com falta de provisão? Lawrence Richards fala que "óleo de oliva refinado era usado no cozimento, cosméticos e queimado como combustível na iluminação, e era sempre mantido em combustão, mesmo na casa do mais pobre dos hebreus" (Guia do Leitor da Bíblia, p. 245). É possível entender, dessa nota, que o azeite era um produto de pouco valor agregado, de baixo custo, mas essencial à vida de todos. A ordem de Eliseu à mulher foi que conseguisse muitos vasos emprestados, vazios, e que fechasse a porta de sua casa, e derramasse o pouco de azeite que tinha naqueles vasos. Obedecendo à palavra do profeta, aquela viúva viu o milagre que Deus realizou multiplicando o pouco que ela possuía. Não havendo mais recipientes onde estocar o azeite, cessou o milagre.

Aquela mulher tinha então uma grande quantidade de azeite em casa, mas parece que não sabia o que fazer com ele. Indo mais uma vez ao profeta, contou-lhe o ocorrido e ouviu dele que vendesse o azeite, pagasse a dívida e vivesse do restante. É preciso saber trabalhar com o que se tem em mãos.

A ordem era clara. Aquele milagre não aconteceu para que ela gastasse o dinheiro com coisas desnecessárias, mas sim para que pagasse a dívida adquirida por seu falecido esposo. Como servos de Deus, precisamos entender que Deus dá o necessário para as necessidades, e não para as vaidades...

Deus Age com o que Você Tem

A botija de azeite

Deus espera que ajamos com sabedoria em todos os momentos de nossa existência, sobretudo nas adversidades. O pouco que aquela mulher tinha em casa foi feito em muito, mas ela precisava ser sábia no tocante ao que fazer com aquele muito que o Senhor lhe dera. Ter recursos em abundância não é suficiente para que solucionemos problemas de escassez. É preciso que saibamos utilizar o que Deus nos deu.

A orientação de Eliseu foi que a mulher vendesse o azeite e pagasse a dívida que destruiria sua família que já estava desfalcada. A mulher já tinha visto o milagre sendo operado. Agora, deveria angariar os fundos necessários com a utilização correta do milagre de Deus. Lembre-se disso: Na hora em que a despensa está vazia, não adianta ter muitos recursos se você não sabe como aproveitá-los em prol de sua subsistência e de sua família.

A farinha na panela

Outro caso que exemplifica o cuidado de Deus com nossa provisão é apresentado em 1 Reis 17. Esse capítulo descreve o ministério de Elias, o profeta tisbita que desafiou o rei Acabe e sua perversa e assassina esposa, Jezabel. Mais que trabalhar na vida da viúva de Sarepta, Deus estava trabalhando a fé de Elias, preparando-o para história a qual ele seria protagonista como representante de Deus em uma nação corrompida.

Deus dissera a Elias que Ele traria seca sobre a terra. A intenção do Senhor era mostrar aos israelitas que Ele, e não Baal, era que mandava a chuva sobre a terra, trazendo o sustento de que tanto necessitavam. Tiago nos diz que esse período sem chuva foi de 3 anos e meio: "Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu" (Tg 5.17, ARA). Não é difícil entender que Elias foi alvo de sua própria profecia, pois o ribeiro de Querite, onde ele se abrigou por ordem de Deus, secou-se. Findas as águas do ribeiro, a ordem de Deus era que Elias se dirigisse a Sarepta, território de origem de Jezabel, para que fosse sustentado por uma mulher viúva. Como se não bastasse estar sendo perseguido pelo rei, Elias teria de ser sustentado por uma mulher, e viúva! Mas Elias obedeceu a Deus.

Chegando ao seu destino, o profeta encontrou uma mulher que não tinha nada, exceto um pouco de farinha para sua última refeição. A perspectiva daquela mulher era das piores: "Porém ela disse: Vive o SENHOR, teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou prepará-lo para mim e para o meu filho, para que o comamos e morramos" (1 Rs 17.12). Essa seria a última refeição para aquela mulher e seu filho. E Elias ainda tem a ousadia de pedir que ela faça

a refeição para ele primeiro! De alguma forma, aquela mulher creu quando Elias disse que o Deus de Israel não deixaria faltar alimento naquela casa. O Deus de Israel não era o Deus daquela mulher, mas ela creu e foi sustentada por sua fé. Esse fato foi de tal importância que o próprio Jesus, falando da incredulidade de Israel em seus dias, citou o caso dessa mulher. A verdade é que Deus trouxe provisão àquela mulher por intermédio do ministério de Elias, não permitindo que o necessário lhe faltasse.

Cinco pães e dois peixes

Por ocasião de seu ministério terreno, Jesus não trouxe apenas ensino, cura e libertação aos que o ouviam. Em certa ocasião, após ensinar a um grande grupo de pessoas, ordenou a seus discípulos que providenciassem alimento para aquelas pessoas. Os discípulos de Jesus certamente não contavam com aquela ordem, e estavam desprovidos de recursos para executá-la.

André, um dos discípulos, disse ao Senhor: "Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantos?" (Jo 6.9). Essa foi a matéria prima que Jesus se utilizou para alimentar muitas pessoas.

Nos três exemplos acima, podemos observar que não havia abundância inicial dos recursos necessários à provisão de todos, mas o que tinham foi o suficiente para que Deus operasse de forma sobrenatural.

A Providência Divina

No Antigo Testamento

A Palavra de Deus nos apresenta relatos que demonstram o cuidado de Deus para com as nossas necessidades. Por ocasião da caminhada de Israel pelo deserto, após sua libertação do Egito, Deus providenciou alimento e água.

Em certa ocasião, quando Samaria foi cercada pelo rei da Síria e houve fome a ponto de a Bíblia relatar um ato de canibalismo, Eliseu foi ameaçado pelo rei, e profetizou dizendo que no dia seguinte, haveria tantos víveres em Israel que seriam comercializados a preços baixos. E no dia seguinte, o acampamento dos siros, que estava abarrotado de comida, ficou

deserto e à disposição dos israelitas. Conforme a palavra do Senhor na boca de Eliseu, houve abundância de comida para Samaria. Neste caso, Deus utilizou os inimigos de Israel a fim de lhes dar alimento.

No Novo Testamento

Jesus deu uma amostra de como o pouco pode se tornar muito nas mãos de Deus, por ocasião da multiplicação dos pães e peixes. João 6 fala que estava próxima a páscoa, e Jesus, seguido de uma multidão de pessoas, testou Filipe questionando-lhe sobre um local para que comprassem pães para as pessoas. João comenta que "Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer." A estimativa de Filipe foi que seria necessário uma grande soma de dinheiro para que houvesse pão suficiente para cada pessoa. André, um dos discípulos, comentou que havia ali um menino que tinha cinco pães e dois peixinhos, mas isso seria pouco para a quantidade de pessoas presentes. Se aquela quantidade de comida era suficiente apenas para uma criança, não nos pode passar pela mente que aquela quantidade satisfaria a fome de uma multidão de pessoas. E não satisfaria mesmo, a menos que Jesus interviesse. E Ele interveio.

Jesus deu graças pela comida e distribuiu entre eles, de forma que todos pegaram o quanto queriam, e sobraram doze cestos daquilo que seria o lanche de uma criança.

Deus utiliza milagres para trazer suprimentos às nossas necessidades. Não são poucos os casos de pessoas que foram surpreendidas pelo auxílio divino em suas necessidades. Deus utiliza-se de meios humanos para amainar as necessidades de seus servos. E a igreja tem sido participante nesse mister por meio da assistência social. Paulo nos recomenda que: "Então, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6.10).

Encerro este capítulo com algumas observações de Tommy Barnett, autor da obra Há um Milagre em sua Casa. O pastor Barnett apresenta nesse livro um pouco de suas experiências ministeriais em relação ao assunto provisão.

Saiba aonde ir, quando não souber o que fazer. "O lugar onde depositamos nossas esperanças determina se receberemos, ou não, um milagre." A mulher viúva não ficou em casa se lamentando pela perda do

marido e por ter de arcar com a dívida que ele assumira. O problema existia, e não adiantava pensar muito nele. Ela precisava de uma solução, e foi buscar a ajuda do Senhor.

Não busque um messias terrestre. Ao buscar uma ajuda de Eliseu, aquela mulher ouviu uma pergunta que, aos nossos olhos, soa como que estranha, vinda de um profeta: "Que te hei eu de fazer?" (2 Rs 4.2). Eliseu era um profeta, um homem a quem Deus revelava até os planos dos inimigos de Israel. Ele seria a pessoa mais indicada para revelar à mulher o que ela deveria fazer. Entretanto, Eliseu não era um messias multiplicador de pães e peixes. A esperança daquela mulher seria colocada em Deus, e não em seu profeta.

Descubra o que você lem em casa. Deus não disse a Eliseu o que a viúva possuía em casa. Entretanto, quando o profeta soube o que aquela mulher ainda tinha em seu lar, ordenou que se provesse de muitos vasos. A mulher "não precisava de uma nova visão de sua necessidade, pois estava bem ciente dela. O que a mulher precisava era reconhecer que Deus já havia lhe dado o início do seu milagre, embora parecesse tão pouco o que havia em casa".

Não se deixe cegar pelo negativismo. Aquela mulher observou o seu problema, no auge de seu sofrimento. Mas ao fim do milagre, quando ela foi falar com o profeta pela segunda vez, estava diferente. Ninguém reclama quando se vê alvo de um milagre, mas até que ele se manifeste, é preciso esperar e confiar no Senhor. "É fácil dizer: 'Não tenho nada'. É necessário, porém, ter fé para acrescentar: 'Nada, senão uma botija de azeite...'". O "senão" faz toda a diferença aos olhos de Deus, pois é desse "senão" que Deus fará um milagre.

A fé só é fé quando você faz algo — a ação é necessária. Creio que Deus é o Deus do impossível, mas tenho dificuldades para crer que Ele é seja Deus do absurdo. Ele fará a parte dEle, mas espera que façamos a nossa também. Aquela mulher foi aos seus vizinhos e pediu muitos vasos, e depois disso Deus fez com que o azeite jorrasse em abundância. Se ela não tivesse feito sua parte, não haveria milagre.

Não coloque limitações à capacidade de Deus prover o que você necessita. A mulher não tinha idéia do que aconteceria, mas obedeceu ao

profeta quando ele ordenou que buscasse muitos vasos. Apenas quando os vasos ficaram todos cheios foi que o milagre terminou.

Feche a porta para a dúvida. Ninguém da vizinhança viu nem presenciou o que estava acontecendo naquela casa. Em certas ocasiões, Deus trabalha apenas com as pessoas que necessitam de um milagre, e não com todas as pessoas.

Aja através do milagre. O que fazer quando um milagre acontece? Muitas pessoas se deparam com tal situação, como foi o caso daquela viúva. Ela viu o milagre acontecer, e o resultado do milagre estava em sua casa, mas não nos parece que ela sabia o que fazer naquele momento. O conselho de Eliseu, de que ela vendesse o azeite e pagasse a dívida, orientou a atitude daquela mulher.

Lembre-se: sempre haverá o suficiente. A última frase de Eliseu nesse relato foi: "E tu e teus filhos vivei do resto" (2 Rs 4.7). Entendemos que o azeite foi suficiente não apenas para saldar aquela dívida e manter os filhos da mulher com ela. Sobrou alguma quantidade de tal forma que aquela família pode viver com os recursos adicionais do milagre. O pouco azeite que ela possuía em casa foi suficiente para a realização do milagre, o que nos mostra não apenas que sempre haverá o suficiente, como também que milagres podem ocorrer não necessariamente do "nada", e sim de um "mínimo" de elementos necessários.

Deus pode, do pouco, fazer o muito e suprir nossas necessidades.

7

GANHANDO O CÔNJUGE NÃO CRENTE

Joana é cristã há oito anos. Jorge, seu marido, não é evangélico. Joana gosta de trabalhar com crianças e o pastor pediu a ela que desse aulas na Escola Dominical. Joana conversou com Jorge a respeito e ele concordou que ela aceitasse o convite. Seu compromisso como professora deveria ser por um trimestre (13 semanas). Passado metade do tempo, Jorge começou a resmungar e se queixar a Joana por causa de seu compromisso. Embora ela tomasse cuidado de preparar as lições quando ele não estava em casa e a minimizar o efeito do seu compromisso sobre ele, Jorge mostrava-se decididamente infeliz. Ele resolveu de uma hora para outra que deveriam passar fora o fim de semana a cada quinze dias, para que pudesse escapar das pressões do trabalho. Joana lembrou a ele amavelmente de que concordara que ela ensinasse, mas ele não se importou com o comentário. Joana está agora dividida entre seu desejo de cumprir o prometido à igreja (fazendo com que seu "sim" seja mesmo um "sim") e seu desejo de acabar com as reclamações, espetadelas, gritos e sarcasmo que tem de aturar do marido. Ela está sofrendo por fazer o bem. Ela precisa alegrar-se no Senhor, cumprir seu compromisso com a igreja e continuar sendo bondosa e amorosa com seu esposo. Além disso, deve tentar descobrir uma professora substituta que possa dar aulas uma ou duas vezes por mês como um meio de mostrar a Jorge que ela está tentando acomodar os desejos dele, embora o marido não tenha cumprido com sua palavra.

Esse texto adaptado mostra o conflito de um casal em que um dos cônjuges é crente, e o outro não. Neste capítulo trataremos sobre o casamento misto, uma situação que vem ocorrendo na igreja e da qual não podemos nos furtar no sentido de ajudar a quem por ela passa. Desejamos não apenas avaliar a situação, mas também verificar de que forma um cônjuge crente pode ganhar para Jesus o cônjuge não crente. Comecemos

com uma palavra preventiva para os solteiros. A seguir, trataremos especificamente dos casados.

A Vontade de Deus para os Solteiros

> A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo em que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido, fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor. (1 Co 7.39)

Tratando primeiramente dos solteiros, utilizamos um versículo que trata do caso de viuvez. A semelhança entre a viuvez e o estado de solteiro são semelhantes, pois permitem à pessoa casar-se. O viúvo, mais uma vez, e o solteiro, pela primeira vez. O foco é o desimpedimento para contrair núpcias. Apesar de o texto acima descrever a possibilidade de um segundo casamento de uma mulher que passou pela viuvez, devemos observar dois princípios: a) No caso de uma viuvez, o viúvo ou viúva tem a possibilidade de se casarem mais uma vez; b) "Contanto que seja no Senhor" traz a ideia de que seu próximo cônjuge deve ser escolhido entre os domésticos da fé. Não há, portanto, uma concessão de Deus para que se escolha pessoas estranhas à fé cristã com o objetivo de constituírem uma família.

Namoro, noivado e casamento não são campos missionários. Diferente do que alguns solteiros acreditam, não costuma dar certo namorar uma pessoa não crente para ganhá-la para Jesus, e por "tabela", para si mesmo (a). A regra é que nesse caso, o não crente costuma tirar da igreja o crente, ou se seguirem no namoro e até o casamento, as demandas espirituais de cada um entrarão em conflito e o crente sairá da igreja, se não mantiver uma postura muito segura de sua fé.

O desejo de Deus em relação aos solteiros é que escolham pessoas da mesma fé a fim de se casarem. Usei o verbo "escolher" porque fazemos uma escolha. Deus espera que utilizemos o bom senso nesse ato de escolha. O senhor nos guia como ovelhas por verdes pastos, mas não nos diz de qual moita devemos nos nutrir. Por que isso? Para que tenhamos a liberdade de glorificá-lo fazendo escolhas sábias e coerentes, inclusive em relação ao casamento.

De forma geral, outros grupos religiosos agem dessa forma. Muçulmanos buscam muçulmanos para se casaram, e judeus costumam se casar com outros judeus. Sempre há exceções à regra, e as exceções sempre

são vistas como uma quebra de um padrão social estabelecido, ainda que de forma costumeira. Sabemos que muitas vezes o parâmetro divino não é observado nas escolhas de moças e rapazes, o que abre as portas para diversos problemas no casamento, como discussões sobre a criação de filhos na igreja ou não, tempo para o lazer, utilização de recursos financeiros, e vida espiritual dos membros da família e escolhas de amigos.

São problemas reais de quem escolheu casar-se com uma pessoa que possui uma fé diferente.

A Vontade de Deus para com uma Pessoa Casada com um Não crente

Tendo tratado dos solteiros que possuem o direito de escolha no tocante ao casamento, falemos dos casados. Há pelo menos três possibilidades que ensejam um casamento que acabará se tornando misto: Há o caso em que um homem e uma mulher se casam não sendo crentes, e um deles depois se converte ao evangelho, e o outro não. Aqui, a conversão ocorre depois de o casamento consumado.

Existe o caso de uma pessoa crente que se casa com uma não crente. Isso ocorre com certa frequência, quando um cristão decide desobedecer a Deus quanto à escolha de um cônjuge. Neste caso, o casamento é misto em sua origem.

Há o caso de duas pessoas se casarem na igreja, e um dos cônjuges professar ser cristão, mas não mostrar de forma evidente o fruto do espírito e a salvação depois do casamento. Não é difícil entender que há pessoas na igreja que estão lá apenas por interesses específicos, não importando a elas a comunhão com Deus. Esse é um terceiro caso de ocorrência do casamento misto.

Independente da origem, o casamento misto é um desafio à fé do cônjuge cristão. As discussões podem se tornar frequentes quanto ao pensamento religioso, agravando os atritos da convivência. Nessa seara, diferente da ordem que Deus dá de os solteiros casarem-se com quem quisessem, desde que o fizessem no Senhor, Paulo apresenta uma outra situação: aos cônjuges, que não se separassem. Geralmente se entende que esse texto refere-se a duas pessoas casadas e que antes não conheciam ao

Senhor, e que posteriormente ao casamento, um tenha aceitado a Jesus e o outro não. Entretanto, há uma condição para essa manutenção do casamento: a concordância em viverem juntos.

A Bíblia não defende o divórcio, nem mesmo de um cônjuge crente e um não crente. "E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe. Mas, aos outros, digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe" (1 Co 7.13,14).

Essa não é uma realidade distante de nossas igrejas. Temos em nossas congregações pessoas que passam pelos chamados casamentos mistos, em que um dos cônjuges serve ao Senhor, e o outro, não.

O Antigo Testamento e o Casamento Misto

Salomão

Houve momentos em Israel em que casamentos mistos atrapalharam o povo de Deus. Um dos exemplos é o de Salomão e as mulheres de seus inúmeros casamentos. Salomão começou bem seu reinado. Contou com a ajuda de Deus, que lhe deu paz com seus vizinhos, sabedoria e riquezas. Era conhecido como um homem muito inteligente, e procurado diversas vezes para realizar julgamentos para o seu povo. Entretanto, a Bíblia apresenta uma falha na vida de Salomão: as mulheres com quem ele se casou.

Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o SENHOR, seu Deus, como o coração de Davi, seu pai. (1 Rs 11.4).

Esse verso mostra a derrocada do terceiro rei de Israel. Ele possuía, como esposas, setecentas princesas e trezentas concubinas. Essas mulheres convenceram Salomão a seguir cultos estranhos. O verso também cita Davi, seu pai. Davi também teve muitas esposas, o que a lei de Deus condena, mas nenhuma delas fez com que Davi se desviasse dos caminhos do Senhor. Não entenda esse comentário como um precedente para a poligamia. Entenda, dentro do que estamos falando, sobre a capacidade de

um cônjuge não crente convencer o crente a afastar-se dos caminhos do Senhor.

Acabe e Jezabel

Neste momento da história de Israel, com o reino dividido, o Reino do Norte caiu nas mãos de Acabe. Ele casou-se com Jezabel, uma siro-fenícia que nunca escondeu suas preferências religiosas. Ela não apenas utilizou o dinheiro público dos judeus para sustentar 850 profetas de Baal e Astarote, mas também eliminou os profetas do Senhor que não conseguiram escapar de suas mãos.

Ela parecia uma mulher autônoma, dotada de pensamentos malignos. E com um marido submisso, conduziu Israel à idolatria, a ponto de Deus levantar Elias como profeta e combater o casal e trazer de volta a nação ao Senhor.

Neste caso, esse casamento custou um alto preço à liderança do Reino do Norte. Por não se arrepender e tornar ao Senhor, Acabe pagou com a vida em uma guerra, e Jezabel foi lançada da janela do palácio, onde morreu por causa da queda, mas não sem antes tentar seduzir seus executores.

Casamentos depois do exílio

Por ocasião da reconstrução de Jerusalém pelas mãos de Neemias, este se deparou com uma situação complicada (tanto quanto as outras com que se deparou, como oposição política e espiritual, deboches, pobreza e possibilidade de ataques contra a cidade): os diversos casamentos mistos realizados durante o exílio. J. I. Packer, tratando de Neemias e desse desafio, comenta:

> [Prometemos] que não daríamos as nossas filhas aos povos da terra, nem tomaríamos as filhas deles para nossos filhos (10.30), preceituava o "firme concerto". Na ocasião em que ele foi firmado, a pureza racial fora tema de preocupação comum, e eles "apartaram de Israel toda mistura" (13.3), indo além do que mandava a lei, que excluía apenas os amonitas e moabitas. Não obstante, o zelo pela pureza do sangue israelita e em fazer tudo para agradar a Deus, que presumivelmente instigara tal exclusivismo, evaporara-se. Quando Neemias retornou a Jerusalém, encontrou lá "judeus que tinham se casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas" (13.23). O motivo pode ter sido a paixão, é claro, porém é mais provável que haja sido a prudência (se é que se pode chamar

> assim) que tinha os olhos na oportunidade e nos casamentos por dinheiro, prestígio ou alguma forma de lucro mundano. E, em alguns casos, Neemias descobriu que a língua falada em casa, por decisão dos pais, era estrangeira. "E seus filhos falavam meio asdodita e não podiam falar judaico, senão segundo a língua de cada povo" (13.24). Isso enfureceu Neemias não apenas pela quebra do voto, mas porque as crianças seriam incapazes de partilhar a adoração em Israel, ou aprender eficazmente a lei; consequentemente, não estariam aptas a transmitir a fé aos filhos que viriam a ter, e assim estaria em risco a futura unidade espiritual da nação israelita. (*Neemias — Paixão pela Fidelidade*, p. 212,213)

Neemias agiu de forma radical nesse momento, convocando uma reunião com os homens e cobrou-lhes o que haviam prometido.

Os exemplos citados acima mostram o perigo de um casamento misto, apresentando a possibilidade de haver um desvio do cristão, quebra da relação com Deus, como também implicações para os filhos e netos, que terão dificuldades em ter contato com a Palavra do Senhor e a fé em Jesus Cristo.

O Novo Testamento e o Casamento Misto

O Novo Testamento fala de Timóteo. Esse moço foi um dos companheiros de Paulo em suas viagens missionárias, e posteriormente pastoreou a igreja de Éfeso. Mas de que forma Timóteo participa deste tema de casamentos mistos? Há algum registro de que ele, como missionário e pastor, tenha se casado com uma mulher não crente? Não, não há registros nem no Novo Testamento nem com os pais da Igreja de que Timóteo tenha se casado com uma mulher não crente. Mas há o registro de que Timóteo era filho de uma mulher judia e um pai grego. Lucas relata em Atos 16.1 que quando Paulo chegou em Derbe e Listra, "E eis que estava ali um certo discípulo por nome Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego". Ou seja, ele era fruto de um casamento misto. Isso retira dele a autoridade pastoral ou missionária? Claro que não. Mesmo sendo filho de pai grego, ele foi ensinado na fé judaica, por sua mãe e sua avó: "trazendo a memória a fé não Ungida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti". Se em um texto Timóteo é apresentado como filho de um casamento misto, em outro texto é ressaltada a fé que lhe foi transmitida por sua mãe e avó.

Nada impede que o filho de um casamento misto se torne um ministro do evangelho, mas com certeza um preço há de ser pago. Não sabemos o motivo por que Eunice, mãe de Timóteo, tornou-se esposa de um grego, mas sabemos que ela não perdeu a fé no Deus de Israel. Sabemos também que essa fé foi transmitida a seu filho. É provável que o pai de Timóteo não visse nenhum problema em seu filho ser levado à sinagoga. Talvez não tenha tolhido o direito de Eunice de incutir no filho a fé no Messias que viria. O certo é que Deus alcança lares mistos onde a fé perdura, mas não sem algum conflito.

Situações na Igreja de Corinto

A primeira carta aos Coríntios, capítulo 7, fala, entre muitas questões, sobre o casamento. Ele começa falando sobre o casamento, orientando sobre o cuidado contra a prostituição e a necessidade de os cônjuges reconhecerem as necessidades sexuais uns dos outros. Fala do cuidado para que não se fique abrasado, dando preferência ao casamento, e ordenando que os casados não se separem. A seguir, Paulo trata do casamento entre crentes e não crentes. Ele sabia que na Igreja Coríntia havia casamentos mistos, e recomendou que se o cônjuge não crente consentisse em continuar vivendo com o crente, que o crente não se separasse. A única possibilidade de divórcio era se o não crente não quisesse mais manter a união (1 Co 7.15). Nesse caso, o cônjuge crente estava livre: "Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz". Paulo não recomenda o divórcio, mas se esse acontecer pelo desejo do não crente, que o crente se sinta em paz.

Como já vimos, a posição bíblica é que os solteiros não se casem com pessoas não crentes. Caso o matrimônio tenha ocorrido quando os cônjuges não eram crentes, e um posteriormente tenha recebido a Jesus, que não haja o divórcio, exceto se o não crente quiser romper o compromisso matrimonial. Caso o não crente queira manter a união, que o crente não o desfaça. E é possível que os filhos de um casamento misto tenham um encontro com Jesus e se tornem grandes obreiros.

Últimas Palavras

Recomendamos que o cônjuge crente faça o possível para que seu companheiro ou companheira sejam alcançados pelo Senhor. Independente de como se iniciou um casamento misto, é certo que Deus deseja alcançar o cônjuge não crente.

A oração é fundamental. A primeira coisa que devemos fazer é buscar ao Senhor em oração. "Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos" (Tg 5.16). Deus espera que apresentemos no altar nossas dificuldades em todos os aspectos, e as dificuldades de relacionamento não estão de fora. Busque ao Senhor apresentando seu esposo ou esposa e creia que sua oração será respondida. Deus espera alcançar seu cônjuge, para que ambos sejam coerdeiros do céu.

O ensino aos filhos. Como Timóteo teve uma educação que o direcionou posteriormente ao ministério, o cônjuge crente pode tentar criar seus filhos na igreja, levando-os ao santuário e os apresentando a Jesus. Caso haja alguma oposição, argumente que é importante que os filhos tenham uma vida espiritual ligada a uma fé que apresente a Palavra de Deus como regra e prática, melhorando o seu comportamento e fazendo com que sejam cidadãos melhores, com bons modos e uma visão bíblica da vida. Deus fará o restante.

O bom testemunho. Nosso comportamento é notado em nossa casa e fora dela. E nosso cônjuge perceberá a diferença que Deus faz em nossa vida. O "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço" não tem vez no Reino de Deus, sendo o nosso testemunho mais importante que nossas palavras.

O cuidado com as coisas cotidianas. Há pessoas que, com a idéia de servir ao Senhor, abandonam o lar e deixam de dar sua presença e assistência ao cônjuge e aos filhos. Esse não é um bom testemunho. A oração no templo é de grande valia, pois oramos e temos comunhão uns com os outros, mas isso não pode servir de desculpa para se evitar o lar e o cônjuge não crente. Se servimos ao Senhor, precisamos entender que nossa fé é refletida em nossas ações dentro e fora de casa. Portanto, a diligência

no lar faz parte de nosso trabalho para que o Senhor alcance nosso companheiro ou companheira.

8

REBELDIA DOS FILHOS CRISTÃOS

A imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice. (Gn 8.21)

Se você tem a pretensão de começar uma polêmica, comece com o assunto criação de filhos. Cada casal entende a criação de filhos de forma única, e as diferenças entre opiniões tende a ser aumentada de acordo com a cultura em que os pais foram criados. Tratar de filhos rebeldes, então, torna-se mais controverso.

Quando o assunto é rebeldia de filhos de pais cristãos, se pensarmos de forma honesta, veremos que ser pais fiéis ao Senhor não garante necessariamente que nossos filhos seguirão os nossos caminhos e não serão rebeldes. Por mais que utilizemos princípios bíblicos na criação de nossos filhos, devemos nos lembrar de que eles fazem suas próprias escolhas, e de que são responsáveis por elas.

Não é exagero dizer que não são poucos os encarcerados do sistema prisional que tiveram uma origem cristã, indo até mesmo à Escola Dominical, mas que em algum momento de suas vidas decidiram fazer pouco caso da criação que tiveram e esqueceram-se de Deus, praticando crimes puníveis com a perda da liberdade, ainda que de forma temporária. Essa é a realidade em muitas famílias de nossas igrejas.

Mas o contrário é igualmente verdadeiro. Há muitíssimos casos de filhos que seguiram o exemplo dos pais, trilhando o caminho da fé em Jesus, tendo eles mesmos suas próprias experiências com Deus e fazendo do Deus de seus pais seu próprio Deus.

Muitos são os fatores que podem levar nossos filhos a agirem com rebeldia contra Deus e contra os pais. Ausência emocional (>u física dos pais, uma doença, exagero nas expectativas em torno deles, cobranças excessivas e até mesmo uma apresentação irreal do evangelho e da fé cristã nos lares. Mas antes de tratar da rebeldia propriamente da e de suas

consequências, precisamos entender que, como pais, nem sempre enxergamos nossos filhos como eles realmente são vistos por Deus no tocante à rebeldia. Elyse Fitzpatrick e Jim Newheiser, conselheiros cristãos, comentam:

> Presumimos que nossos filhos são bons porque eles não estão passando por períodos turbulentos e estão razoavelmente turbulentos e estão razoavelmente satisfeitos consigo mesmos. Mas tal avaliação baseia-se em comportamento exterior, e não no coração. Precisamos ter muito cuidado com esse tipo de pensamento: 'Meu filho pode ter cometido muitos erros, mas no fundo ele é um bom menino'. Por mais que queiramos acreditar nisso, precisamos nos conscientizar de que, no final das contas, a questão 'bondade' não tem nada que ver com o que percebemos ou pensamos, mas sim se nosso filho recebeu Jesus verdadeiramente, como Salvador. A Bíblia ensina que as crianças não são boas por natureza; elas não são um 'quadro em branco' no qual podemos escrever nossos valores. Elas não são inocentes, nem estão predispostas a ser geneticamente boas. Na realidade, a Bíblia ensina que elas estão predispostas para ser geneticamente más, porque toda criança nasce com o pecado original e uma natureza rebelde. Este é o quadro que a Bíblia pinta de nossos filhos (e de nós!): A imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice. (Gn 8.21)
>
> Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe. (SI 5.5)
>
> [...] O medo das consequências não impedirá os filhos de fazer escolhas pecaminosas quando pensarem que as consequências podem ser evitadas. À medida que forem crescendo, a verdadeira natureza dos filhos emergirá. Até que deus lhes renove o coração, toda criança está morta em pecado e não pode agradar a Deus. (Quando Filhos Bons Fazem Escolhas Ruins, p. 30, 31)

As linhas acima podem nos parecer duras inicialmente, mas são verdadeiras.

A Palavra de Deus nos adverte que demonstremos amor aos nossos filhos, de forma sábia e equilibrada. Como pais, nossa responsabilidade é educá-los no temor do Senhor. Mas a Palavra de Deus também atribui responsabilidade pessoal aos nossos filhos, por decisões que eles mesmos tomam. "A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a injustiça do ímpio cairá sobre ele" (Ez 18.20).

Partindo do princípio de que cada pessoa, diante de Deus, é responsável por si mesma no que diz respeito a tomar decisões e por elas ser responsável, tratarei de dois exemplos bíblicos que apresentam casos de rebeldia de filhos na Palavra de Deus. Acredito que já exista farta literatura que trate sobre educação de filhos. Minha ótica, neste capítulo, é abordar pelo menos dois exemplos de pais e filhos que experimentaram a rebeldia de seus filhos, analisando seus motivos e consequências. De forma sintética, discutiremos dois exemplos: Davi e Absalão, e Eli, Hofni e Finéias.

Antes de começar, quero que você observe que a Bíblia não fala — nessas narrativas — da presença materna ingerindo de alguma forma. Nesses dois exemplos são apresentados apenas relação dos pais e seus filhos. Penso que a responsabilidade do pai é primordial na criação dos filhos, e também na rebeldia deles.

Os filhos de Eli

Quando se trata lidar com a rebeldia de nossos filhos, a Bíblia apresenta histórias reais de pais que, de alguma forma, deixaram de exercer seu papel de ensinador e disciplinador. Um desses pais foi Eli, o sumo-sacerdote de Israel por ocasião da chamada de Samuel.

Na época de Eli, cada um fazia o que era reto aos seus próprios olhos, e parece que esse tipo de influência acabou entrando na família do sacerdote. Há quem acredite que os filhos de Eli eram pessoas ruins porque seu pai era velho e tinha dificuldades de enxergai: Essa teoria é aceitável se pensarmos que Eli começou a corrigir seus filhos depois de serem homens já crescidos. Nessa fase da vida, o que tinha de ser ensinado já o foi (ou não). Eli deveria ter corrigido seus filhos ainda crianças.

Concordo com Charles Swindoll quando comenta da chamada de Samuel. A descrição que fazemos para nossas crianças sobre a chamada de Samuel é realmente linda. A história que contamos começa com a estada de Samuel no santuário do Senhor e segue até que Samuel ouça a voz de Deus, e a confunda com a voz de Eli e seja ensinado a responder ao Senhor de forma correta. O "Fala Senhor porque o teu servo ouve" é de grande inspiração também para os adultos. Mas, geralmente, paramos nesta parte da narrativa, pois o que Deus falou a Samuel é uma séria e dura advertência aos pais em relação as pecados de seus filhos.

> Subia, pois, este homem da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao SENHOR dos Exércitos, em Siló; e estavam ali os sacerdotes em Siló; e estavam ali os sacerdotes do SENHOR, Hofni e Finéias, os dois filhos de Eli. (1 Sm 1.3)

Na primeira vez em que esses dois irmãos são citados, são chamados sacerdotes do Senhor. Eles pertenciam à linhagem sacerdotal. Espera-se que a narrativa, quando os for citar novamente, demonstre quão grandes exemplos eles deveriam transmitir. Essa é a visão mais acertada que a imagem sacerdotal deve transmitir.

> Eram, porém, os filhos de Eli filhos de Belial. (1 Sm 2.12a)

Aparência não é tudo. As Escrituras falam da natureza daqueles dois moços de forma extremamente negativa. Filho de Belial não é um adjetivo digno de um sacerdote. Em uma família pode haver um filho que se comporte mal, e outro que se comporte bem. Filhos tendem a ser diferentes uns dos outros. Mas no caso de Eli, seus dois filhos eram maus. O Dicionário Wycliffe designa o termo Belial da seguinte forma: "O significado literal da palavra hebraica *beliyaal* no Antigo Testamento é traduzido como 'inútil, sem valor'. Ela é geralmente empregada como um descritivo de uma pessoa". Esse descritivo designava uma pessoa desprezível, inútil ou sem valor. Portanto, essa palavra está associada ao mal, e em última instância, pode ser dito que eles eram filhos de Satanás.

> "e não conheciam o Senhor" (1 Sm 2.12b)

Após apresentar os nomes dos filhos de Eli, as Escrituras tratam de mostrar a relação que esses dois homens tinham com Deus e o ministério. Na verdade, não tinham relação alguma. Eles participavam do culto, auxiliavam nos sacrifícios e vestiam a indumentária que os identificava como sendo da linhagem sacerdotal, mas não tinham envolvimento algum com Deus e o chamado que lhes fora outorgado. Não conhecer ao Senhor implica ausência de relacionamento e respeito com as coisas de Deus.

> Também, antes de queimarem a gordura, vinha o moço do sacerdote e dizia ao homem que sacrificava: Dá essa carne para assar ao sacerdote, porque não tomará de ti carne cozida, senão crua. (1 Sm 2.15)

Hofni e Finéias não apenas desconheciam ao Senhor. Com seu mau exemplo, eles motivaram outras pessoas a desprezarem a oferta do Senhor. O exemplo fala mais alto que nossas palavras. Aqueles moços eram influentes por causa de sua posição, mas essa influência era negativa, pois

em vez de conduzirem as pessoas à comunhão com Deus por meio dos sacrifícios, davam ordens para que a comida reservada ao sacrifício fosse roubada. O próprio pai disse que eles faziam com que o povo do Senhor transgredisse (v. 24). Isso era particularmente perverso, pois Deus ordenara que houvesse mantimento para os sacerdotes, mas não antes de a oferta ser apresentada ao Senhor. Aqueles moços receberiam sua parte da comida depois, mas seu desrespeito por Deus impedia que esperassem o momento adequado de ser beneficiados. Com isso, faziam desviar o povo de Deus, pois se um sacerdote pode quebrar os mandamentos do Senhor, porque outras pessoas não o fariam também?

> Era, porém, Eli já muito velho e ouvia tudo quanto seus filhos faziam a todo o Israel e de como se deitavam com as mulheres que em bandos se ajuntavam à porta da tenda da congregação. (1 Sm 2.22)

Como se fosse pouco pegar a carne antes de ser apresentada ao Senhor, Hofni e Finéias adulteravam com mulheres que se juntavam na porta do Tabernáculo. Os sacerdotes eram homens casados, mas sua devassidão não poupava nem as mulheres que iam ao Tabernáculo, o que agravava mais ainda sua imoralidade. Obreiros que se aproveitam da fragilidade feminina para obter favores sexuais incorrem no mesmo erro dos filhos de Eli.

> E disse-lhes: Por que fazeis tais coisas? Porque ouço de todo este povo os vossos malefícios. Não, filhos meus, porque não é boa fama esta que ouço; fazeis transgredir o povo do SENHOR. (1 Sm 2.23,24)

Aqueles moços fizeram pouco caso da correção de seu pai. E provável que estivessem acostumados a essa postura.

> Por que dais coices contra o sacrifício e contra a minha oferta de manjares, que ordenei na minha morada, e honras a teus filhos mais do que a mim, para vos engordardes do principal de todas as ofertas do meu povo de Israel? (1 Sm 2.29)

Deus usa um de seus profetas para falar com Eli. Deus fala da forma como Hofni e Finéias tratavam a oferta de manjares, e acusa Eli de honrar mais seus filhos do que ao Senhor, e ainda engordar com as ofertas. A ira do Senhor é apresentada contra Eli, porque de forma passiva, ele participava dos pecados de seus filhos. Eli não roubava a carne dedicada ao Senhor, mas comia a carne roubada por seus filhos, a tal ponto de se tornar

um homem gordo! Podemos entender que isso durou muito tempo, ou seja, não foi um fato isolado, que ocorreu apenas uma vez.

> E isto te será por sinal, a saber, o que sobrevirá a teus dois filhos, a Hofni e a Finéias: que ambos morrerão no mesmo dia. (1 Sm 2.34)

Deus promete julgar os filhos de Eli por suas iniquidades. O que faziam era repreensível, e como não se arrependeram de seus pecados, a justiça divina não deixaria impune aquelas faltas.

> Porque já eu lhe fiz saber que julgarei a sua casa para sempre, pela iniqüidade que ele bem conhecia, porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu. (1 Sm 3.13)

Eli tinha conhecimento dos erros dos filhos, mas não os repreendeu quando foi necessário. A disciplina precisa ser aplicada dentro de um período de tempo, ou não será frutífera.

> Então, Samuel lhe contou todas aquelas palavras e nada lhe encobriu. E disse ele: É o SENHOR; faça o que bem parecer aos seus olhos. (1 Sm 3.18)

Eli se conforma com o julgamento do Senhor. Ele não parecia o tipo de pai que se aflige diante do Senhor por seus filhos. Samuel acabara de lhe falar sobre a morte que seus filhos teriam, e Eli nada fez. Ele simplesmente se conformou. Não buscou ao Senhor rogando uma segunda chance para seus filhos. Simplesmente disse: É o Senhor; faça o que bem lhe parecer aos seus olhos. Não podemos ter a certeza de que, se Eli orasse ao Senhor por seus filhos nessa ocasião, o Senhor os perdoaria, caso também eles mudassem de postura. Mas podemos ter certeza de que Eli, como pai, aceitou de forma branda não apenas os pecados dos seus filhos, mas também a morte prematura que teriam por causa do julgamento do Senhor. Não se importou com os pecados deles, e não se preocupou com a sentença divina contra sua família. O que vier a acontecer, que aconteça.

Assim termina a história de Eli e de sua descendência. Poderia ser diferente, mas não o foi.

Davi e Absalão — situando o contexto

Frutos de oito casamentos, Davi teve muitos filhos, e três deles se destacam na narrativa bíblica: Salomão, Amnon e Absalão. O primeiro é

mais conhecido, pois foi o terceiro rei de Israel. Dos dois seguintes trataremos agora.

Não podemos deixar de lado a ideia de que a Casa de Davi deveria ser um ambiente onde todos disputavam sua atenção. Muitas esposas tinham muitas demandas, e seus filhos conviviam uns com os outros, mas não sem algum grau de animosidade. Amnon era o filho mais velho de Davi, e provavelmente, seu substituto no trono. Conforme a Bíblia, Amnon tinha uma irmã muito bonita, Tamar, que foi alvo da paixão de Amnon. Ele colocou os olhos na irmã e foi literalmente possuído de desejos por ela. Para levar a cabo seu intento, fingiu-se de doente e aprontou todo o cenário de sua própria desgraça. No momento em que Tamar lhe trouxe a refeição, ele a chamou para se deitarem, ao que ela retrucou que Amnon deveria pedi-la como esposa a Davi, pai de ambos. O argumento de Tamar não surtiu efeito, e a jovem foi violentada. O que se segue na história é algo comum após uma relação sexual não abençoada por Deus: "Depois, Amnom sentiu por ela grande aversão, e maior era a aversão que sentiu por ela que o amor que ele lhe votara. Disse-lhe Amnom: Levanta-te, vai-te embora" (2 Sm 13.15).

O que fez Davi, ao saber do caso? "Ouvindo o rei Davi todas estas coisas, muito se lhe acendeu a ira" (2 Sm 13.21). Davi apenas ficou com raiva. Ele não fez mais nada. Não pediu explicações de Amnon. Não o repreendeu. E o resultado de sua atitude: dois anos depois, Absalão foi tosquiar ovelhas e providenciou para que a desonra de sua irmã fosse paga com a vida de Amnon. Absalão agiu quando Davi mostrou-se passivo, e depois de dois longos anos, retribuiu a ofensa contra sua família, alimentada pelo ódio e pela possibilidade de ser o herdeiro do trono.

Absalão e Amnon foram responsáveis por seus atos, mas Davi teve participação no que aconteceu em sua casa. Ele havia possuído a mulher de um de seus melhores soldados e, depois mandou o homem para a morte. Esse fato foi conhecido em Israel, e foi um péssimo exemplo para a família de Davi. E por não ter disciplinado Amnon pelo estupro de Tamar foi preponderante para alimentar o ódio de Absalão.

Mas a história não acaba aqui. Absalão fugiu por três anos, e após esse período, retornou a Israel. Mas por ocasião de seu retorno, Davi não quis vê-lo. O pai permitiu que o filho retornasse, mas não quis vê-lo por

dois longos anos. Dois anos Absalão alimentou o ódio por Amnon, e por dois anos Davi se negou a ver seu próprio filho. Não é a toa que Absalão teve desprezo por Davi, a ponto de tentar dar um golpe de Estado e tomar o reino a força. No fim da história, Absalão foi assassinado por um dos soldados de Davi, e o rei lamentou profundamente a morte de seu filho.

Essa narrativa nos mostra que criar filhos não é fácil, e torna-se ainda mais difícil quando nos esquecemos de nossas obrigações como pais, na hora de dispensarmos tempo a eles, de lhes ensinar e também repreender quando necessário. O homem segundo o coração de Deus não quis ver seu próprio filho durante dois anos, ressentido com o fato de o moço ter matado seu irmão mais velho. Imaginemos: se cometermos um pecado grave, nos afastarmos da presença do Senhor por um tempo, e depois de desejarmos ser perdoados e recebidos por Ele, e ele nos recebe, mas se nega a que o cultuemos ou que desfrutemos de sua presença. Guardando-se as devidas proporções, nos sentiríamos como se nada houvesse mudado depois de havermos cometido nosso pecado. E nesse caso em particular, Absalão pecou por ler matado seu irmão, e Davi pecou por não repreender Amnon por seu estupro contra Tamar.

Os dois casos acima, de Davi e de Eli, revelam a possibilidade de nossos filhos se tornarem rebeldes, e de como nós mesmos contribuímos para que esse sentimento aflore neles.

Como Agir em Casos de Rebeldia de nossos Filhos

Se a rebeldia de nossos filhos já existe, é preciso usar de sabedoria no trato com eles. Se os queremos ganhar de volta para Cristo, precisamos inclusive examinar a nós mesmos, a fim de que ajamos de forma correta diante de Deus e de nossos filhos.

Disciplinar com paciência e bondade. Deus é paciente para conosco, e espera que ajamos com bondade com nossos filhos. "O SENHOR é bondoso e misericordioso, não fica irado facilmente e é muito amoroso. Como um pai trata com bondade os seus filhos, assim o SENHOR é bondoso para aqueles que o temem. Pois ele sabe como somos feitos;

lembra que somos pó." (SI 103.8.13,14, NTLH) Deus é o exemplo, e nós podemos segui-lo.

Não provoque a ira dos filhos. Paulo adverte em Efésios 6.4: "E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor". Como pais, temos um grande e destrutivo poder de sermos irritantes em muitas ocasiões. Sei que essa ordem não é para todos os pais, mas entendo que é uma ordem para pais crentes. É possível ensinar, admoestar e disciplinar nossos filhos sem ultrapassar os limites impostos por Deus.

Buscar ajuda do Senhor em oração. Se seu filho ou filha estão vivos, então ainda há esperança. Deus é capaz de transformar os corações, independente do estado em que se encontram, ou não teríamos na Palavra de Deus o famoso "Onde abundou o pecado superabundou a graça". Malaquias 4.5,6 apresenta uma palavra interessante: "Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição". O texto fala de João Batista, que antes de o ministério do Senhor acontecer, estava pregando o arrependimento de seu próprio povo. E mostra que haveria reconciliação entre pais e filhos antes que o dia do Senhor viesse.

Saber que os filhos são responsáveis por suas decisões. É possível que pais santos e tementes a Deus tenham filhos que escolheram, depois de crescidos, não seguir os mesmos passos. E nos momentos em que a rebeldia aflora, como pais, somos propensos a imaginar que a culpa por aquela situação foi nossa, quando na verdade, precisamos estar atentos ao fato de que pais e filhos têm responsabilidades diferentes no tocante às escolhas que fazem. Pais têm a responsabilidade de educar e disciplinar seus filhos, e os filhos têm a responsabilidade de andar de forma correta.

Peça ajuda de outras pessoas fiéis ao Senhor. Não é apenas você que está experimentando a rebeldia dos filhos. Muitos pais já o enfrentaram, e outros estão passando por isso. A experiência deles pode ser de grande auxílio para você, tanto em oração e apoio quanto para ensinar-lhe em que pode acertar nesses momentos de crise.

Sabemos que criar filhos não é tarefa das mais fáceis. Aqueles que já os têm sabem muito bem disso. Ainda assim, precisamos zelar de forma correta pela herança que Deus nos deu, para que apresentemos ao Senhor.

Isso exige muito de nós, mas temos a graça de Deus, que nos auxilia nesse mister. E precisamos também fazer a nossa parte. "Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, seu galardão. Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade" (SI 127.3,4). Flechas podem chegar a lugares distantes, mas uma das coisas determinantes para isso não era apenas o peso da própria flecha, mas a flexibilidade do arco que se estava usando. Portanto, aprenda a ser flexível quando necessário.

Deus espera cumprir essa Palavra em seus servos e seus filhos também.

9

DÍVIDAS — A CONSEQUÊNCIA DO CONSUMISMO

O consumismo é um dos males de nossos dias. Trata-se de uma compulsão para adquirir bens, serviços e produtos de forma indiscriminada na tentativa de realizar-se emocionalmente. Quanto mais infeliz e insatisfeita é a pessoa consigo mesma e com a vida, mais suscetível se torna aos apelos consumistas, que nos abordam vendendo "felicidade". Ora, a Bíblia se opõe a esse estilo doentio de vida e também apresenta alguns conselhos para que não sejamos enredados pelos apelos consumistas e, consequentemente, não sejamos atingidos pelos seus terríveis efeitos: dívidas, frustração e, não poucas vezes, desespero.

Antes de tudo, é importante frisar que a Bíblia não condena desejarmos bens materiais, mas, em linhas gerais, apenas o sermos escravizados pelos bens. Isto é, podemos possuir bens, mas nunca sermos possuídos por eles, nunca valorizarmos mais o material. Enquanto o consumista compulsivo é levado a comprar o que realmente não precisa, a pessoa equilibrada só compra aquilo que realmente é necessário. Ele não compra por ostentação.

Se o consumista compulsivo valoriza demais as coisas materiais, o crente deve valorizar mais espirituais (Pv 30.15; Mt 6.19-21). Por isso, as palavras do apostolo Paulo são o lema do cristão nessa questão: "Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação" (1 Tm 6.7-9, ARA). Se prosperarmos financeiramente, ótimos, mas isso não deve ser uma obsessão na vida do crente. E se Deus nos fizer prosperar, não devemos por nosso coração em nossas riquezas, mas colocá-las aos pés do Senhor para sabermos a melhor forma de usufruir delas.

O Ensino de Jesus sobre o Dinheiro e as Solicitudes da Vida

Em Mateus 6.19-34, Jesus ensina sobre como o cristão deve lidar com o dinheiro e acerca das solicitudes da vida.

Em primeiro lugar, Ele diz que não devemos ter "Mamom", ou seja, as riquezas como nosso deus (Mt 6.24). O dinheiro deve ser o nosso servo, não o nosso senhor. Aliás, como afirma um célebre adágio popular: "o dinheiro é um excelente servo, mas um péssimo senhor". No Livro de Eclesiastes, principalmente no capítulo 6, o rei Salomão, o homem mais rico de todos os tempos, deixou claro que o poder, a riqueza, a glória humana e os prazeres desta vida não são eficazes para satisfazer a alma.

As Escrituras declaram que "porque o amor do dinheiro é a raiz de todo espécie de males" (1 Tm 6.10). Quem ama ao dinheiro vive para ele. Ora, não devemos viver para as nossas riquezas. Quem adora as riquezas será consumido por elas. E que adianta o homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? (Mt 16.26). Não ponha a sua confiança nos bens materiais. Nosso tesouro, isto é, o que consideramos o mais importante, deve ser o conjunto de riquezas e valores de ordem espiritual. É isso que Jesus quer dizer ao afirmar introdutoriamente que devemos "entesourar no céu" em vez de ajuntarmos tesouros na Terra (Mt 6.19-21).

Ao tratar desses assuntos, Jesus fala do nosso coração e dos nossos olhos, no sentido de visão de mundo, de cosmovisão e de perspectiva. Ele primeiro assevera que "onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Mt 6.21), ressaltando o perigo de valorizarmos demais as riquezas, pois isso significaria apoiar o nosso coração em coisas passageiras e fugazes (Mt 6.19), e não nos valores inamovíveis e eternos do Reino de Deus (Mt 6.20). Então, fala em seguida que "a candeia do corpo são os olhos" (Mt 6.22), frisando a importância de termos uma visão sadia, um panorama espiritual de vida correto, uma perspectiva ampla da existência, e não uma visão meramente terrenal, isto é, limitada, obscurecida por este mundo, pois uma visão assim destruiria a nossa vida. Precisamos de discernimento, de uma cosmovisão cristã, espiritual e bíblica, e não uma visão materialista e/ou naturalista.

Em segundo lugar; Jesus fala de ansiedade e inquietação: "Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida. (...) Não andeis, pois, inquietos. (...) Não vos inquieteis" (Mt 6.25,31,34). Ele não está condenando o desejo de ter, mas, sim, a ansiedade para lei e que é, na verdade, a base da impulsão e da compulsão consumistas. É essa ansiedade o ponto de partida para o círculo vicioso do consumismo, em que a ansiedade para ter dar lugar à ansiedade para ter cada vez mais, e mais, e mais, incontrolavelmente. São poucos os que podem orar como Agur: "Não me dês nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção acostumada" (Pv 30.8,9).

Aqui, é importante diferençar os tipos de atitudes de consumo. Há o consumo racional, o impulsivo e o compulsivo. O consumo racional se dá quando a pessoa compra racionalmente, procurando obter apenas o que precisa e analisando quais os preços mais adequados à sua realidade financeira. Já o impulsivo é realizado na base da ansiedade, como uma forma de canalizar algum estresse, frustração ou tristeza momentânea, objetivando atenuar essas sensações com o prazer imediato decorrente da aquisição daquele produto ou serviço almejado. Por sua vez, o consumo compulsivo é totalmente doentio, é um vício decorrente de um distúrbio emocional, uma tentativa de preencher o vazio da alma.

O consumo do crente deve ser racional, nunca impulsivo e muito menos compulsivo. Em um momento de fragilidade, há crentes que cedem à tentação do consumo impulsivo. Nesse caso, mesmo tratando-se de algo que não pode ser aceito na vida do crente, esse tipo de atitude não pode ser considerado algo extremamente preocupante, pois é circunstancial. Já o consumo compulsivo é algo muito mais sério, porque não consiste em um mero momento de fraqueza. Trata-se de um mal prevalecente e decorrente de uma desordem emocional, do vazio de alma, de infelicidade crônica etc. Portanto, se um crente encontra-se nessa situação, é porque sua vida espiritual já morreu faz tempo.

Como prevenir tanto o consumo impulsivo como o compulsivo em nossas vidas?

Em primeiro lugar, mudando a nossa perspectiva (Mt 6.22). Devemos nos alimentar da Palavra de Deus e cultivar a nossa comunhão com Deus todos os dias para não perdermos a sensibilidade e o

discernimento espirituais e darmos lugar ao espírito de materialismo de nossos dias.

Em segundo lugar, confiando no cuidado de Deus, aprendendo a confiar no Senhor e vivendo um dia de cada vez. É esse o ensino de Jesus ao mencionar os exemplos dos lírios e dos pardais e lembrar que nós valemos mais do que eles, e que mesmo assim são cuidados por Deus com amor (Mt 6.26-30,34).

Ao final, Jesus resume tudo em uma frase: "Mas buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6.33). Ou seja, tudo é questão de prioridade (visão) e busca (cultivo da vida espiritual e de comunhão com Deus).

A Origem das Dívidas

As dívidas são, geralmente, originadas do mau uso das nossas finanças. Claro que alguém pode eventualmente se encontrar mergulhado em dívidas por fatores absolutamente alheios à sua vontade, mas, normalmente, elas são fruto de equívocos na forma de condução das finanças pessoais ou da família. A Palavra de Deus nos adverte sobre o gasto abusivo e desnecessário: "Tesouro desejável e azeite há na casa do sábio, mas o homem insensato o devora" (Pv 21.20).

A Bíblia é clara quanto a todas as dívidas e situações de pobreza não serem necessariamente sinônimo de falhas pessoais e pecado (Dt 15.11; 2 Rs 4.1; Mc 14.7; Jo 12.8). Alguém pode adquirir dívidas e tornar-se pobre em decorrência, por exemplo, de uma guerra, uma doença que demanda muitos gastos ou uma catástrofe natural. Agora, outros há que têm seu estado de endividamento e pobreza resultante de comportamentos pecaminosos como jogos de azar e vícios como o alcoolismo, sobre o qual a Bíblia adverte como sendo um fator que pode levar ao empobrecimento (Pv 23.20,21).

Mas, sem sombra de dúvida, como já frisamos, a falta de controle e prudência nos gastos é o principal fator gerador de dívidas. Para evitá-las, é preciso ser sábio na administração daquilo que Deus nos deu.

Como Evitar e Resolver o Problema das Dívidas

Se queremos evitar dívidas, é preciso, antes de tudo, estabelecermos uma hierarquia clara do que é ou não é tão importante adquirir. A Bíblia é clara quanto a essa necessidade (Is 55.2). Devemos ser "sóbrios em ludo" (2 Tm 4.5). Devemos estar conscientes do que é prioritário e do que não é, e descartarmos o supérfluo em favor do essencial.

O que é prioritário? Comida, moradia, estudos e roupa. O lazer deverá aparecer em quinto lugar. E o que é supérfluo? O que não é estritamente necessário para a nossa vida. Se não tenho condições de adquirir o que não é estritamente necessário, por que devo insistir com ele? Valorize o prioritário e nunca o supérfluo. Adquira as coisas que você realmente precisa, e não bens apenas para a sua ostentação.

Em segundo lugar, evite o desperdício. Há duas formas de desperdiçar: você pode desperdiçar não usufruindo daquilo que está à sua disposição ou usufruindo erroneamente daquilo que está à sua disposição. Certa vez, após multiplicar pães e peixes, Jesus ordenou aos seus discípulos que recolhessem o que sobrou para que nada se perdesse (Jo 6.12). Essa é uma forma de desperdício: jogar fora o que sobrou. Porém, outros desperdiçam gastando além da conta, gastando dissolutamente como o filho pródigo (Lc 15.13,14). E há ainda o filho mais velho da mesma parábola de Jesus que não usufruiu daquilo que estava à sua disposição (Lc 15.29-31). Que saibamos aproveitar bem e de forma sábia aquilo que Deus nos concedeu, sem qualquer tipo de desperdício.

Em terceiro lugar, devemos ser previdentes. Certa vez, Jesus falou sobre a necessidade de sermos previdentes: "Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira, estando o

outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz" (Lc 14.28-32).

Nessa passagem, Jesus estava falando especificamente sobre a necessidade de seus discípulos, ao segui-lo, atentarem para os custos da vida cristã. Deus quer que sejamos previdentes na vida cristã, que avaliemos os custos e nos preparemos para eles.

Ora, com nossas finanças não pode ser diferente. Antes de qualquer empreendimento, gasto extra, compra etc, avalie as suas condições e haja com prudência. Seja previdente! Não se permita ser pego de surpresa no meio do processo. De antemão, evite sobressaltos.

Finalmente, em quarto lugar, economize. Poupe. Faça como o governador José. Racionalize os seus gastos (Gn 41.35,36). Água, luz e telefone, por exemplo, não são supérfluos, mas podem se tornar pesados se não somos parcimoniosos no uso desses bens. E mais: guarde não muito dinheiro, mas um pouco para situações de eventualidade. Elas sempre surgem.

Mais uma vez, enfatizamos: lembre-se sempre de que você é mordomo daquilo que Deus lhe dá, portanto deve viver uma vida financeira sensata, usufruindo de forma correta de tudo o que o Senhor concede a você.

10

A PERDA DE BENS NA VIDA CRISTÃ

Como vimos no capítulo sobre dívidas e consumismo, o bem maior da vida do cristão não é de ordem material, mas são os valores espirituais. Logo, o cristão não deve apegar-se aos bens materiais como se fossem fins em si mesmos ou a coisa mais importante da vida. Ele não pode fazer do que é naturalmente passageiro, fugaz e movível o seu fundamento. Um fundamento material é areia movediça para a alma. Somente a Palavra de Deus e o próprio Deus da Palavra devem ser o fundamento da vida do crente (Mt 7.24-27; 1 Co 3.11).

Por outro lado, tais constatações não implicam considerar antinatural para o crente qualquer tipo de sentimento de tristeza e pesar pela perda de um bem material. O que é equivocado e pecado é a supervalorização do material. Perdas sempre provocam pesar, porém há perdas e perdas, e, consequentemente, pesares e pesares. Claro que a dor da separação pela partida para a eternidade de um parente, cônjuge, pai, filho ou grande amigo deve ser muito mais pesarosa do que a eventual dor provocada pela perda de um bem material, por mais significativo que nos seja esse bem ou por maior que seja a nossa relação afetiva com ele. Vidas valem mais do que coisas. Pessoas valem mais do que bens. Valores e princípios valem mais do que objetos.

O Lugar dos Bens Materiais na nossa Vida — uma Questão de Equilíbrio

A seguir, tentarei expressar essa verdade por meio dos vocábulos do grego bíblico utilizados para aludir a tipos de amor. Eu diria que as relações decorrentes de "stroge" ou seja, do amor-afeição em relação a animais ou coisas — são menos importantes do que as relações advindas de "fileo" (do amor fraternal) e de "ágape" (do amor sacrificai), e com isso não

estou dizendo, claro, que "stroge" não tem importância alguma. Dizer que algo é menos importante não é o mesmo que dizer que não tem importância. Trata-se apenas de sadio senso de proporção estimulado pela própria Bíblia.

Devemos perceber na vida uma hierarquia de valores que deve resultar em níveis de relacionamento que não podem ser invertidos, para o bem de nossa própria alma. Sim, porque, como disse Jesus, aquele que valoriza mais o material que o espiritual pode até ganhar o mundo, mas a custo de perder a sua alma: "Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mc 8.36).

Entretanto, o extremo oposto da supervalorização da afeição também é pernicioso. Não dar valor algum aos bens materiais não é ter uma visão correta das coisas e resulta também em perdição. Deus criou a Terra e nos deu um mandato para cuidar dela, para administrá-la (Gn 1.28-30). Os bens materiais que o ser humano produz, desenvolve e acumula nesta vida são decorrentes do seu mourejar nesta Terra e advêm do seu trabalhar sobre ela, extraindo e criando a partir deste mundo produtos para sua melhor subsistência. Deus concedeu ao homem tudo o que ele precisa para a sua subsistência na Terra, basta explorá-la, e é o que o homem tem feito desde então, embora nem sempre de forma sábia. Portanto, os bens que acumulamos aqui na Terra como fruto do nosso trabalho honesto são bênçãos de Deus para as nossas vidas e precisamos administrá-los com sabedoria.

Em suma, tudo pertence a Deus: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam" (SI 24.1). Somos apenas mordomos de tudo o que possuímos. Logo, usufruir erroneamente daquilo que Deus nos deu, administrar mal os bens que Ele nos confiou para a nossa própria felicidade, é igualmente pecado. Fazê-lo é tão malévolo, pecaminoso e absurdo quanto supervalorizar os bens recebidos, colocando-os, em importância e na prática, acima do próprio doador de todas as coisas.

A bênção de Deus não é maior que o Deus da bênção, que, por sua vez, espera que administremos responsavelmente as bênçãos que recebemos dele.

Os Efeitos Negativos da Supervalorização dos Bens Materiais

A Bíblia é clara quanto a não devermos supervalorizar os bens materiais. Escrevendo aos crentes em Corinto, o apóstolo Paulo afirma que, tendo em vista a brevidade da vida aqui e, em perspectiva, a eternidade, deveríamos "tratar as coisas deste mundo como se não estivéssemos ocupados com elas, pois este mundo, como está agora, não vai durar muito" (1 Co 7.31, NTLH). Ou, como aparecem nas versões ARC e ARA desse mesmo versículo, devemos "usar" as coisas deste mundo em vez de "abusar" delas ou "utilizar do mundo, como se dele não usássemos", porque "a aparência deste mundo passa".

Escrevendo a Timóteo, Paulo assevera ainda: "Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes" (1 Tm 6.7,8). A Bíblia condena ainda os "bens mal adquiridos", ou seja, conquistados desonestamente (Hc 2.9; Pv 28.20), pois nem sempre o que é legal é moral.

Os efeitos negativos da supervalorização dos bens materiais são elencados nas Escrituras: "Mas os que querem ser ricos 85 caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência, a mansidão" (1 Tm 6.9-11).

Lembremo-nos ainda que o tipo de sentimento que alimentamos em relação aos nossos bens determina o propósito das nossas ações, o nosso comportamento. Portanto, se alimentamos um sentimento correto em relação a essas coisas, não seremos grandemente afetados emocional e espiritualmente se as perdermos; mas, se cultivamos um sentimento errado em relação a elas, uma eventual perda levar-nos-á ao desmoronamento do nosso ser interior, pois nossa alma estava apoiada em areia movediça, nossa alegria estava fundamentada em bens materiais, e não na solidez e perfeição dos valores divinos.

Salomão, o homem mais rico de todos os tempos, afirma que o apego aos bens materiais provoca alguns vícios em nosso ser, tais como o desejo incontrolável de ganhar mais e mais (Ec 5.10), o gasto desenfreado (Ec 5.11), preocupações e noites mal dormidas (Ec 5.12) e a perda desnecessária de bens (Ec 5.13,14), além do que, sabemos que não podemos levar as riquezas conosco para a eternidade (Ec 5.15).

Como Lidar de Forma Sadia com a Perda de Bens Materiais

Para lidarmos de forma sadia com a eventual perda de bens materiais, devemos, antes de tudo, estar conscientes de que tudo é de Deus e que somos apenas mordomos do que Ele nos concede (SI 24.1).

Se perdermos alguma coisa estritamente por culpa de nossos próprios desleixos e equívocos, devemos apenas reconhecer nossos próprios erros, arrependermo-nos e procurarmos consertar a nossa conduta, a fim de reconquistarmos o que perdemos e evitarmos novos males. Porém, se perdermos algo em razão de fatores alheios à nossa vontade e contra os quais não há como reagir, precisamos confiar na soberana vontade de Deus descansar nossa alma nEle.

Em situações de perda de bens, o cristão deve voltar-se para e não contra o dono de todas as coisas, confiando no seu poder, sabedoria e amor. Como declarou Jó diante da perda de seus bens e filhos, assim devemos dizer: "Nu saí do ventre da minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1.21). Nossa vida não se resume a bens. Eles são benesses agradáveis e importantes, mas não fazem parte da essência da vida.

Em segundo lugar, e na esteira do primeiro ponto, em momentos de perda e frustração, precisamos nos lançar em Deus em vez de nos afundarmos nas mágoas e frustrações (1 Pe 5.7).

A Bíblia está cheia de casos de servos de Deus que experimentaram momentos de estresse, depressão e exaustão, o que nos mostra que são situações possíveis na vida de qualquer servo de Deus (Tg 5.17). Um exemplo clássico é Elias, que se frustrou com a sensação de ineficácia diante de toda a sua dedicação para fazer com que a sua nação se voltasse

para Deus. Nesse caso, não se trata de uma situação de perda física, mas a forma como Elias saiu desse estado de f rustração é referência para qualquer pessoa que deseja tratar os sentimentos de frustração e pesar em razão da perda algo amado.

A Bíblia diz que Deus enviou um anjo que interrompeu o longo período de sono de Elias t6rês meses, para lhe dar três refeições especiais (I Rs 19.5-8). Depois, Elias caminhou, porque Deus enviou uma mensagem para que prosseguisse (1 Rs 19.7). Mas Elias continuou fugindo, em vez de enfrentar o problema. Foram 40 dias andando até o monte Horebe (1 Rs 19.8). Exausto, ele entra em uma caverna e desaba. A depressão volta com força total. Deus pergunta a ele: "Que fazes aqui, Elias?" (1 Rs 19.9). E como se Deus estivesse dizendo a ele: "O que é que você está fazendo dentro dessa caverna, meu filho? Eu não o alimentei e permiti que descansasse para fugir de novo e esconder-se em uma caverna. Disse a você para prosseguir, pois ainda tem muito a realizar".

Não podemos permitir que a tristeza pela perda de um bem ou por uma frustração nos leve à depressão, mas devemos recobrar o nosso ânimo em Deus e prosseguir, porque o mais importante não perdemos, Deus em nossa vida. Ademais, os momentos de adversidade são apenas vírgulas na estrada da vida, não o ponto final. Inclusive, as perdas de hoje podem ser a antessala e o início das maiores conquistas de amanhã. Lembremo-nos que, depois de todas as grandes perdas que experimentou, Jó foi levantado por Deus e prosperou ainda mais (Jó 42.10-17). Diz a Bíblia que "e o Senhor virou o cativeiro de Jó quando este orava pelos seus amigos; e o Senhor acrescentou a Jó outro tanto em dobro a tudo quanto dantes possuía. (...) E, assim, abençoou o Senhor o último estado de Jó, mais do que o primeiro. (...) E, depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração. Então, morreu Jó, velho e farto de dias" (Jó 42.10-17).

Confie no Senhor e Vá em Frente

Não gaste seu ânimo com amargura e acusações. Não chore sobre os escombros ou o "leite derramado". Levante-se para agir! Situações ruins podem paralisar-nos momentaneamente, mas não devem fazê-lo de forma definitiva.

Como afirmava o célebre pastor John Wesley, que foi usado poderosamente por Deus no Grande Avivamento Inglês do século 18 e vivenciou muitas adversidades em seu ministério, "o que importa mesmo é que Deus está conosco". Sim, o que importa essencialmente é se Ele está com você. O profeta Jeremias sabia muito bem disso.

Jeremias chorou a perda de bens, de seus parentes e de sua cidade, conforme registrado poeticamente no belo e tocante livro de Lamentações, mas o vemos encontrando consolo perfeito no fato de que não perdera o essencial — as misericórdias do Senhor sobre a sua vida (Lm 3.21-23).

Como o profeta Jeremias, podemos dizer: "A minha porção é o Senhor!" (Lm 3.24). Como o apóstolo Paulo, aceitemos a graça do Senhor em meio à dor: "A minha graça te basta" (2 Co 12.9).

Levante o seu rosto e siga em frente. As perdas de agora não podem ser comparadas com o que ainda está reservado para você nas próximas curvas da estrada da vida, o Senhor tem o melhor para você, sobretudo na eternidade.

"Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas" (2 Co 4.17,18, ARA).

11

UM GRAVE PECADO CHAMADO INVEJA

A inveja é o desgosto pelo bem alheio. (Tomás de Aquino)

Há muitos pecados com os quais o crente se depara ao longo da caminha da cristã. Dentre esses pecados, destacamos a inveja e a maldade.

A inveja é um sentimento que se relaciona ao sucesso alheio. O Dicionário Vine define a inveja como sendo "um princípio ativo de hostilidade dirigido maliciosamente a um aspecto de superioridade — real ou suposta — de outra pessoa". Esse mesmo dicionário define que a inveja "originou-se da fracassada tentativa de Satanás de usurpar os atributos divinos (Is 14.12-20)". Não é demais, portanto, dizer que a inveja originou-se em Satanás.

A Inveja e suas Consequências

A inveja é uma antiga conhecida do homem. Olhando para a literatura do século XIII, veremos Dante apresentando os invejosos em sua obra A Divina Comédia, ele os descreve como sendo pessoas que tinham os "olhos vendados com fios de náilon desenhados atravessando as pálpebras — da mesma forma como os fios de seda eram costurados atravessando as pálpebras dos falcões para cegá-los e domá-los. Uma vez que viveu e foi incapaz de olhar a felicidade alheia, seu castigo é ter os olhos vendados para não ver nem o sol nem a felicidade de qualquer n m que olhar nos olhos e o cumprimentar". (Os Sete Pecados Capitais, p. 79).

Os Guiness selecionou com propriedade algumas frases que retratam a inveja em seus mais diversos aspectos:

Igualdade é a tradução política para a palavra inveja. (Victor Hugo)

Se você nunca se hospedou no Hotel Waldorf, pode, sem razão, pensar que é muito caro. A admiração [ou inveja] de seus amigos estará inclusa na diária do quarto (propaganda do New York Times, dezembro de 1961).

Não tinha recursos para comprar um cairo... e não queria que as pessoas tivessem um. (Confissão de um vândalo, após atear fogo em oito cairos em Bridgeport, Connecticut)

O socialismo é a filosofia do fracasso, o credo da ignorância e o evangelho da inveja. (Winston Churchill)

O homem invejoso é suscetível a qualquer sinal de superioridade individual no populacho e deseja abater qualquer um que tente chegar ao seu nível — ou deseja se erguer a um lugar superior. (Friederich Nietzsche)

A inveja (livor) é a tendência de observar com desprazer o bem alheio, mesmo sem, de maneira alguma, depreciá-lo. Quando a inveja se transforma em ação (a fim de depreciar o bem alheio) ela é chamada de inveja qualificada. Quando não for esse o caso, ela é apenas denominada má-vontade (invidentia). (*Immanuel Kant*, A Metafísica da Moral)

Conforme Os Guiness,

> inveja é diferente de ciúme, pois começa com uma discriminada sensação de ter sido roubado do que lhe é devido. Ambas as palavras, inveja e ciúme, geralmente se sobrepões ao seu uso comum, mas o ciúme já foi algo distinto — um empenho apaixonado com o fim de manter o que era seu por direito. Nesse sentido, Deus é, corretamente, descrito na Bíblia como tendo ciúmes, mas nunca como invejoso. Por exemplo, Deus é "zeloso de seu nome", mas sendo infinito, Ele nunca tem rival ou é ameaçado. (Os Sete Pecados Capitais, p. 77)

A inveja é um vício da proximidade (estamos costumeiramente propensos a invejar as pessoas que nos estão próximas. Nesse aspecto, líderes invejam outros líderes, mães são sempre propensas a invejar ouras mães, e o mesmo ocorre com escritores que invejam outros escritores, e assim por diante. Estudantes invejam o desempenho de outros estudantes, e atletas também.

A inveja é perniciosa para qualquer pessoa. Ninguém é beneficiado por ela. Quem tem inveja não consegue andar para frente, pois seu tempo é

ocupado em tentar ser alguém que não é, em tentar impressionar seus pares, e até mesmo tentar privar o invejado daquilo que ele possui.

A Bíblia relata vários casos de pessoas acometidas por inveja. Destacamos aqui Caim, os irmãos de José e Saul.

Caim

Caim foi o primeiro exemplo de pessoa atingida pela inveja e suas consequências. Filho mais velho de Adão e Eva, Caim foi com seu irmão mais novo, Abel, oferecer ofertas ao Senhor. Como não teve sua oferta aceita por Deus, e percebendo que seu irmão agradou a Deus com sua oferta, Caim o invejou. Não era certo, aos seus olhos, que Abel fosse aceito por Deus e ele, não.

Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o seu semblante. E o SENHOR disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E, se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e para ti será o seu desejo, e sobre ele dominarás. (Gn 4.5-7)

Observe que Deus vai ao encontro de Caim, para que ele percebesse que a aceitação da oferta estava condicionada à uma vida correta. Aqui cabe um princípio: antes da oferta, Deus vê o ofertante. Não é por um acaso, que na passagem anterior, a ordem vem apresentando o ofertante antes de falar da oferta: Abel e sua oferta, e Caim e sua oferta.

A inveja de Caim não lhe permitiu dar ouvidos à voz de Deus, e nutrindo um sentimento maligno, ele matou seu irmão, pois não conseguiu vencer a inveja. Como consequência, teve que sair do local onde habitava para andar errante.

José como alvo da inveja de seus irmãos

Dentro da história dos patriarcas, encontramos o exemplo de José, filho de Jacó. Para que não deixemos o contexto de fora dessa análise, precisamos levar em conta que Jacó, o patriarca, era o mais novo de Isaque. Isaque tinha uma grande admiração por seu filho mais velho, Esaú, ao passo que Jacó era mais admirado por sua mãe. Jacó foi criado sem ser muito estimado por seu pai, e o resultado disso é que tudo o que se nega em um filho, este prodigaliza no seu próprio filho. Jacó esforçou-se muito em

demonstrar seu amor por José, destacando-o dos demais filhos. Além de sua experiência em casa, como filho mais novo, Jacó tinha em Raquel a mulher que ele realmente amava, e foi Raquel que lhe deu José. Para demonstrar essa distinção entre José e seus irmãos, Jacó deu ao moço uma capa colorida, como um símbolo de status diferenciado (Gn 37.3).

Como se isso fosse pouco, José teve certa vez dois sonhos que trouxeram ainda mais ira de seus irmãos. Os sonhos eram revelações de Deus ao jovem, que ainda imaturo, não teve o discernimento de guardar para si o que havia sonhado. Chegado o momento em que seu pai não estava próximo para defendê-lo, Jacó foi vendido por seus irmãos e chegou ao Egito. Passou pela servidão forçada e pela prisão, até que Deus lhe tirou o cativeiro e fez dele vice-governador do Egito. Nessa posição, posteriormente, José salvou sua família de perecer de fome, e depois de quatrocentos anos no Egito, os descendentes de Jacó eram milhões de pessoas que entrariam na terra prometida.

Saul

Outro exemplo de pessoa que nutriu inveja é o de Saul. Mesmo sendo o rei de Israel, afastou-se de Deus e se tornou uma pessoa invejosa.

E saía Davi aonde quer que Saul o enviava e conduzia-se com prudência; e Saul o pôs sobre a gente de guerra, e era aceito aos olhos de todo o povo e até aos olhos dos servos de Saul. Sucedeu, porém, que, vindo eles, quando Davi voltava de ferir os filisteus, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e em danças, com adufes, com alegria e com instrumentos de música. E as mulheres, tangendo, respondiam umas às outras e diziam: Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares. Então, Saul se indignou muito, e aquela palavra pareceu mal aos seus olhos; e disse: Dez milhares deram a Davi, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão só o reino? E, desde aquele dia em diante, Saul tinha Davi em suspeita. (1 Sm 18.5-9)

Analisemos o texto. Davi já abatera Golias, o filisteu arrogante que zombava dos servos de Deus. Já fora reconhecido como herói nacional. Conduzia-se com sabedoria em todas as missões para as quais era designado. Mas certo dia, Davi e Saul chegaram juntos de uma batalha, e as mulheres das cidades resolveram receber os heróis cantando sobre os feitos dos guerreiros. A canção desgostou Saul, pois atribuíram a ele uma vitória

menor da que atribuíram a Davi. O raciocínio de Saul foi rápido: "Estou sendo preterido na opinião pública, mesmo sendo o governante da nação. Isso está errado, e preciso fazer alguma coisa para recuperar minha imagem. Como a comparação feita foi com Davi, eu farei o possível para destruí-lo. Sem Davi no jogo, só eu serei reconhecido. Se eu não fizer isso, Davi tomará o meu reino".

Como um líder, Saul deveria saber que é inteligente ter pessoas capazes trabalhando consigo. Nossa liderança é avaliada quando mostramos capacidade de ter sob nossa liderança pessoas aptas, talentosas e motivadas para o trabalho. Mas Saul invejou os atos, a fama e a vida de Davi, pois deu ouvido ao que o povo estava pensando, e não ao que Deus pensava dele.

O crente e o cuidado com a inveja

Não há crente fiel que em algum momento de sua vida não tenha sentido desprazer pelo sucesso de outro crente. Isso pode acontecer com qualquer pessoa, pois ter nascido de novo não nos isenta de ser assaltados por sentimentos incompatíveis com nossa posição em Cristo.

Um crente fiel pode ser atingido pela inveja? Se não observar sua própria vida e suas motivações, sim. Nossa natureza humana está sujeita às propensões pecaminosas herdadas de Adão. A inveja é pecado, e de alguma forma, todos já tivemos um sentimento de desconforto por ver uma pessoa que tem mais talentos do que nós, que possui algo que desejamos ou que está em uma posição de destaque em que nós gostaríamos de estar. Isso faz parte da natureza humana. Entretanto, o crente não pode se deixar dominar por esse sentimento.

Não seja invejoso

A inveja faz com que o invejoso olhe outras pessoas de baixo para cima, diferente do orgulhoso, que olha as pessoas de cima para baixo. Desejamos ser como as pessoas que possuem o que não temos, que têm a aparência que gostaríamos de ter, de ser a pessoa que não somos. Esse sentimento piora quando queremos que as pessoas que têm o que desejamos ter não tenham o que têm, e as pessoas que são o que desejamos ser não sejam o que são.

Pregar por inveja e disputa

Não é difícil entender que a inveja pode se tornar em um elemento motivador para a pregação da Palavra de Deus. Isso não nos pode espantar, visto que há pessoas na igreja que não tem interesse na pregação da Palavra de Deus com o objetivo de ganhar almas ou glorificar a Deus fortalecendo sua igreja.

O apóstolo Paulo percebeu bem isso, quando escreveu na prisão aos Filipenses, relatando-lhes o que soube por ocasião de sua prisão:

> Muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor. Verdade é que também alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boa mente; uns por amor, sabendo que fui posto para defesa do evangelho; mas outros, na verdade, anunciam a Cristo por contenção, não puramente, julgando acrescentar aflição às minhas prisões. Mas que importa? Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento, ou em verdade, nisto me regozijo e me regozijarei ainda. (Fp 1.14-18)

Nossa motivação para a pregação e o ensino não pode ser para disputar um ministério, uma igreja ou um espaço como pregadores itinerantes. Devemos, como disse Paulo, prígar de boa mente e por amor. Essa é a nossa obrigação. Portanto, "Nada façais por contenda ou por vangloria, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo" (Fp 2.3).

No trabalho

Deus nos dá talentos para que deles recorramos a fim de nos sustentar. Estudando e buscando uma profissionalização, cresceremos financeira e profissionalmente com a bênção de Deus. Ocorre que o trabalho, em que passamos boa parte de nosso tempo, também possui pessoas invejosas à espreita. Há funcionários desejosos de ocupar os lugares de seus chefes, e fazem gestões malignas nesse sentido. Quando há um colaborador que cumpre prazos, não se deixa desconcentrar com coisas alheias ao seu serviço e é uma pessoa diligente, com certeza seus superiores hão de notar seu esforço e lhe darão uma oportunidade de cresci mento. Mas há aqueles que atrasam seus serviços, não cumprem metas, são dispersos pela internet e ainda desejam ser reconhecidos como excelentes funcionários. Isso é inadmissível tanto para Deus quanto para os homens.

Por incrível que pareça, há colaboradores crentes ambiciosos e invejosos. Não costumam parar em seus empregos, não fazem relações de amizades e são extremamente interesseiros. Não conseguem desenvolver seus talentos porque sempre visam os cargos em que desejam estar, sem se preocupar com seus trabalhos. A menos que sirvam ao Senhor em seus empregos, dando exemplo como bons profissionais, não serão abençoados por Deus nem bem quistos por seus pares.

Na igreja

Mesmo a igreja não está livre de divisões causadas pela inveja e maldade. Como instituição, não podemos escolher que tipos de pessoas queremos em nossos santuários, e por isso, partindo da premissa de que Deus recebe a todos, recebemos também pessoas que não desejam ter compromisso com a obra de Deus, e sim consigo mesmos.

Há algo errado em desejar ser mais parecido com o Senhor? Creio que não. E errado desejar as coisas? Por certo não. É errado desejar um dom espiritual ou ser mais usado por Deus? Claro que não. É errado ser honrado? De forma alguma. Paulo recomenda que tratemos com honra aqueles que têm honra, mas isso não deve ser buscado como um termômetro da aceitação de Deus às nossas vidas. Não é incomum sermos bem tratados por quem deseja nos ver escorregando e caindo do lugar em que chegamos. Por outro lado, há pessoas que servem de modelo para nossa caminhada pessoal, mas acabam sendo alvo de inveja, e não de admiração. De que forma agir numa hora dessas? Mantendo o exemplo e orando pelas pessoas que nos cercam.

Um dos segredos para que o crente não se veja envolvido pela inveja é o contentamento e a gratidão que está registrado em 1 Tessalonicenses 5.18: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco".

A inveja não tem a capacidade de trazer qualquer prazer. Na verdade, quanto maior for a inveja, maior será a tendência de desespero na pessoa do invejoso. O invejoso chega a pensar que se ele não for o detentor de um bem, ninguém mais o será. Dorothy Sayers diz que "A inveja começa com a plausível pergunta: 'porque não posso desfrutar do que os outros desfrutam'? E termina com a exigência: 'Porque os outros têm o que eu não tenho'?

A Palavra de Deus adverte aos invejosos: "...cada um considere os outros superiores a si mesmo." (Fp 2.3). Isso pode não parecer difícil para um invejoso, afinal de contas, ele sempre vê as outras pessoas como superiores, mas sua visão o leva a desejar estar na mesma posição.

Que Deus nos ajude a avaliar de forma imparcial nossa própria vida. Deus pode nos assistir em nossas intenções, e em oração, podemos ser socorridos daquilo que não conseguimos enxergar em nós mesmos: "Quem pode entender os próprios erros? Expurga-me tu dos que me são ocultos" (Sl 19.12).

12

ABANDONADO POR IRMÃOS E AMIGOS

Uma das piores experiências e sensações da vida é a do abandono, que pode se manifestar por razões distintas. Há pessoas, por exemplo, que são abandonadas por seus familiares e amigos em razão de uma alguma grave enfermidade que estão experimentando. Outros há que são vítimas do ostracismo devido à velhice, quando são, infelizmente, consideradas um "peso" pelos seus familiares e, por isso, deixadas em asilos ou casas de repouso.

Há ainda quem é lançado à margem da sociedade como consequência de seus comportamentos e vícios, e aqueles que são deixados para trás ao afundarem em suas vidas financeiras. Nesse caso, os "amigos" vão sumindo à medida que o dinheiro vai se esvaindo, tal qual aconteceu com o filho pródigo da parábola de Jesus. Seus colegas de farra, em vez de socorrê-lo, desapareceram imediatamente, quando ele começou a passar necessidades (Lc 15.13,14).

Finalmente, há também o abandono que resulta da fidelidade do crente a Deus, quando ele passa a ser rejeitado pelo simples fato de adotar um estilo de vida e um discurso que se choca frontalmente com a mentalidade reinante neste mundo.

Neste capítulo, trataremos, de forma geral, de todos esses tipos de abandono e sobre como lidar com eles à luz das Sagradas Escrituras.

A Responsabilidade da Igreja

O ser humano tende a abandonar o seu próximo em momentos de estresse e dificuldade, mas tal atitude não deve ser uma realidade na vida de um verdadeiro cristão. Deus deseja que seus filhos vivam em comunhão

uns com os outros (SI 133) e que os desvalidos, desfavorecidos e vitimados pela vida encontrem apoio, atenção e ajuda em sua Casa (Tg 1.27).

A Palavra de Deus é clara: os idosos devem ser honrados (Lv 19.12); os pais não devem ser abandonados pelos filhos (Êx 20.12; Ef 6.2,3); os amigos não devem ser esquecidos, muito menos nos momentos de adversidade (Pv 17.17; 27.10); devemos amar o nosso próximo e ajudá-lo em momentos de necessidade (Lc 10.25-37); e quem não cuida nem mesmo dos da sua própria família é infiel (1 Tm 5.8).

No caso daqueles que se encontram rejeitados pelos seus familiares e amigos pelo fato de terem dedicado suas vidas a Jesus, se não há um agasalhar da igreja a esses irmãos, a situação é ainda mais grave, porque estamos falando de pessoas que, além de terem sido relegadas, são nossos irmãos em Cristo. O próprio Jesus frisou que aqueles que são deixados pelos da sua casa por amor a Ele receberiam em troca, "já neste tempo", novos "irmãos, e irmãs, e mães, e filhos" (Mc 10.29,30). Ou seja, ganhariam em troca uma família ainda maior, formada por crentes de todas as idades e de todos os lugares.

Em seu Sermão Profético, Jesus afirma que os falsos cristãos — representados em uma de suas parábolas por bodes em contraste com as ovelhas, que são os crentes fiéis (Mt 25.31-40) — seriam caracterizados, entre outras coisas, pelo desamor e desprezo em relação aos desvalidos, exemplificado nos casos de omissão em dar água aos sedentos, pão aos famintos, teto e abrigo aos relegados, agasalho aos necessitados e carinho aos encarcerados (Mt 25.41-46).

O Consolo Perfeito em Deus

Ainda que o carinho e a atenção dos homens falhem, os de Deus são certos. Ele é o amigo certo das horas certas e incertas! Jesus prometeu: "Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mt 28.20). O Pai prometeu: "Pode uma mãe esquecer-se tanto do filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, me não esquecerei de ti" (Is 49.15).

Não podemos olvidar ainda a presença e consolo perfeito do Espírito Santo, o Consolador, enviado para estar conosco, aju-dando-nos em todas as coisas (Jo 14.16-18; 16.13; Rm 8.26,27).

O apóstolo Paulo testemunhou algumas vezes da presença e consolo divinos cm meio a momentos de abandono. Quando ninguém pôde assisti-lo perto do final da sua vida, ele testemunha que o Senhor não o desamparou (2 Tm 4.9-11,16,17). Escrevendo aos crentes em Corinto, ressaltou certa vez o apóstolo Paulo que "Deus consola os abatidos" (2 Co 7.6).

Não há consolo mais perfeito do que o de Deus, mas tal fato não deve nos levar a esquecer de nossa responsabilidade pessoal de prover consolo aos nossos irmãos em necessidade. Deus também usa pessoas para nos consolar, como fez com Paulo, usando Tito para assisti-lo em sua necessidade (2 Co 7.6).

Lembre-se de que, muitas vezes, somos a resposta às orações de nossos irmãos. Somos todos membros do Corpo de Cristo e, como tais, devemos nos importar com nossos irmãos: "De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular" (1 Co 12.26,27).

Abandonado por sua Fé em Jesus

Nem todos respondem positivamente ao chamado de Jesus. Mas, não só isso. Alguns não apenas resistem ao seu chamado como também se opõem aberta e contundentemente a Cristo.

Jesus falou claramente sobre esse fato, quando disse que sua vinda ao mundo traria divisão (Mt 10.34), e asseverou que essa divisão ocorreria até mesmo dentro de nossas casas (Mt 10.35-37; Lc 14.26).

Mesmo que sejamos amorosos e atenciosos, o mundo nos rejeitará por não suportar o nosso estilo de vida. Jesus também foi claro quanto a isso, citando, inclusive, o seu próprio exemplo (Jo 17.14). Disse Ele: "Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fósseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece" (Jo 15.18,19).

Veja que Jesus fala dessa rejeição como algo absolutamente inevitável. Ele diz que assim como aconteceu com Ele certamente

acontecerá conosco, se formos realmente fiéis (Jo 15.20,21). Aliás, quanto mais fervorosos somos em nossa fé em Jesus, mas rejeitados somos pelo mundo, inclusive pelas pessoas mais próximas de nós que não compartilham da mesma fé.

Razões pelas quais o Crente Sofre Rejeição por sua Fé

Há muitas razões por que um crente sofre abandonos por causa da sua fé. Vejamos pelo menos quatro razões.

Em primeiro lugar, o evangelho prega uma salvação exclusivista. Jesus é o único caminho, e a verdade e a vida, e ninguém vem ao Pai a não ser por Ele (Jo 14.6). Jesus não é apresentado nas Escrituras como mais uma alternativa, mas como a única. Só isso já é o suficiente para provocar a antipatia da maioria das pessoas, porque crer em Jesus implica admitir que todas as demais religiões estão erradas, por mais que uma ou outra pregue alguma coisa da verdade. Só há uma verdadeira religião: o cristianismo bíblico.

Em segundo lugar, a Bíblia Sagrada fala do Inferno como algo real e que todos aqueles que rejeitarem a Jesus serão lançados lá, onde passarão a eternidade em tormentos terríveis. Eis uma mensagem que não provocará tanta simpatia, mesmo que a preguemos com o coração transbordando do amor de Deus pelos perdidos.

Em terceiro lugar, o evangelho nos diz que somos pecadores (Rm 3.23), que não somos merecedores de salvação (Rm 3.20) e que nossas boas obras não são mais do que a nossa obrigação, não valendo nada para garantir uma eternidade no céu (Ef 2.8,9); e que, se quisermos ser salvos, é preciso nos arrependermos dos nossos pecados (Mc 1.15) e procurarmos viver uma vida de santidade (Hb 12.14), conforme estabelecida na Palavra de Deus (Jo 17.17). Trata-se de uma vida de renúncia (Lc 9.23-25).

Ora, pregar e viver essas verdades fará com que sejamos naturalmente rejeitados pela maioria do mundo, sendo vistos,«10 mínimo, como um incômodo por nossos discursos e estilo de vida. A não ser que, com medo de incomodar, ou de sofrer com críticas e ostracismo, tentemos atenuar ou esconder o nosso fervor em Cristo diante das pessoas e

eufemizarmos ou distorcermos o nosso discurso para agradá-las. Mas, aí, se usarmos desse expediente, já estaremos nos afastando do verdadeiro evangelho.

Que ninguém se engane: somente seremos plenamente aceitos pelo mundo quando andarmos segundo o mundo. Quem vive um estilo de vida que se choca frontalmente com os valores deste mundo será inexoravelmente rejeitado por ele. Será excluído de alguns ambientes, desconvidado, substituído, comentado negativamente, zombado, pintado como um "ET" ou uma espécie de pequena aberração da sociedade. Importa que isso aconteça, porque, afinal, estamos neste mundo, mas não somos deste mundo (Jo 15.19).

Os Abandonos mais Doloridos

De todos os abandonos por servir a Jesus, com certeza, o mais dolorido é aquele que vem da nossa família: pais que abandonam filhos, filhos que abandonam pais, irmãos que abandonam seus irmãos, esposas que abandonam seus maridos e vice-versa. Sem falar de amigos que abandonam amigos. O abandono familiar é o de maior custo emocional para uma pessoa.

Entretanto, em alguns países fechados para a pregação do evangelho, a situação é ainda mais difícil, pois, em muitos deles, abandonar a religião oficial é crime de apostasia, passível de morte; e em outros, a evangelização é vista como uma manifestação de oposição ao estado ateísta, sendo o cristão condenado à prisão — e em alguns casos, até a morte.

Jesus falou que esses acontecimentos iriam se intensificar nos últimos dias, como sinal da proximidade de sua Segunda Vinda (Lc 21.16,17). Não é à toa que pesquisas mostram que morrem mais cristãos no mundo hoje por causa da sua fé do que em qualquer outro momento da história da humanidade. Só nos primeiros dez anos do século 21, morreram aproximadamente 105 mil cristãos no mundo por ano pelo simples fato de professarem a fé cristã.

Como Lidar com o Abandono

O que a Bíblia nos diz sobre a forma como devemos lidar com os abandonos, críticas e exclusão que sofremos ou sofreremos na vida por causa da nossa fidelidade a Deus?

Em primeiro lugar, tirando de nossas mentes qualquer tipo de ilusão sobre esse assunto, sendo realistas. Devemos ter claro em nossas mentes as palavras de Jesus sobre esse fato. Somente assim podemos começar a nos preparar para esse tipo de coisa, que, ao acontecer, não se constituirá nenhuma surpresa.

Em segundo lugar, vivendo intensamente a vida como membros do Corpo de Cristo, em comunhão com os nossos irmãos em Cristo (Mc 10.29,30; 1 Co 12.26,27). Se perdemos até a nossa família por causa da nossa fé, Deus nos dá uma família muito maior. Ele "faz que o solitário viva em família" (SI 68.6).

Finalmente, descansando em Deus, fortalecendo-se no Senhor e na força do seu poder (Ef 6.10), e na assistência incomparável do Consolador, o Espírito Santo de Deus (Rm 8.26,27).

Conscientização e conforto pela Palavra, comunhão com irmãos em Cristo e comunhão com Deus — eis três fatores imprescindíveis com os quais podemos vencer e superar não apenas a exclusão social por servirmos ao Senhor Jesus, mas qualquer outra situação de abandono que eventualmente experimentemos.

13

O CRISTÃO E A VIOLÊNCIA

Vivemos em uma época em que a sociedade ainda paga o preço de ter olvidado a doutrina bíblica do pecado original, substituindo-a pela crença do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) de que "o homem é naturalmente bom; são as instituições que o corrompem". Por todos os lados, na mídia e na política, prevalece ainda hoje a propaganda falaciosa de que o ser humano é intrinsecamente bom e que, sob uma condição social correta, sua boa natureza se manifestará sempre e inevitavelmente, viabilizando a possibilidade de um mundo melhor.

Desde o século 19, os intelectuais modernos passaram a ensinar que Deus não é o nosso Criador, mas, sim, a própria natureza, e que somos o auge de uma evolução biológica. Daí, a doutrina incômoda do pecado original, que Rousseau já atacara no século 18, foi rechaçada totalmente e começou a se ensinar que determinadas regras morais eram "castradoras" da liberdade e da felicidade humana.

Ora, não admitir uma realidade não muda essa realidade. Não admitir o pecado original não muda o fato de que nós, seres humanos, somos pecadores, somos inatamente tendentes ao pecado. Por isso, os intelectuais modernos tiveram que criar um discurso para tentar explicar e justificar teoricamente a existência marcante e crescente do mal no mundo apesar dos avanços dos índices sociais, econômicos e tecnológicos dos últimos séculos - ou seja, apesar do melhoramento das condições sociais no Ocidente. Como a intelectualidade e os formadores de opinião midiáticos de nossos dias creem majoritariamente que a maldade é produto do ambiente e que sob um ambiente correto o ser humano manifestaria inevitavelmente a sua bondade (mensagem que impregna livros, filmes, novelas, revistas e programas de televisão), então afirmam que as maldades crescentes no mundo de hoje seriam decorrentes de ainda não termos

atingido as condições sociais ideais. Tal argumentação, como podemos perceber de cara, não faz o menor sentido.

Se o homem praticaria maldades apenas por falta de educação adequada, devido à pobreza ou outras condições sociais indesejáveis, por que a violência no mundo teria aumentado apesar da melhora das condições sociais? A população do Ocidente é hoje infinitamente muito mais educada do que há 500 anos, por exemplo, mas mata-se hoje mais no Ocidente do que naquela época, numérica e proporcionalmente. Nos últimos 100 anos, houve mais guerras, assassinatos e genocídios no mundo - numérica e proporcionalmente - do que em qualquer outro período da história. Foi o abandono da doutrina do pecado original pela crença na bondade inata e plena do ser humano, e no homem como fruto de uma evolução e que permanece em constante evolução, que levou a sociedade aos regimes mais sangrentos de sua história (comunismo, nazismo e fascismo); que levou o Ocidente a aceitar de novo como normais determinados crimes que, séculos atrás, pela influência do cristianismo, eram rechaçados e, por isso, tinham muito menos incidência (o aborto - o holocausto de milhões de bebês todos os anos - e a eutanásia, que são práticas pré-cristãs, próprias do paganismo, mas que voltaram à tona nas últimas décadas devido à descristianização e a secularização da sociedade ocidental); sem falar da crise moral e social em que se encontra hoje o Ocidente.

Se o avanço da medicina e do saneamento diminuíram o número de mortos por doenças, o mesmo não pode ser dito em relação à violência nas cidades. A população mundial, e especialmente a ocidental, é hoje muito menos pobre do que era séculos atrás, e a distância entre pobres e ricos é também muito menor hoje do que naquela época, porém mata-se mais hoje - numérica e proporcionalmente - do que séculos atrás, e a criminalidade não tem diminuído. Só no Brasil, nos dez primeiros anos do século 21, foram cometidos mais de 50 mil homicídios por ano, ou seja, mais de meio milhão de homicídios em apenas dez anos. Outro dado é que, apesar do aumento da condição social em muitos países, o número de suicídios tem aumentado, sendo muito maior do que no passado. Ora, onde está a tal felicidade proporcionada pela melhora das condizes em que vivemos?

É uma grande mentira a crença de que, sob condições sociais ideais, o mal desapareceria. Ela se choca frontalmente com a Bíblia e a natureza humana. Ninguém nega que a melhora das condições sociais possa surtir,

em muitos casos, um efeito social positivo, mas não o fim da maldade e da violência humana, porque ela é fruto do pecado. Não são poucos os casos, por exemplo, de pessoas que vivem sob condições sociais ideais e comprovadamente não sofrem de nenhum distúrbio mental, mas mesmo assim praticam atrocidades. Apesar disso, os formadores de opinião, em vez de se renderem aos fatos, apenas se mostram chocados com esses acontecimentos, para os quais não têm resposta por não crerem no pecado original, e continuam, contra os fatos, pregando sua crença de que "o homem é naturalmente bom e, sob condições ideais, o mundo ideal surgirá; a resposta está no próprio ser humano".

Vejamos, a seguir, a gênese desse pensamento e os efeitos nefastos dele ao longo da História.

Uma Mentalidade Cultural Fértil para a Violência

Russell Amos Kirk (1918-1994), notório jornalista cultural e cientista político norte-americano, em seu livro *The Conservative Mind: from Burke to Eliot* ("O Conservadorismo: de Burke a Eliot"), obra ainda inédita no Brasil, enfatiza que a atual onda humanista, anti-Deus e de liberalismo social que hoje vemos no mundo nasceu no período histórico denominado "Idade da Razão", especialmente no século 18. Kirk ressalta ainda que um dos primeiros a denunciar eloquentemente os efeitos nefastos dessa onda em sua gênese foi Edmund Burke (1729-1797), pensador e político britânico.

Lembra Kirk que, antevendo o futuro, Burke criticou em sua época três escolas que chamou de "radicais" e estavam tornando-se bastante populares em seus dias: o racionalismo dos filósofos, o nascente utilitarismo do filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, e o sentimentalismo romântico do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, propugnador da crença de que o homem, diferentemente do que a Bíblia diz, nasceria naturalmente bom, sendo corrompido pelas instituições (a comunidade, a família e as igrejas), e de que devemos ter fé no sei humano como sendo capaz de trazer sozinho a paz e a ordem ao mundo.

Foi Jean-Jacques Rousseau quem "decretou" a morte do pecado original, ao pregar a teoria da plena bondade natural do ser humano, em contraste com as doutrinas bíblicas do pecado original e da depravação geral do homem. Depois dele, veio Augusto Comte, com o seu Positivismo, afirmando que a religião é o estado primitivo da sociedade; e o Iluminismo, proclamando que a religião não era mais relevante. Assim, chegamos ao ponto em que estamos hoje.

Antes de Rousseau, mais precisamente desde a época do filósofo grego Aristóteles, a sociedade ocidental acreditava que o ser humano precisava participar das instituições civilizadas da família, da religião e da sociedade para orientar-se sadiamente. Lembrava Aristóteles que o ser humano é um ser sociável, portanto só em sociedade ele poderia cumprir a sua verdadeira natureza. Era isso que Aristóteles queria dizer ao chamar o homem de "um animal político". Essa expressão aristotélica deriva da compreensão de que a verdadeira natureza humana só se encontra e se realiza na "polis" ("cidade", em grego), isto é, na vida em sociedade. Para Aristóteles, aquele que vive fora da sociedade, sem dela depender, "ou é um deus ou uma besta".

Com o advento do Cristianismo na formação da sociedade ocidental, e com ele as doutrinas bíblicas da depravação total do ser humano e do pecado original, o valor das instituições família, igreja e sociedade para orientar a conduta humana foi ainda mais reforçado. Nós, cristãos, acreditamos que todos somos pecadores e que somente Deus tem o poder de transformar o homem, todavia apenas se este o permitir, o que não é muito comum, de maneira que se torna extremamente necessário o fortalecimento dessas três instituições - família, igreja e comunidade - para orientar desde cedo a vida sadia em sociedade. Porém, *Rousseau passou a negar as ideias aristotélicas e cristãs, pregando que (1) é a "polis" que condiciona negativamente o homem e que (2) o homem nasce moralmente bom, (3) mas é corrompido e "agrilhoado" (nas palavras de Rousseau) pela sociedade.

Os Efeitos Nefastos da Teoria de Rousseau

Os reflexos desse pernicioso pensamento de Rousseau se veem primeiramente nos movimentos anárquicos, apesar de o filósofo suíço ser um defensor da figura do Estado, que também é alvo de ataque dos

anarquistas. A diferença, mais propriamente, entre Rousseau e os anarquistas é que a liberdade pregada por aquele não era a contra o Estado, mas contra "as correntes" da família, da igreja e da comunidade local, também alvo de ataque dos anarquistas. Para o filósofo suíço, a família, a igreja e a comunidade local seriam "tiranias" restritivas e o Estado, o "elemento liberta dor" em relação a essas formas e instituições "acorrentadoras". O Estado, segundo Rousseau, deveria substituir todas as outras formas de laços sociais. "Cada cidadão seria, então, completamente independente de todos os homens e absolutamente dependente do Estado", propõe Rousseau em *O Contrato Social*.

Como aponta Glenn Tinder, professor de Ciência Política da Universidade de Massachusetts, Boston (EUA), em sua obra *Political Thinking: The Perennial Questions*, de 1995, "para Rousseau, o Estado é o agente da emancipação que permite o indivíduo desenvolver os germes latentes da bondade até agora frustrada por uma sociedade hostil". Entenda-se por "sociedade hostil" exatamente as ditas "instituições acorrentadoras": a família, a igreja e a comunidade local. Isto é, a teoria da bondade plena do ser humano resultou (1) no afastamento dos laços e valores da família, da igreja e da tradição, (2) e também na crença de que o ser humano deveria depositar em um ente chamado Estado a salvação da humanidade. Esse Estado seria a manifestação da "Vontade Geral" dos seres humanos e, por isso, a manifestação concreta da bondade humana.

Em sua obra E agora, *como Viveremos?,* escrevem Charles Colson e Nancy Pearcey sobre a compreensão do filósofo suíço acerca do Estado:

> A utopia cria uma cegueira peculiar. Acreditando que o indivíduo é por natureza bom, Rousseau estava confiante que o todo poderoso Estado seria igualmente bom, desde que em sua visão ele seria simplesmente uma junção da vontade dos indivíduos em uma "Vontade Geral". Rousseau, de fato, acreditava que o Estado sempre estaria correto, sempre pendendo para o bem público - "sempre constante, inalterado e puro". (*E agora, como Viveremos?,* p. 210)

Aqui já surge evidentemente um problema: E quando a "Vontade Geral" entra em conflito com a vontade específica de um grupo de indivíduos, o que deveria ser feito? Como agir nesse caso?

Eis a terrível resposta de Rousseau: como o Estado, segundo ele cria, era sempre a manifestação do bem, então deveria coagir à força esse segmento social destoante a aceitar a "Vontade Geral". De acordo com

Rousseau, quem não concordasse com a "Vontade Geral" é porque havia sido corrompido (pela família, igreja e comunidade local), e por isso deveria ser coagido a aceitar a vontade do Estado. Para o filósofo sandeu, o indivíduo deveria "ser forçado a ser livre" pelo Estado (sic), isto é, forçado a obedecer à "Vontade Geral", que seria, segundo Rousseau, a única manifestação da verdadeira liberdade e bondade. E o que ele diz com todas as letras em sua obra O Contrato Social.

Claro que alguém pode objetar que, no caso dos criminosos, eles devem ser mesmo coagidos pelo Estado - e ninguém está aqui a dizer o contrário. O problema é que Rousseau não está falando só desse tipo de caso, mas do que deveria ser feito se parte da população não concordasse com a "Vontade Geral" estabelecida pela democracia plebiscitária por ele pregada. Lembremo-nos de que Rousseau não defendia a democracia representativa com um regime de hierarquia das leis e liberdade de expressão e associação, como se vê hoje no Ocidente e que herdamos dos ingleses, mas uma democracia plebiscitária, em que as normas deveriam ser escolhidas por plebiscito e a maioria deveria esmagar a minoria, e no qual não haveria respeito às liberdades de expressão e associação, e toda e qualquer religião deveria ser substituída pelo culto ao Estado.

A democracia de Rousseau não é a democracia ocidental como a conhecemos, mas foi o germe dos regimes revolucionários e totalitários que marcaram o mundo desde o final do século 18 até hoje. Aliás, é importantíssimo enfatizar que, apesar de teóricos de esquerda colocarem a obra de Rousseau como uma das formadoras da democracia ocidental como a conhecemos, isso é absolutamente falso. O sistema democrático ocidental como hoje o conhecemos não é fruto das ideias de Rousseau, mas da tradição democrática anglo-saxã, avessa a revoluções sangrentas e especialmente defensora da democracia representativa. Como muitos especialistas têm lembrado, as filhas diretas da concepção de democracia de Rousseau são o fascismo e o comunismo, além do anarquismo, e não o modelo de democracia ocidental prevalecente.

A concepção de liberdade de Rousseau estava repleta de contradições gritantes. Exemplo: em sua obra *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, ele defende o fim da propriedade privada como um ideal para o Estado. Ora, um Estado que estabelece o fim da propriedade privada, forçando todos os seus membros a

aceitá-lo, é um Estado tirânico e nunca uma manifestação de bondade. Aliás, sobre essa obra de Rousseau escreveu Voltaire, no tom satírico que lhe era característico: "Quando se lê o seu trabalho, dá vontade de andar sobre quatro patas". Suavizando as palavras de Voltaire: "Rousseau, suas colocações são absolutamente irracionais!".

Outro exemplo: em sua obra *Economia Política*, o filósofo suíço afirma que "é certo que se pode restringir minha vontade, não sou mais livre", mas, em *O Contrato Social*, se contradiz consigo mesmo totalmente ao defender que "quem se recuse a obedecer à vontade geral, a isto será constrangido por todo o corpo; o que não significa outra coisa senão que se o forçará a ser livre". A coisa se complica mais ainda quando lembramos que Rousseau defende que estão entre os corruptores da bondade humana a família, a igreja e a comunidade local. Logo, levando às últimas consequências esse raciocínio, chegamos à conclusão de que quem defende os valores da família, da igreja e da tradição são inimigos do Estado, pois estes "acorrentam" o ser humano, tolhendo sua liberdade, e o Estado veio para substituí-los e manifestar a "bondade humana". Portanto, quem não quiser se opor à "bondade" manifestada no Estado deve abandonar esses valores e instituições "acorrenta-dores" e converter-se totalmente à obediência cega ao Estado, sob pena de, não o fazendo, ser forçado pelo Estado a segui-lo. Nos países comunistas, vimos e vemos isso costumeiramente.

Aliás, o comunismo é, como já mencionamos, outro filho do pensamento de Rousseau. A sangrenta Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Russa de 1917 foram influenciadas diretamente pelo pensamento do filósofo suíço, e deram no que deram. Ressaltam Colson e Pearcey:

> [...] desde que a natureza humana é essencialmente indefinida, de acordo com Rousseau, não há princípios morais que limitem as ambições do Estado. Na cosmovisão cristã, tratamos uma coisa de acordo com a sua natureza; baseados em uma última instância, no que Deus a criou para ser. Por isso tratamos uma criança de forma diferente de um cachorro. Mas, se não existe tal coisa com a natureza humana, então não justifica afirmar que devemos tratar uma pessoa de um modo diferente do que tratamos um animal. Não existe base para dizer que o Estado deve "tratar seus cidadãos de forma justa ao invés de injusta", e não há nenhuma limitação moral no uso do poder pelo Estado. Isso explica porque a filosofia de Rousseau deu origem ao conceito moderno de revolução, o qual

> envolve não somente rebelião política para destituir um governo em especial, mas também a destruição em bloco da sociedade existente a fim de construir uma nova e ideal sociedade do nada. Enquanto a teoria social tradicional justifica qualquer ação por um apelo ao passado - a natureza normativa do homem criado por Deus -, os revolucionários modernos justificam suas ações com um apelo ao futuro - para a sociedade ideal que irão criar. As atrocidades mais sangrentas podem ser justificadas com a inovação da sociedade perfeita que prometem construir das cinzas da antiga. Assim, os revolucionários modernos avançaram impiedosa e brutalmente, sacrificando milhões de pessoas. [...]
>
> Robespierre, líder do Reinado do Terror que surpreendeu a Revolução Francesa em 1793, aceitou essa lógica muito bem. Ele e seus companheiros jacobinos entenderam a chamada de Rousseau à 'força' [uma referência à afirmação do filósofo suíço de que quem recalcitrasse em obedecer cegamente à "Vontade Geral" deveria ser forçado a obedecer a ela, "forçado a ser livre"] como argumento para condenar e executar todos aqueles que se opusessem à nova ordem, resultando na prisão de 300 mil nobres, sacerdotes e dissidentes políticos e na morte de 17 mil cidadãos em um ano. Claro que isso era apenas o começo dos rios de sangue que iriam fluir da filosofia de Rousseau, pois, na prática, o programa utópico de construir uma sociedade nova e perfeita sempre significava aniquilar aqueles que resistissem, aqueles que permanecessem comprometidos com os velhos costumes ou aqueles que pertencessem à classe julgada como sendo irremediavelmente corrupta (a burguesia, os fazendeiros ricos, os judeus e os cristãos). Esse mesmo padrão básico é encontrado na filosofia de Karl Marx, cuja visão de uma sociedade perfeita instigou o experimento da utopia fracassada numa nação após outra ao redor do globo. A falha fatal na visão utópica de Estado no marxismo é mais uma vez a negação do ensinamento cristão básico sobre a Queda. Se alguém acredita que existe algo como o pecado, este deve acreditar na existência de um Deus que é a base de um padrão moral transcendental e universal de bondade. Tudo isso Marx negou. Para ele, religião e moralidade não são nada além de ideologias usadas para racionalizar os interesses econômicos de uma classe acima da outra. Não é para menos que os Estados totalitários criados pelo marxismo não reconheceram nenhum princípio universal moral, nenhuma justiça transcendental e nenhum limite moral em sua brutalidade assassina. A "Vontade Geral" (e o partido) está sempre com a razão. [E agora, como Viveremos?, p. 210,211)

O escritor e crítico literário Jules Lamaitre já dizia sobre as obras de Rousseau: "Uma das maiores provas jamais vistas da estupidez humana". E já apontava o sátiro francês Anatole France sobre os efeitos nefastos da filosofia de Jean-Jacques Rousseau de bondade plena e inata do ser humano e negação do pecado original: "Jamais houve tantos que tenham sido mortos na História em nome de uma doutrina como o que ocorreu com essa

doutrina de que os seres humanos são bons por natureza". Não é à toa que o carniceiro Robespierre considerava Rousseau "o pedagogo da humanidade". Centenas de milhões de mortos foi o resultado dessa filosofia doentia, que ainda sobrevive em outros formatos, tentando minar os valores judaico-cristãos que formaram a sociedade ocidental.

Esse é o resultado prático de negar a verdade bíblica. Rousseau, aliás, não cria na Bíblia. Ele dizia que o ser humano deveria procurar a verdade em seu próprio coração, e não na Bíblia. Também não aceitava o teísmo, mas o deísmo, e seu "Deus" poderia ser descrito mais como uma energia impessoal do que um Deus pessoal. Ademais, afirmava sobre si mesmo e seu pensamento: "Se houvesse um único governo esclarecido na Europa, ele mandaria erigir estátuas em minha homenagem".

Em sua obra memorável *Os Intelectuais*, o historiador Paul Johnson demonstra que, infelizmente, o tipo moderno do intelectual que vemos hoje no mundo teve sua primeira aparição em Rousseau. Johnson lembra que o filósofo suíço era um mentiroso contumaz e um homem egocêntrico e imoral, e conta ainda que Rousseau escreveu *O Contrato Social* em um período de sua vida em que havia trocado de amantes várias vezes e entrado em choque porque uma delas, uma jovem servente chamada Thérèse Levasseur, lhe dera um filho, o qual o filósofo deixou imediatamente à porta de um orfanato, com medo de não conseguir ascender socialmente caso soubessem que tinha um filho com uma amante. Daí sua aversão aos valores da família, da igreja e da sociedade em *O Contrato Social*, valores estes que o faziam sentir-se "acorrentado", já que era licencioso.

Conta-se que Thérèse Levasseur lhe deu ao todo cinco filhos, os quais foram deixados, um a um, na porta do mesmo orfanato, onde cresceram e morreram em completa pobreza, sem um auxílio sequer do pai. Registros mostram que todas as crianças desse orfanato ou morreram ainda crianças ou terminaram como mendigos, morrendo nas ruas posteriormente. Rousseau primeiro se sentiu culpado, mas depois passou a justificar absurdamente seus atos vergonhosos, dizendo que não suportava uma vida "cheia de cuidados domésticos e barulho de crianças".

Não é à toa que Rousseau defendeu em seus escritos (inclusive metaforicamente em seu livro *Emílio, ou Da Educação*, onde o personagem

principal educa-se sem pais, sem família e afastado de qualquer convívio social) que o Estado é quem deveria criar e educar os filhos, livrando o cidadão de "obrigações pessoais problemáticas". Para ser mais preciso, ele defendeu que o Estado deveria retirar dos pais a responsabilidade de educar os filhos, sendo essa responsabilidade conferida totalmente ao Estado. Era Rousseau fugindo das obrigações de pai e criando uma teoria política para justificar sua imoralidade e total irresponsabilidade.

Efeitos ainda hoje

Ainda hoje vemos reflexos negativos da filosofia de Rousseau, quando os formadores de opinião socialmente liberais de nossos dias procuram reinterpretar a noção de Estado laico, apresentando-o na prática como uma espécie de Estado antirreligioso; quando se exalta a figura do Estado como se fosse um "deus" e "pai" ao qual devemos seguir e obedecer cegamente e para o qual devemos transferir todas as nossas responsabilidades e obrigações, até as mínimas; e quando solapa-se os valores da família e da religião, e banaliza-se a instituição família; enfim, quando a sociedade se comporta como se o melhor para o mundo estivesse numa sociedade sem Deus, sem religião, sem valores judaico-cristãos, com conceitos e valores relativizados de família, com uma sociedade hedonista, humanista e secularista, onde o Estado é tudo o que precisamos e nós, seres humanos, é que construímos sozinhos a nossa história e criamos os nossos próprios valores.

Esses efeitos são vistos hoje também no antropocentrismo, no radical humanismo secular, na crença de que a humanidade é essencialmente boa, mas as instituições é que a corrompem, entre elas as religiões e os valores morais rígidos (ditos "castradores") da família e da religião. São vistos naquele discurso bastante popular (e até emocionante para alguns) de que nós, seres humanos, temos o poder de mudar sozinhos o mundo para melhor se quisermos, e que o humanismo é suficiente. "Podemos construir um mundo melhor"; "O homem é naturalmente bom", "Não devemos 'castrar' a liberdade e os desejos das pessoas em nome dos valores da religião", etc. são alguns discursos que marcam esse tipo de pensamento. Quem ainda não o ouviu? Quem ainda não o ouve?

Porém, a Bíblia ensina sobre a realidade do pecado original, diz que o homem nasce com a tendência natural para o pecado e que não devemos

confiar em nós mesmos (Jr 17.9). Ensina que devemos lutar contra o pecado e, para isso, entregar-nos a Jesus, crendo nEle e aceitando a sua obra expiatória na cruz por nós (Jo 3.16; Rm 7.14-8.1). Ensina ainda que devemos procurar viver uma vida de santidade, que devemos respeitar as leis morais e que os pais devem ensinar os seus filhos no caminho em que devem andar (Pv 22.6). Os filhos devem ser disciplinados pelos pais. As instituições devem procurar manter a ordem e o império das leis, reconhecendo a maldade humana como uma realidade patente. Devemos lutar pelo melhor do mundo, mas certos de que isso só não será em vão se não ignorarmos os princípios divinos e se confiarmos em Deus para melhorarmos o que pudermos, lembrando ainda que o mundo ideal só será uma realidade plena no Retorno de Cristo, na consumação dos tempos, no verdadeiro final da História.

Como o Cristão Deve Lidar com a Violência

Como sabemos, a violência no mundo é um dos terríveis efeitos do pecado. O primeiro homicídio da história aconteceu já na segunda geração de seres humanos, quando Caim matou a seu irmão Abel (Gn 4.1-10). Infelizmente, a violência faz parte do dia a dia nas cidades, principalmente nas grandes cidades. Portanto, como o cristão deve lidar com isso?

Em primeiro lugar, ele não deve se acomodar à realidade da violência, mas combater a violência. A Bíblia afirma que não apenas devemos fugir do mal, mas também denunciá-lo e combatê-lo: "Não vos associeis às obras infrutuosas das trevas, antes, porém, condenai-as" (Ef 5.11).

Em segundo lugar, e igualmente importante: devemos pregar o Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Somente o Evangelho tem poder para resgatar vidas e mudar cenários.

Em terceiro lugar, o cristão deve ser um agente da paz onde ele estiver: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5.9). Uma vez em paz com Deus, ele deve semear a paz entre os homens.

Em quarto lugar, o cristão deve apoiar as políticas do Estado para condenar e punir o mal (Rm 13.1-7). Os direitos humanos, mesmo da

pessoa mais violenta, devem ser respeitados - a Bíblia diz, inclusive, que devemos amar os nossos inimigos e nunca desejar a eles o mal que não aceitamos para nós mesmos (Mt 5.43-48) -, porém isso não significa afrouxamento da lei, pois a sentença adiada inclina o coração do povo para o mal. Direitos humanos para condenados têm a ver com respeito à integridade do prisioneiro, não com afrouxamento de pena. São coisas absolutamente diferentes.

Em quinto lugar, o cristão deve precaver-se do mal e confiar no Senhor. Ele deve crer na proteção de Deus (Sl 91.1; 121.1-8; 127.1), mas, ao mesmo tempo, fazer a sua parte para se proteger, pois estamos em um mundo mal (1 Jo 5.19). O crente não deve tentar a Deus, flertando com o perigo na esperança de que, se acontecer qualquer problema, Deus irá ajudá-lo (Dt 6.16; Mt 4.6,7).

Em sexto lugar, se tornar-se uma vítima da violência, o cristão não deve procurar retribuir o mal com suas próprias mãos (Rm 12.19,21), mas pode procurar as vias legais para que o criminoso não saia impune, mas pague pelo seu crime, e não venha a fazer o mal a outras pessoas (Rm 13.1-7).

Quando Deus diz para seus filhos preferirem sofrer o dano em vez de procurar repará-lo, não está desautorizando a reparação legal, a reparação via justiça secular em casos graves, mas querendo dizer que nunca devemos fazer justiça com as nossas próprias mãos; que devemos relevar as injustiças e maus tratamentos do cotidiano, que sofremos eventualmente no dia a dia; e que devemos também confiar que o Senhor, que é o Justo Juiz, e que também foi ofendido por aquela ofensa ou ataque a seus filhos, irá vingar (julgar, compensar, reparar, punir, castigar) o mal feito a seus filhos.

Há também o fato, frisado nas Sagradas Escrituras, de que, independente de a punição secular ser dada ou não ao ofensor, o cristão ofendido deve sempre perdoar o ofensor e não retribuir o crime com outro crime, a maldade com outra maldade, o erro com o erro. Não retribuir o mal com o mal não quer dizer que, cometido um crime contra mim, minha família ou próximos, não devo denunciar o crime para que o criminoso seja preso e condenado pelos seus crimes. Não retribuir o mal com o mal quer dizer: "Não haja com ele da mesma forma que ele agiu com você. Não

retribua maldade com maldade, injustiça com injustiça. E, apesar de tudo, não guarde mágoa ou rancor, mas perdoe e siga em frente".

Ou seja, a Bíblia não condena o fazer justiça, mas apenas o fazer justiça pelas próprias mãos ou sem ser pelas vias legais e também, mesmo que seja pelas vias legais, atribuindo ao culpado uma punição desproporcional.

Por fim, em sétimo lugar, o cristão encontrará em Deus forças e graça para superar o trauma da violência (At 4.23-31; 5.40-42). Somente o Espírito de Deus pode consolar e restaurar perfeitamente (Rm 8.26).

14

A VERDADEIRA MOTIVAÇÃO DO CRENTE

Ah, quantas coisas uma pessoa não é capaz de fazer por amor — a si mesma. (Provérbio judaico)

A palavra "motivação" pode ser definida como o motivo para a ação. É aquilo que nos move para agir, que nos impulsiona rumo a nossas realizações. Nossa motivação faz com que realizemos grandes feitos em prol do Reino de Deus. Mas nossa motivação, quando errada, pode fazer com que queiramos tomar o lugar e o ministério de outras pessoas, causando-lhes mal e desejando-lhes a desgraça.

A motivação errada conduz a caminhos errados e a recompensas erradas. Quando nosso objetivo é a autoglorificação, deixamos de fazer o que Deus nos chamou a fazer e passamos a administrar nossa própria vida, centrados em nós mesmos. Deus se torna, quando muito, um coadjuvante em nosso espetáculo particular. Mesmo o crente considerado fiel pode ser tentado pelo orgulho. Sua fidelidade ao Senhor não o isenta de manter uma estrita vigilância sobre seus objetivos e motivações

Problemas Comuns Advindos de nossas Motivações

A busca do primeiro lugar

Não há problema algum em buscar a excelência em tudo o que fazemos. Na verdade, Deus espera que o sirvamos fazendo o melhor que temos em nossas mãos. Temos uma advertência muito séria no tocante à qualidade daquilo que fazemos em prol do Reino de Deus: "maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente!" (Jr 48.10a ARA). Essa

advertência não foi revogada em nossos dias. Portanto, a busca da excelência no que fazemos está dentro dos planos de Deus para todos nós.

Ocorre que há pessoas que desejam muito ser reconhecidas por aquilo que fazem. Há pessoas que desejam ser o centro das atenções mesmo dentro da igreja. Pior ainda, quando esse desejo de reconhecimento ultrapassa os limites éticos em relação aos relacionamentos e trabalhos, tais pessoas acabam não apenas se tornando soberbas, mas também más.

Ninguém tem vaidade por causa de seus defeitos, e sim pelos seus talentos. Em alguns casos, essa percepção é alimentada, principalmente, por comentários de outras pessoas. A influência de terceiros pode ser importante na formação de uma pessoa vaidosa, tanto de forma positiva quanto negativa, tendo em vista que há pessoas que são elogiadas por terceiros e entendem que devem desenvolver seus talentos. Há outras pessoas que, por passarem sua criação ouvindo duras críticas sobre si, crescem com o objetivo de vencer na vida para provar aos seus críticos que conseguiram chegar a algum lugar. Isso é comum entre pais e filhos, quando os genitores lançam sobre seus filhos comentários ácidos. Quando crescem, tais filhos buscam a todo o custo o poder, para provar aos pais que tinha capacidade de ser "alguém". Portanto, para algumas pessoas, provar que tinha condições de vencer na vida tornou-se uma vaidade.

O mau uso do poder

Se desejamos conhecer as atitudes de uma pessoa, precisamos ver como ela age quando tem poder nas mãos.

> O poder mal-empregado quase sempre é resultado da cobiça. Com muita frequência, pessoas bem-intencionadas em posição de poder dizem a si mesmas: "Trabalhei duro por muito tempo. Mereço algo mais do que estou obtendo agora como recompensa". Em consequência a cobiça toma as rédeas. As prisões estão cheias de pessoas que em todos os outros aspectos são decentes, mas se tornaram cobiçosas. Sei disso porque fiz amizade com muitas delas: advogados, empresários, médicos e até mesmo agentes do FBI. Havia um que foi a juiz federal... Como chegaram a esse ponto em suas vidas? Foi o sentimento, a busca, a crença de que estavam acima de tudo e podiam fazer o que bem quisessem sem jamais prestar contas de sua conduta ou ato. Foi o poder que desejaram a todo custo. (Orgulho Fatal, p. 84,85)

As pessoas citadas por Dortch tiveram contato com o poder, e se deixaram levar por ele. Contaminaram-se porque imaginaram que não prestariam contas sobre seus atos, mas quando as cobranças chegaram, tais pessoas foram apanhadas, e infelizmente, para sua vergonha, condenadas naquilo que estavam fazendo.

O perigo da busca pela fama dentro da igreja — palavra e adoração

Aqui trataremos de pessoas que atuam de forma itinerante. A itinerância não é errada, mas quando se torna uma forma de vida e uma forma de se ganhar a vida, então tende a deixar de ser uma. Há pregadores que começam de forma humilde, mas quando são solicitados a comparecer a diversos eventos, começam a selecionar em que igrejas irão, optando geralmente pelas grandes igrejas, onde serão mais conhecidos, venderão seus produtos pessoais e serão chamados para outros lugares.

Os cantores não estão isentos dessa observação. Há cantores que vão cantar em até três cultos em uma única noite. Não ouvem a Palavra de Deus na pregação. Entram para cantar e assim que terminam seu número, saem da igreja. São cenas que se repetem em nossos templos, e que mostram o quanto tais adoradores estão mais interessados na fama e no dinheiro do que na verdadeira adoração a Deus e em seu próprio crescimento espiritual.

Mantendo nosso "eu" no seu Devido Lugar

Discernindo entre uma motivação correta e uma errada

Uma pessoa pode começar com uma motivação correta, e no meio do caminho ser tomado por uma motivação errada? Com certeza. Um exemplo de pessoa assim foi apresentado por Jesus em uma parábola.

E propôs-lhes uma parábola, dizendo: a herdade de um homem rico tinha produzido com abundância. E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. !•' disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; e direi à minha alma: alma, tens em depósito muitos bens, para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens

preparado para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus. (Lc 12.16-21)

Essa parábola trata inicialmente sobre o acúmulo de bens materiais, mas trata também da motivação que nos move a esquecer-nos de Deus e a depositar nossa confiança em um sistema não confiável, como os recursos financeiros.

> O pensamento do fazendeiro mudara. "Você tem muitas coisas boas. Elas suprirão suas necessidades por muitos anos. Leve a vida com tranquilidade. Celebre!"
>
> Imagino que ele, outrora, já pensara: Se ao menos eu tivesse um bom ano, com chuvas na medida certa para fazer as sementes brotarem. Ou: Se eu tivesse alguns anos bons, eu poderia ajudar outras pessoas; alimentar algumas famílias que não tem o suficiente. Não há dúvidas de que ele trabalhou arduamente, desejando ser bem-sucedido e prosperar. E há uma boa probabilidade de que tenha mesmo orado para Deus lhe abençoar as colheitas. O problema não era a construção dos celeiros. De fato, ele precisava deles. Acredito que a razão pela qual tenha sido usado como exemplo de uma pessoa bem-sucedida, que cometeu um erro trágico: Ele cofiou no que possuía, e não em quem o fizera chegar lá. Suas prioridades mudaram. Ele parou de pensar em como continuar a ser produtivo no futuro — e até mesmo na eternidade. Passou a olhar para seus lucros, suas "boas coisas", e se esqueceu do trabalho duro, a paixão e a humildade necessárias para ir adiante. Acima de tudo, esqueceu-se de que Deus lhe abençoara a existência.

Por essas linhas, escritas por Wayde Goodall em sua obra O Sucesso que Mata, observamos que uma pessoa pode ser bem-sucedida, e também esquecer-se de Deus.

O cuidado contra o orgulho

O orgulho tende a ser uma das nossas piores motivações para estudar, crescer profissionalmente e porque não dizer, crescer ministerialmente. Os Guiness fala do orgulho como "o primeiro, o pior e o mais predominante dos sete pecados capitais... Ele é a fonte ou o componente primordial de todos os demais pecados... Sua origem não está no mundo nem na carne, mas no próprio Diabo" (Os Sete Pecados Capitais, p. 39).

De forma curiosa, Os Guiness descreve que "o mundo contemporâneo achou duas formas de transformar esse vício em virtude, e

elas não podem ser ignoradas. A forma mais comum é mudar sua definição, confundir orgulho com respeito próprio — fazer com que ser contra o orgulho seja visto como prejudicial à saúde. Afinal, é correto ter orgulho de si mesmo. É prejudicial não termos autoestima. Portanto, por que o orgulho deveria ser considerado pecado?"

Os Guiness traz em sua obra algumas frases e pensamentos acerca do orgulho:

> *Egoísta — uma pessoa com mau gosto, mais interessada nela mesma do que em mim. (Ambrose Bierce) Eu — a pessoa mais importante do universo. (Ambrose Bierce) No homem, o orgulho é a Fortaleza do mal. (Victor Hugo)*

Nesse aspecto de orgulho, a Palavra de Deus nos mostra realmente o que pode acontecer com uma pessoa que se deixa levar por tal sentimento. Ezequiel 28.2 mostra o que realmente somos, independente de nosso orgulho: "Filho do homem, dize ao príncipe de Tiro: Assim diz o Senhor JEOVÁ: Visto como se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus e sobre a cadeira de Deus me assento no meio dos mares (sendo tu homem e não Deus); e estimas o teu coração como se fora o coração de Deus". Esse é o risco que corre uma pessoa orgulhosa: desejar ser comparada com Deus.

Avaliando nossos relacionamentos

E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração? Bem-aventurado aquele servo a quem o senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá. Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir, e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se, virá o Senhor daquele servo no dia em que o não espera e numa honra que ele não sabe, e separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis. E o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites, Mas o que a não soube e fez coisas dignas de açoites com poucos açoites será castigado. E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá. (Lc 12.42-48)

Há pessoas que não se importam muito com o*que outras pessoas pensam delas. De certa forma, isso reflete certo grau de independência, mas também de desconsideração pelas pessoas que nos cercam. Não estou dizendo com isso que devemos pautar nossa vida pelo que as pessoas acham de nós. Não seremos unanimidade para todos, mas precisamos ter o cuidado de não destruir pontes em nossos relacionamentos, desmerecendo pessoas ou magoando-as na corrida de nossos próprios objetivos pessoais.

Wayde Goodal destaca que há pessoas que, mesmo em posição de liderança, demonstram certas atitudes que costumam despertar nossa desconfiança:

- Egoístas
- Não demonstram preocupação pelas necessidades dos outros
- Não se dispõem a aceitar a responsabilidade por suas ações
- Falam e fofocam sobre os outros pelas costas
- Mudam constantemente as regras
- Culpam os outros, sem olhar para o próprio papel na situação
- São inconsistentes em seu comportamento, de modo que não sabemos o que esperar
- Torcem a verdade, omitindo informações propositalmente

Ao contrário, as pessoas que despertam nossa confiança:

- São autoconscientes
- Assumem a responsabilidade em seu papel no relacionamento
- Demonstram considerar os melhores interesses dos outros
- Fazem o que prometem
- Praticam valores que afirmam ser importantes para eles
- Dispõem-se a considerar os dois lados da história

São características importantes e que demonstram o quanto nossas motivações podem ou não contribuir com o nosso sucesso, e com um bom relacionamento entre nós e nossos irmãos.

Evitando Motivações Erradas

Depois do que foi tratado, vejamos o que é possível para manter-nos sob as motivações corretas e no centro da vontade de Deus.

Não construa monumentos para si mesmo

> E madrugou Samuel para encontrar a Saul pela manhã; e anunciou-se a Samuel, dizendo: Já chegou Saul ao Carmelo, e eis que levantou para si uma coluna. Então, fez volta, e passou, e desceu a Gilgal. (1 Sm 15.12)

Monumentos costumam chamar a atenção das pessoas para outras pessoas. O Taj Mahal, por exemplo, é um imenso mausoléu construído na índia, e que homenageia a esposa predileta do rei Shah Jahan, Aryumand Banu Begam, mulher que lhe deu 14 filhos. Esse grande edifício, construído entre 1630 e 1652, é conhecido como a maior prova de amor do mundo (de um homem por uma mulher).

O primeiro rei de Israel, Saul, decidiu construir um monumento para si em um momento em que havia se afastado de Deus. Saul tornara-se uma pessoa que sistematicamente deixou de ouvir e obedecer a Deus, e não tendo com que demonstrar respeito pelo Senhor, decidiu construir um monumento para si mesmo. Pior ainda, nessa mesma ocasião, Saul mentiu para Samuel acerca de uma ordem recebida de Deus, e não cumprida.

Saul estava mais preocupado consigo mesmo do que em agradar ao Deus que o havia ungido rei. E Deus já estava procurando outra pessoa para que pudesse servir de exemplo para toda a nação. A memória dos nossos feitos (e pecados) não passa imune ao conhecimento do Senhor. Se desejamos ser honrados por Deus, precisamos obedecer-lhe.

A bênção do anonimato

Há pessoas que acreditam ser o anonimato uma desgraça, afinal de contas, pensam elas, nasceram para brilhar.

O profeta Elias pode nos ensinar algumas coisas importantes sobre o anonimato. Elias surgiu em um cenário nada favorável para os profetas do Senhor no Reino do Norte. Pior ainda, ele profetizou duramente contra o rei Acabe, deixando claro que não choveria na terra até que ele orasse ao Senhor.

Imaginemos a cena. Acabe era casado com Jezabel, uma princesa siro-fenícia, idolatra e assassina de profetas. Não é de se estranhar que a cabeça de Elias fosse colocada a prêmio por aquela ousadia. Mas Deus ordenou que Elias se dirigisse ao ribeiro de Querite, para ser alimentado pelos corvos e beber água do riacho. Deus desejava passar um pouco de tempo com Elias, pois grandes desafios esse profeta enfrentaria anos mais tarde. Se Elias estivesse em evidência naquele momento, seria facilmente encontrado e morto.

Não é incomum que Deus trate nossas vidas por meio do anonimato. Ele deseja saber o quanto somos fiéis quando ninguém está nos olhando. E muitas pessoas tiveram grandes encontros com Deus a sós. Lembre-se de João 3.16:

> Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Sabe a quem foram ditas essas palavras? Não foi a uma grande multidão, depois de uma multiplicação de pães ou depois da realização imediata de um milagre. Foram ditas por Jesus a Nicodemos, em um encontro particular. O resumo de todo o Evangelho apresentado a um único homem. Isso faz a diferença. Portanto, considere o anonimato uma bênção de Deus.

Aprendendo a contentar-se com o segundo lugar: "Importa que Ele cresça..."

Richard Dortch foi um pastor e empresário, que administrou o chamado PTL, um ministério que angariava fundos para evangelismo. Dortch era um homem influente e poderoso, mas se deixou levar por esses elementos, usando de expedientes errados para atingir seus objetivos. Tudo começou quando ele esqueceu-se de quem deveria ter o primeiro lugar em sua vida.

> Houve tempos, no passado, em que me considerei o homem! Pensei ter levado grandes bênçãos às igrejas e certas áreas do ministério. Fui bem-sucedido. Vidas foram transformadas. Eu era amado, apreciado e recebi muito reconhecimento. Pensei que era o tal!
>
> Nas convenções ministeriais, na televisão ou no púlpito, eu gostava de ficar na plataforma. Minha cabeça estava nas nuvens, e eu tinha o olhar altivo. Queria ser

> usado. Desejava ser reconhecido. Quando não obtinha o reconhecimento que julgava de direito, tornava-me aborrecido e mal-humorado. Preocupava-me mais com a opinião das pessoas a meu respeito do que com o meu compromisso pessoal com Deus. Se me pediam para fazer tarefas menores, ficava irritado. Podia esconder meus sentimentos, mas os conservava intimamente.
>
> Deus viu esse olhar altivo, e tratou-me com severidade. Agora me sinto grato em fazer qualquer coisa que me peçam. Fui quebrantado e abalado. Contemplei meu coração orgulhoso, e foi uma visão lamentável. Não é de admirar que Deus odeie o orgulho. (*Orgulho Fatal*, p. 163,164)

O exemplo de Jesus

Uma das atitudes que Jesus tomava quando as multidões o seguiam era retirar-se para um local isolado. Nem sempre Ele fazia isso, mas quando o fazia, era para que passasse um tempo a sós com o Pai.

> E Jesus, ouvindo isso, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, apartado; e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades. (Mt 14.13)
>
> Mas, tendo ele saído, começou a apregoar muitas coisas e a divulgar o que acontecera; de sorte que Jesus já não podia entrar publicamente na cidade, mas conservava-se fora em lugares desertos; e de todas as partes iam ter com ele. (Mc 1.45)

Se atentarmos para esse exemplo, veremos o quão importante é não se deixar levar pelo clamor das multidões. Muitas vezes as pessoas desejam ver um espetáculo, e não ouvir a voz de Deus. Se não estivermos atentos a esse detalhe, nossa motivação será agradar às massas, desviando-nos do propósito de Deus.

Aprendamos, portanto, a rever nossas motivações, a fim de que não sejamos achados vazios diante de Deus. Você não está proibido de fazer o melhor para Deus, mas deve avaliar seu coração para que não busque, com seus feitos, a glória que pertence apenas a Deus.

15

A VIDA PLENA — APESAR DAS AFLIÇÕES

Uma das verdades sobre o cristão e o sofrimento muitas vezes esquecida em nossos dias é a possibilidade concreta de um cristão ter uma vida plena apesar das aflições. Aliás, é lamentável perceber como se tornou comum nas últimas décadas encontrarmos crentes que se referem às provações da vida como se fossem obstáculos intransponíveis na busca por uma vida abundante, como se ter ou não uma vida abundante fosse uma situação permanente condicionada à presença ou à ausência de provações na vida do crente.

Ora, muitas são as passagens das Sagradas Escrituras que desmentem essa impressão, além do número incontável de testemunhos de servos de Deus, do passado e do presente, que têm experimentado a vida abundante em Cristo mesmo em meio às aflições, demonstrando e corroborando eloquentemente essa verdade através de suas vidas. Há ainda a promessa do próprio Cristo, que é verdade de vida: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo 10.10, ARA).

Os Testemunhos de Tiago e Paulo

O apóstolo Tiago, por exemplo, é um dos que asseveram essa possibilidade concreta na vida do crente. Afirma ele, no início de sua epístola: "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes" (Tg 1.2-4, ARA). Ou seja, Tiago diz que as provações não só não impedem a possibilidade de viver uma vida abundante como também são muitas vezes usadas por Deus para que alcancemos a plenitude almejada em Cristo, descrita na expressão "para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes".

Tal experiência não pode ser vivenciada por uma pessoa que não tem passado pelo novo nascimento e, consequentemente, não pode usufruir da comunhão com Deus e da visão necessária para ver a mão graciosa de Deus mesmo em meio às mais intensas provações. Só é possível compreender e viver a verdade de que "todas as coisas contribuem conjuntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8.28) quando submetemos nossa vida ao senhorio de Cristo e à ação amorosa e moldadora do Espírito Santo em nossas vidas.

Sabemos que quem segue a Jesus não está imune de enfrentar muitas dificuldades neste mundo, só que, ao encará-las, interpreta-as, bem como toda a sua vida, à luz do evangelho, atitude muito diferente do que se vê na vida dos que não conhecem a Cristo. Como afirma Vincent Cheung, "os não cristãos sustentam uma filosofia que se opõe à justiça de Deus e ao caminho de Cristo. Negam as verdadeiras causas e soluções para os problemas da humanidade. Assim, independentemente das variações e revisões, todas as teorias não cristãs falham em chegar à verdade] sobre a nossa situação. O homem sem Deus, em vez de tomar conselhos a partir da dificuldade, se torna amargo e endurece seu coração contra a mensagem da salvação. (...) Os não cristãos estão fora de contato com a realidade. Sua visão do mundo é pura fantasia".

Já com o cristão é bem diferente. Escreve Cheung: "Jesus nos mostra que, embora tenhamos um futuro glorioso nEle, que embora o caminho dos justos brilhe cada vez mais, este mundo segue caído e corrompido, ainda não somos aperfeiçoados e o crescimento nas virtudes de Cristo envolve dificuldades duradouras nesta vida. Em si mesmas, as dificuldades não são agradáveis nem encorajadoras, mas Jesus Cristo nos capacita a enfrentá-las com alegria porque compreendemos que, quando as abordamos à luz do evangelho, elas exercitam nossa paciência e aumentam nossa resistência. Para isso significar alguma coisa, devemos entesourar as virtudes de Cristo mais que os confortos deste mundo. Devemos ter em mente as coisas de Deus mais que as coisas dos homens, e devemos ter um apetite semelhante ao dos anjos em vez do das feras. Aqueles que foram regenerados pelo Espírito de Deus receberam a sabedoria para enfrentar a vida com essa perspectiva".

Outro grande exemplo é o apóstolo Paulo. Escrevendo aos Filipenses, ele disse com propriedade: "Já aprendi a contentar-me com o

que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Fp 4.11-13). Paulo está afirmando aos crentes em Filipos que as provações pelas quais passara não foram impedimento para o seu contentamento; e assevera ainda que, independente da situação que vivenciasse, fosse ela de abundância ou de escassez material, ele passaria por cima das dificuldades, não porque tivesse forças em si mesmo para fazê-lo, mas porque se fortalecia em Deus. O Senhor era a fonte de suas forças. Sua vida estava firmada nEle.

Certa vez, escrevendo aos crentes em Corinto, o apóstolo Paulo descreveu as muitas aflições que experimentou (2 Co 11.23-33), as quais foram preditas pelo Senhor Jesus, conforme registro de Lucas (At 9.16). Porém, notemos que Paulo nunca se deixou consumir pelas adversidades. Ao contrário, ele se manteve firme e avançando apesar delas (Rm 8.35-39; 2 Co 4.16-18). A sua Carta aos Filipenses, por exemplo, escrita em um período de dificuldades, quando estava preso, é marcada por palavras de ânimo e alegria. Ele não apenas demonstrava ânimo, mas também exortava os seus leitores a alegrarem-se em Deus sempre: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos" (Fp 4.4).

A seguir, vejamos sinteticamente alguns dos princípios espirituais, exarados nas Sagradas Escrituras, que nos mostram como é possível aquele que está em Cristo experimentar a realidade de uma vida rica e plena apesar das aflições da vida, assim como experimentou Paulo.

O Segredo da Vida Plena apesar das Aflições

O primeiro princípio a se destacar é a compreensão de que a fonte da plenitude da vida está além do turbilhão de problemas deste mundo. Se nosso contentamento estiver atrelado exclusivamente às coisas desta vida, ai de nós! Isso significa que bastará estas sofrerem qualquer abalo ou variação para que o descontentamento existencial se instale em nossos corações.

Como vimos, Paulo podia manter-se contentado e contente, não obstante os momentos de escassez, justamente porque a fonte de seu contentamento estava em Deus — "Posso todas as coisas naquele que me

fortalece" (Fp 4.13). Paulo aprendera que é impossível manter-se alegre com base apenas em coisas que vêm e se vão. Ele sabia muito bem disso, razão por que disse aos crentes em Filipos para se alegrarem sempre "no Senhor" (Fp 4.4). Paulo sabia que só nEle podemos sempre encontrar alegria para a nossa alma. Não há outra fonte mais segura e confiável para o coração abatido.

Em segundo lugar, à luz da Bíblia, aprendemos também que quem foca sua vida nas aflições desta vida deixa de usufruir das inesgotáveis e sempre disponíveis riquezas que temos em Cristo (Rm 9.23; Fp 4.19; Ef 1.18). Como bem declarou o pastor batista John Piper,

> quer sejamos perfeitos ou soframos com alguma deficiência, quer estejamos enfrentando perdas ou apreciando os amigos, sofrendo dor ou saboreando o prazer, todos nós que cremos em Cristo somos imensuravelmente ricos nEle e temos muito por que viver. Não desperdice sua vida. Saboreie as riquezas que você tem em Cristo e gaste-se, qualquer que seja o custo, em espalhar essas riquezas por este nosso mundo desesperado. (O Sofrimento e a Soberania de Deus, p. 74)

E possível viver uma vida plena a despeito das aflições porque as riquezas que temos em Cristo superam, em muito, qualquer frustração, dor ou angústia que possa nos atingir neste mundo. Ninguém está sendo irrealista quanto às feridas provocadas pelos sofrimentos da vida. Não estamos negando aqui o poder que as dificuldades e enfermidades têm de abater o nosso corpo e o nosso ser, mas ressaltando o poder muito maior que Cristo tem de erguer, sustentar, prover e fortalecer a alma abatida em meio a esses momentos de dor. Como declara Paulo: "segundo a riqueza da sua glória", Deus nos concede que sejamos "fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior" (Ef 3.16, ARA).

Finalmente, em terceiro lugar, além da alegria, poder e graça que temos em Cristo, quando cultivamos a nossa comunhão com Ele, o Senhor Jesus nos completa e enriquece de tal forma que as provações desta vida são superadas e vencidas, também as próprias adversidades podem ser usadas por Deus para o nosso enriquecimento, fazendo-nos amadurecer como pessoas e moldando o nosso caráter, de maneira que, por meio de Cristo, a nossa vida cresça não apenas apesar das adversidades, mas muitas vezes por meio delas.

Paulo, escrevendo aos cristãos em Roma, explica: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência, a experiência; e a experiência a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5.1-5).

Essas palavras de Paulo trazem, essencialmente, o mesmo 130 PrinciPÍ° destacado pelo apóstolo Tiago no texto de sua epístola que já citamos no início deste capítulo (Tg 1.2-4): as provações não só não precisam nos sufocar e paralisar na vida como também podem ser usadas para o nosso crescimento.

O pastor José Gonçalves, em sua obra A Prosperidade à Luz da Bíblia, sublinha essa verdade de forma objetiva: "A Bíblia mostra que o sofrimento também tem o seu lado pedagógico na vida do crente (SI 119.67). Em outras palavras, Deus também nos ensina por meio das adversidades, o que inclui também o sofrimento em determinadas circunstâncias da vida. Jó, por exemplo, sofreu não em decorrência de um pecado pessoal ou por possuir uma fé fraca (Jó 1.1-3). (...) Da mesma forma, Paulo tinha o sofrimento como um dos instrumentos do Senhor para lapidar a sua vida espiritual. Para ele, o sofrimento que passou era uma garantia de não se deixar possuir pelo orgulho (2 Co 12.7-10)" (p. 174,175).

Ou seja, em Cristo, podemos ter vida plena apesar das aflições e até por meio delas, porque a graça divina tem o poder tanto de preencher as lacunas da nossa vida — a presença de Cristo não simplesmente compensa, mas completa perfeitamente e supera qualquer perda — quanto de usar o que poderia ser eventualmente um obstáculo à nossa caminhada existencial como um instrumento de aperfeiçoamento do nosso ser, do nosso caráter, sentimentos, afeições e fortalecimento de valores.

O Verdadeiro Conceito de Abundância de Vida

Diante do que a Bíblia nos apresenta sobre esse importante assunto, é necessário que muitos crentes contaminados pelos modismos neopentecostais de nossos dias — com suas doutrinas de confissão positiva e Teologia da Prosperidade —, para o bem de sua saúde espiritual, reavaliem o seu conceito de vida abundante em Cristo.

Vida abundante em Cristo não é ser rico materialmente ou nunca enfermar. Deus abençoa seus servos materialmente? Abençoa. Jesus cura ainda hoje fisicamente? Claro que sim. Entretanto, vida abundante não é isso. É possível alguém ser próspero financeiramente e ter uma boa saúde física, mas ser vazio e miserável em sua vida.

O conteúdo da vida não se mede pelos bens materiais ou o número de conquistas humanas. A verdadeira abundância de vida não pode ser avaliada pelos conceitos mundanos de sucesso. Então, o que é ter vida abundante?

Ter vida abundante é viver a plenitude da vida de Cristo em nós, o que nos proporciona real sentido de vida, norte e propósito. É também termos o privilégio de desfrutarmos, nesta vida e diariamente, da riqueza da graça e do poder de Deus em nosso ser, do viço espiritual e da renovação de vida que há em Cristo pela ação inconfundível do Espírito Santo em nossos corações.

Não há dinheiro no mundo que se compare a isso. Não há qualquer outra situação na existência que se aproxime dessa qualidade e glória de vida. Mais do que isso: não há vida que possa ser considerada vida de fato se não vemos nela encarnadas essas realidades.

Vida abundante é uma vida cheia de Deus, realizada e completa em Cristo e por Cristo. É uma vida nEle, dEle, com Ele, por Ele e para Ele, pois não há vida plena fora dEle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNETT, Tommy. **Há um milagre em sua casa**. 9. etl. Rio cie Janeiro: CPAD, 2007.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E agora, como viveremos?**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

Comentário do Novo Testamento — Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

DANIEL, Silas. **Reflexões sobre a alma e o tempo**. Rio de

Janeiro: CPAD, 2001.

DORTCH, Richard. **Orgulho fatal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

ERICKSON, Millard J. Introdução à Teologia Sistemática. São

Paulo: Vida Nova, 2002.

FITZPATRICK, Elyse; NEWHEISER, Jim. **Quando filhos bons fazem escolhas ruins.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**, vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GONÇALVES, José. **A prosperidade à luz da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GOODALL, Wayde. **O sucesso que mata**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GUINESS, Os. **Os sete pecados capitais**. São Paulo: Shedd, 2006.

KIRK, Russell Amos. **The conservative mind**: from Burke to Eliot. Washington DC: Regnery Publishing, 2001.

KOLATCH, Alfred J. **Livro judaico dos porquês**. 5. ed. São Paulo: Editora e Livraria Sefêr, 1998.

PACKER, J. I. Neemias — **paixão pela fidelidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

PFEIFFER, Charles E; VOS, Howard E; REA, John. **Dicionário Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **O sofrimento e a soberania de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

RICHARDS, Lawrence O. **Guia do leitor da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, p. 245.

TINDER, Glenn. **Political thinking: the perennial questions**. New Jersey: Pearson Education / Longman Publisher Group, 2003.

UNGER, Merril E; WHITE JR., William. **Dicionário Vine**. 1. ed.

Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

Vencendo as aflições da Vida

A vida sempre foi cheia de desafios. Alguns deles são ultrapassados com facilidade, mas outros, apenas com a ajuda de Deus e do companheirismo cristão, por meio de assistência e aconselhamento. Como deve um crente portar-se diante da violência social que cerca nossa nação e o mundo? Com que perspectiva a igreja deve encarar a morte ou a ausência de recursos mínimos dentro dos lares de seus membros? Como reagir quando um filho, criado na igreja, torna-se rebelde e despreza até mesmo a Palavra de Deus?

Nesta obra, os autores abordam temas atuais, como:

- *Enfermidades*
- *Morte*
- *Violência*
- *Escassez de recursos*
- *Casamentos mistos*
- *Rebeldia de filhos*
- *Dívidas*
- *Inveja*
- *Abandono por outras pessoas*
- *Motivações que nos movem em nossas atividades*

É possível passar por esses desafios e, acima de tudo, honrar a Deus tendo uma perspectiva acertada e bíblica diante de todas as circunstâncias descritas acima.

ISBN 852630200-0

9 788526 302006